

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

LUCAS LIMA MARTINS FRIDMAN



INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE ENTRE OS MANUSCRITOS DO
MAR MORTO E A LITERATURA PROTOCRISTÃ

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 25/03/2025.

VITÓRIA-ES

2025

LUCAS LIMA MARTINS FRIDMAN

INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE ENTRE OS MANUSCRITOS DO
MAR MORTO E A LITERATURA PROTOCRISTÃ



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Sergio Luiz Marlow

VITÓRIA-ES

2025

Fridman, Lucas Lima Martins

Interdiscursividade e intertextualidade entre os Manuscritos do Mar Morto e a Literatura Protocristã / Lucas Lima Martins Fridman. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

viii, 114 f. ; 31 cm.

Orientador: Sergio Luiz Marlow

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

Referências bibliográficas: f. 107-114

1. Ciência da religião. 2. Religião e Espaço Público. 3. Manuscritos do Mar Morto. 4. Interdiscursividade. 5. Intertextualidade. 6. Literatura Protocristã. -Tese. I. Jucilene Lucas Lima Martins Fridman. II. Faculdade Unida de Vitória, 2025. III. Título.

LUCAS LIMA MARTINS FRIDMAN

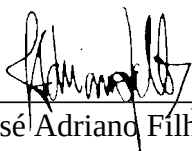
INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE ENTRE OS MANUSCRITOS DO
MAR MORTO E A LITERATURA PROTOCRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 25 mar. 2025.



Sergio Luiz Marlow, Doutor em História Social, UNIDA (presidente).



José Adriano Filho, Doutor em Ciências das Religiões, UNIDA.



Fernando Mattioli Vieira, Doutor em História, UPE.

AGRADECIMENTO

A HaShem, meu eterno agradecimento pelo dom da vida, pela inteligência concedida e pela capacidade de pesquisar, aprender e transmitir conhecimento. Sem a Sua bondade e graça, nada disso seria possível.

À minha esposa, Pamela Fridman, por seu amor incondicional, paciência e apoio inabalável em todos os momentos. Aos meus pais, irmão e família, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a alcançar meus objetivos, oferecendo amor e encorajamento contínuos.

Aos meus patrocinadores e amigos, Benivaldo e Teresa, que acreditaram no meu potencial e me ajudaram a tornar este sonho uma realidade.

Aos meus melhores amigos, Rafael Camargo, Alexlender Farias, Rodrigo Toledo, Sandro Fortes e Felipe Torresi, por sua amizade sincera, pelo companheirismo e apoio incondicional.

Aos amigos e família de coração: Luciana Brotto, André Guimarães, Jozelito, Edmea, Guilherme, Nilson, João e família, Almir, Hevellyn, Pedro e João, João Marcello, Wallace Soares, Luiz Felipe, Samuel Aquino e Kaio Barreto, cuja presença e apoio foram essenciais ao longo deste caminho.

Aos meus professores e, especialmente, ao meu orientador, que, com sua orientação e paciência, me conduziram e enriqueceram esta jornada acadêmica.

A todos vocês, minha sincera gratidão. Este trabalho é também um reflexo do apoio, amor e incentivo que recebi de cada um.

RESUMO

A pesquisa investiga a complexa interdiscursividade e intertextualidade entre os Manuscritos do Mar Morto e a literatura do período do Segundo Templo. Procura-se responder a seguinte questão-problema: quais relações interdiscursivas e intertextuais ocorrem entre os Manuscritos do Mar Morto e os textos cristãos originários e como analisá-las e aplicá-las a partir da área das Ciências das Religiões? O referencial teórico da pesquisa está estruturado em torno das ideias de Bakhtin e Kristeva, respectivamente, a partir da utilização dos conceitos de interdiscursividade – ou dialogismo – e intertextualidade. Isso será realizado através da pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, documental e exploratória. Em sua estrutura tripartida, os Manuscritos do Mar Morto são contextualizados historicamente, a partir do contexto de sua descoberta, suas subdivisões até as possíveis implicações para a área das Ciências das Religiões. Depois, procura-se localizar a interdiscursividade e a intertextualidade entre esses manuscritos com parte dos textos cristãos originários, encontrados no Segundo Testamento. Por último, apresenta-se a proposta profissional da pesquisa, que consiste no desenvolvimento de uma metodologia a ser executada na perspectiva da interdiscursividade e da intertextualidade entre os *corpora* analisados na pesquisa. Defende-se a hipótese de que o discurso cristão manifesto em uma parte da literatura do Segundo Templo é perpassado por temas e ideias cristalizadas nos Manuscritos do Mar Morto. Portanto, a interdiscursividade e a intertextualidade pressupõem uma origem comum entre essas literaturas no judaísmo antigo, o que evidencia a pluralidade de judaísmos que marcava o período do Segundo Templo.

Palavras-chave: Manuscritos do Mar Morto. Interdiscursividade. Intertextualidade. Ciências das Religiões.

ABSTRACT

This research investigates the complex interdiscursivity and intertextuality between the Dead Sea Scrolls and the literature of the Second Temple period. It seeks to answer the following question: what interdiscursive and intertextual relations occur between the Dead Sea Scrolls and the original Christian texts and how can they be analyzed and applied from the perspective of the field of Religious Studies? The theoretical framework of the research is structured around the ideas of Bakhtin and Kristeva, respectively, using the concepts of interdiscursivity – or dialogism – and intertextuality. This will be done through bibliographical research, of a qualitative, documentary and exploratory nature. In its tripartite structure, the Dead Sea Scrolls are contextualized historically, from the context of their discovery, their subdivisions to the possible implications for the field of Religious Studies. Then, we seek to locate the interdiscursivity and intertextuality between these manuscripts and part of the original Christian texts found in the Second Testament. Finally, we present the professional proposal of the research, which consists of developing a methodology to be implemented from the perspective of interdiscursivity and intertextuality between the corpora analyzed in the research. We defend the hypothesis that the Christian discourse manifested in a part of the literature of the Second Temple is permeated by themes and ideas crystallized in the Dead Sea Scrolls. Therefore, interdiscursivity and intertextuality presuppose a common origin between these literatures in ancient Judaism, which highlights the plurality of Judaisms that marked the period of the Second Temple.

Keywords: Dead Sea Scrolls. Interdiscursiveness. Intertextuality. Study of Religious.

PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO E SUA RELEVÂNCIA PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	11
1.1 Considerações terminológicas: judaísmo, cristianismo e identidades discursivas	11
1.2 Contextualização da descoberta	13
1.3 A comunidade de Qumran: essênios ou zadoquitas? Um debate sobre a identidade do grupo	23
1.4 Relações iniciais entre os Manuscritos do Mar Morto e a literatura protocristã do Segundo Testamento	28
1.5 Importância dos Manuscritos do Mar Morto para as Ciências das Religiões	31
2 INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE ENTRE OS MANUSCRITOS DE QUMRAN E OS TEXTOS CRISTÃOS ORIGINÁRIOS DO SEGUNDO TESTAMENTO.	35
2.1 Relação entre interdiscursividade, intertextualidade e as Ciências das Religiões.....	35
2.2 Interdiscursividade e intertextualidade entre os MQ e o Segundo Testamento	45
2.3 Pecado, expiação e graça nos manuscritos em comparação às cartas de Paulo	63
2.4 4QMMT e as epístolas paulinas	67
3 PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DOS MANUSCRITOS DO MAR MORTO A PARTIR DAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES.....	72
3.1 O acesso aos Manuscritos do Mar Morto a partir das Ciências das Religiões	72
3.2 Metodologia para interdiscursividade e intertextualidade a partir das Ciências das Religiões	79
3.2.1 Etapas metodológicas aplicadas à análise interdiscursiva e intertextual de textos religiosos	87
3.3 Ciclo de palestras: a interdiscursividade e intertextualidade nos Manuscritos do Mar Morto em diálogo com outros corpora religiosos.....	89
CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

A pesquisa investiga a complexa interdiscursividade e intertextualidade entre os Manuscritos do Mar Morto (MMM)¹ e o Segundo Testamento². Trata-se de uma investigação situada no cerne dos estudos sobre as inter-relações textuais e religiosas entre o judaísmo do Segundo Templo³ e o cristianismo primitivo. Esse tema revela-se com uma singular relevância, uma vez que se debruça sobre a comparação entre dois *corpora* literários que emergem em contextos culturais e religiosos que, embora distintos, compartilham elementos substanciais. A delimitação do tema circunscreve-se na análise textual e discursiva, com ênfase na identificação de elementos discursivos que apontam para uma continuidade ou, alternativamente, uma ruptura entre as tradições judaicas representadas nos Manuscritos de Qumran e aquelas que se manifestam na literatura protocristã.

Os MMM, descobertos a partir de 1947 nas proximidades de Qumran, representam uma vasta coleção de textos que incluem escritos bíblicos, apócrifos e documentos da comunidade Qumranita. No conjunto, eles oferecem uma visão incomparável sobre as práticas e crenças de um grupo judaico do período do Segundo Templo. Por outro lado, o Segundo Testamento, compilado nas primeiras décadas da Era Comum (EC), apresenta o surgimento do cristianismo que, embora emergente de um contexto judaico, desenvolve um discurso que se pretende inovador. A presente pesquisa busca, desse modo, explorar a hipótese de que, contrariamente à visão tradicional de originalidade, muitos dos discursos contidos no Segundo Testamento já encontram precedentes nos MMM. Essa interdiscursividade e intertextualidade sugerem uma origem comum de ambos no judaísmo antigo, evidenciando a pluralidade de “judaísmos” que caracterizava o ambiente do Segundo Templo.

Com efeito, a questão central que orienta esta investigação pode ser formulada nos seguintes termos: quais relações interdiscursivas e intertextuais ocorrem entre os MMM e a literatura protocristã do Segundo Testamento e como analisá-las e aplicá-las a partir da área das Ciências

¹ Para efeito de diferenciação, os MMM é uma terminologia geral que abrange toda literatura encontrada na região do Mar Morto, ao passo que a terminologia Manuscritos de Qumran (MQ) refere-se aos manuscritos localizados em Qumran. Saiba mais em: SCHIFFMAN, Lawrence H. *The Halakhah at Qumran*. Leiden: E. J. Brill, 1975. p. 21.

² Utiliza-se aqui deliberadamente o termo “Segundo Testamento” em substituição à expressão tradicional “Novo Testamento”, com o intuito de adotar uma nomenclatura mais neutra e descritiva. A escolha visa evitar pressupostos teológicos associados à noção de “novidade” ou “substituição” implícita na terminologia confessional, favorecendo uma abordagem histórica e discursiva que reconhece a literatura cristã originária como uma das manifestações do campo religioso judaico em transformação no início da era comum.

³ Corresponde ao período entre o final do séc. IV a.C. ao séc. I d.C. Para mais informações, leia: WRIGHT, Nicholas T. *O Novo Testamento e o povo de Deus: origens cristãs e a questão de Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022. p. 63.

das Religiões? A análise dessa problemática envolve não apenas a identificação de paralelos temáticos e linguísticos entre os dois *corpora* literários, mas, também, a compreensão dos contextos históricos e sociais que possibilitaram tais intersecções textuais e discursivas.

Ao questionar a originalidade do discurso cristão, a pesquisa não busca negar a singularidade do cristianismo como movimento religioso, e sim compreender as suas raízes profundas no judaísmo do Segundo Templo. A problemática, portanto, desafia a visão tradicional de ruptura entre judaísmo e cristianismo nos primeiros séculos,⁴ propondo uma perspectiva de origem e influência mútua. Logo, tem-se como hipótese incipiente que o discurso cristão, tal como apresentado no Segundo Testamento, não é inteiramente original, visto que muitos dos temas e ideias presentes nesse *corpus* já se encontram nos MMM.

Sugere-se que ambos os conjuntos textuais compartilham uma origem comum no judaísmo antigo, e que o ambiente do Segundo Templo, caracterizado pela pluralidade de práticas e crenças judaicas, foi propício para o desenvolvimento dessas ideias. A interdiscursividade e a intertextualidade entre os textos de Qumran e o Segundo Testamento revela, portanto, uma continuidade de tradições e pensamentos que foram adaptados e reinterpretados em seus contextos e necessidades religiosas. Compreende-se que o cristianismo, em seu nascedouro, deve ser visto como uma das muitas manifestações do judaísmo do Segundo Templo, antes mesmo de se afirmar como uma religião distinta. O estudo da intertextualidade e da interdiscursividade entre esses textos é, assim, crucial para uma compreensão mais profunda das origens do cristianismo.

A motivação para desenvolver esta pesquisa está intrinsecamente ligada à trajetória pessoal e acadêmica do autor. Como judeu, mas pertencente a uma família com um lado paterno cristão e um lado materno judeu, ele vivenciou e refletiu sobre as intersecções entre diferentes tradições religiosas. Essa experiência despertou um interesse profundo pelas dinâmicas de interação e troca entre essas tradições, especialmente no que diz respeito às suas narrativas, práticas e textos fundacionais. Além disso, a formação acadêmica em Ciências Sociais e Linguística intensificou a afinidade pelas relações intertextuais e interdiscursivas, levando o autor da pesquisa a explorar de que maneira os textos de diferentes épocas e contextos se influenciam mutuamente e moldam práticas culturais e religiosas.

Atualmente, o autor da pesquisa se dedica ao estudo da hermenêutica judaica, das línguas semíticas e da cultura judaica, com um foco especial nos MMM. A relevância dessa pesquisa

⁴ SELVATICI, Monica. Construção de fronteiras entre o judaísmo e o Cristianismo no Império Romano: os judaizantes e a retórica antijudaica no movimento cristão dos séculos I e II d. C. *Revista Romanitas*, São Paulo, n. 1, p. 23-37, 2013. p. 27.

para o contexto brasileiro é inegável, considerando que, apesar da riqueza dos textos encontrados em Qumran, sua exploração acadêmica no Brasil ainda é incipiente. Compreender esses manuscritos não apenas contribui para o aprofundamento do conhecimento sobre o judaísmo antigo e as suas práticas interpretativas, mas, também, enriquece os debates interdisciplinares no campo das Ciências das Religiões, promovendo um diálogo inovador entre os estudos linguísticos, culturais e religiosos.

Para análise do objeto da pesquisa, o referencial teórico se estrutura a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva, explorando, respectivamente, os conceitos de interdiscursividade – que, na literatura de Bakhtin emerge como dialogismo – e intertextualidade. A noção de interdiscursividade ajudará a localizar a teia de relações entre discursos – relações dialógicas – que perpassam os MMM e a literatura cristã originária.⁵ A categoria intertextualidade é correspondente às relações dialógicas que envolvem enunciados materializados em textos. Dito de outra forma, trata-se do processo de incorporação de um texto em outro, podendo ele reproduzir um sentido incorporado ou transformado. Com esse conceito, os MMM e a literatura do cristã originária serão tratados como unidades de manifestação de discursos portadoras de múltiplas vozes.⁶

O objetivo central desta pesquisa consiste em realizar uma análise detalhada de alguns textos dos MMM, especificamente os corpora dos Manuscritos de Qumran, e do Segundo Testamento, mormente 4QMMT e as epístolas paulinas, com o intuito de evidenciar os interdiscursos presentes entre eles. Esta análise será conduzida através de um estudo comparativo que busca identificar paralelos discursivos, temáticos e culturais, a partir do referencial teórico supramencionado, visando explorar a continuidade entre o judaísmo do Segundo Templo e o cristianismo primitivo.

Além disso, a pesquisa pretende contribuir para o campo das Ciências das Religiões, oferecendo uma nova perspectiva sobre as origens do cristianismo e sua relação com o judaísmo, a partir dos MMM. Ao evidenciar a interdiscursividade entre esses textos, esta dissertação visa desafiar as concepções tradicionais de originalidade no discurso cristão, propondo uma visão mais nuançada das relações entre as duas tradições religiosas.

A metodologia adotada nesta pesquisa será multifacetada, envolvendo a pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, documental e exploratória. Através da pesquisa bibliográfica, reúne-se o material literário a partir dos campos das Ciências das Religiões, da Arqueologia bíblica, da

⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993. p. 32.

⁶ KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 64.

Análise do Discurso e áreas correlatas. Para tanto, serão consultados livros, artigos, teses e dissertações mestrado. A partir da pesquisa documental, empreende-se uma análise dos Manuscritos de Qumran e dos textos cristãos originários, mormente do manuscrito 4QMMT e as epístolas paulinas. A partir dessas análises, levantam-se hipóteses incipientes, o que configura o caráter exploratório da pesquisa. Essa abordagem metodológica permitirá uma investigação rigorosa e abrangente das questões centrais levantadas na pesquisa, proporcionando uma base sólida para as conclusões que serão apresentadas ao final da dissertação.

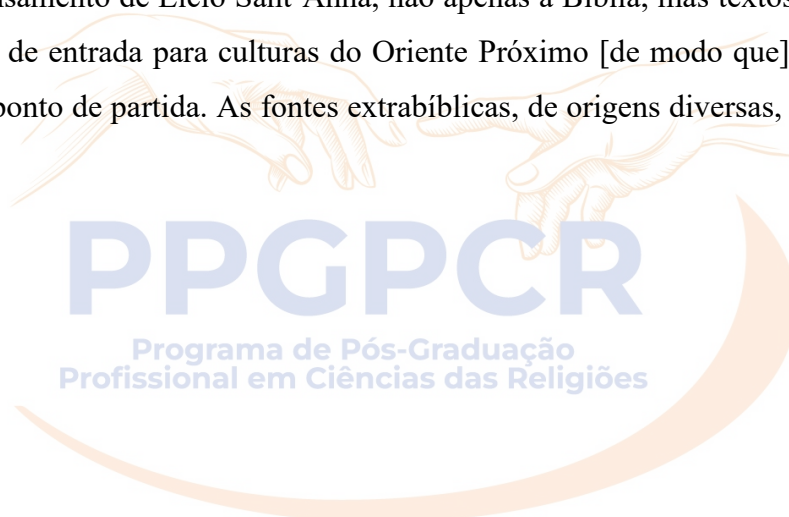
Para alcançar seus objetivos específicos, a pesquisa se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo explora os MMM, contextualizando-os historicamente a partir de sua descoberta e possíveis implicações para o campo das Ciências das Religiões. Aborda-se a história dos manuscritos de Qumran, prestigiando as contribuições e os principais desafios da Arqueologia em catalogar e interpretar esses *corpora*. A pesquisa será delimitada aos Manuscritos encontrados em Qumran, um sítio arqueológico situado nas Cisjordânia conhecido pela sua proximidade com as cavernas de Qumran, nas quais foram descobertos os MMM.

Apresenta-se a divisão dos conteúdos dos textos, a partir de sua classificação, para desenvolver uma compreensão sobre as diferentes tipologias que marcam essa coleção literária com destaque para as características e relevância para a comunidade de Qumran. O capítulo situa a discussão da literatura qumranita para as Ciências das Religiões, sobretudo no que diz respeito às pesquisas em torno das origens do cristianismo, da diversidade do judaísmo do Segundo Templo bem como do desenvolvimento do imaginário messiânico e apocalíptico da época.

O segundo capítulo analisa a interdiscursividade e a intertextualidade existente entre os MMM e a literatura protocristã do Segundo Testamento. Objetiva-se explorar o modo como essas literaturas dialogam entre si e desvelam uma continuidade e transformação do imaginário religioso da época. Discute-se a relação entre interdiscursividade, intertextualidade e Ciências das Religiões, apresentando o referencial teórico da pesquisa, a partir do pensamento de Bakhtin e Kristeva, com o interesse de estabelecer uma base teórica para a análise subsequente. Além de analisar a interdiscursividade e intertextualidade entre os MMM e a literatura do Segundo Testamento, aborda-se a concepção de Nova Aliança e como ela desenvolve naqueles *corpora* a intersecção de ideias que conectam o judaísmo do Segundo Templo e o cristianismo emergente. Ganham destaque a figura de João Batista e suas práticas, o tema da justiça social

como um tema central nos MQ, no intuito de evidenciar a complexa interdiscursividade que perpassa o cristianismo e o judaísmo naquela época.

O terceiro capítulo reúne as contribuições dos capítulos precedentes para, então, apresentar a proposta profissional da pesquisa. Propõe-se a entrega de uma proposta metodológica a ser executada na perspectiva da interdiscursividade e intertextualidade entre os MMM e a literatura geral do Segundo Templo, que pode ficar à escolha do pesquisador, em seus diversos períodos e complexidades sociais, através da realização de um ciclo de palestras, que será ofertado sobretudo para cientistas das religiões que demonstrem pleno interesse por esse tipo de análise e literatura. O capítulo procura demonstrar a relevância do acesso aos textos antigos a partir das Ciências das Religiões, uma vez que considera, de antemão, que a “erudição multidisciplinar [desse campo] lhe permite usar vários instrumentos necessários”⁷, para propósitos congêneres. À luz do pensamento de Elcio Sant’Anna, não apenas a Bíblia, mas textos similares emergem “como porta de entrada para culturas do Oriente Próximo [de modo que], para o cientista da religião é o ponto de partida. As fontes extrabíblicas, de origens diversas, são também objetos de estudo”⁸.



⁷ MENDONÇA, Antônio, 2000 *apud* SANT’ANNA, Elcio. *Literatura e religião bíblica: um acesso a partir das Ciências da Religião*. São Paulo: Reflexão, 2010. p. 14.

⁸ SANT’ANNA, 2010, p. 17-18.

1 OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO E SUA RELEVÂNCIA PARA AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

O objetivo deste primeiro capítulo consiste em explorar os MMM e oferecer uma contextualização histórica de sua descoberta e suas possíveis implicações para o campo das Ciências das Religiões. Inicia-se com uma abordagem histórica acerca dos manuscritos de Qumran, prestigiando as contribuições e os principais desafios da Arqueologia em catalogar e interpretar esses *corpora*. Apresenta-se, na sequência, a divisão dos conteúdos dos textos, a partir de sua classificação, no intuito de compreender com clareza as diferentes tipologias que marcam essa coleção literária com destaque para as características e relevância para a comunidade de Qumran. Este capítulo é importante para situar a discussão da literatura qumranita para as Ciências das Religiões, sobretudo no que diz respeito às pesquisas em torno das origens do cristianismo, da diversidade do judaísmo do Segundo Templo bem como do desenvolvimento do imaginário messiânico e apocalíptico da época.

1.1 Considerações terminológicas: judaísmo, cristianismo e identidades discursivas

A terminologia empregada nesta dissertação exige uma breve reflexão crítica. Os termos “judaísmo” e “cristianismo”, por mais difundidos que sejam nas análises contemporâneas, não designam entidades fixas ou homogêneas nos períodos abordados. Ambos os conceitos são produtos de construções discursivas e de disputas internas e externas ocorridas ao longo dos séculos anteriores e posteriores ao início da era comum, e sua utilização sem problematização pode incorrer em anacronismos ou essencialismos.

Daniel Boyarin observa que as fronteiras entre judaísmo e cristianismo não estavam claramente estabelecidas nos primeiros séculos da era comum. Para ele, “cristianismo e judaísmo emergem juntos e mutuamente constituem-se como religiões distintas através de processos de fronteirização e exclusão mútua”⁹. Essa perspectiva contrasta com abordagens tradicionais que tratam ambas as tradições como já plenamente formadas no século I da era comum. A historiografia mais recente tem enfatizado que, ao menos até o final do século II E.C., o que hoje se entende por cristianismo ainda estava fortemente vinculado a formas plurais de judaísmo.

⁹ BOYARIN, Daniel. *Border Lines: The Partition of Judaeo-Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 17.

De modo semelhante, Paula Fredriksen argumenta que “os seguidores de Jesus não viam a si mesmos como fora do judaísmo, mas como parte de sua renovação escatológica”¹⁰. Essa concepção implica compreender o cristianismo primitivo não como um novo sistema religioso, mas como um discurso concorrente no interior da ampla constelação de expressões do judaísmo do Segundo Templo. Tal entendimento encontra apoio também em James D. G. Dunn, que denomina esse processo como *the parting of the ways*, ressaltando que essa separação não foi instantânea, mas gradual e conflitiva¹¹.

Neste trabalho, “judaísmo do Segundo Templo” será entendido como um conceito-guarda-chuva que abriga diversas tendências, grupos e movimentos religiosos que coexistiram e disputaram legitimidade dentro do universo judaico do período compreendido entre o retorno do exílio babilônico e a destruição do Segundo Templo em 70 E.C. Isso inclui fariseus, saduceus, qumrânicos e outros grupos menos documentados. Tal abordagem alinha-se à compreensão de Jonas Machado, para quem “o judaísmo do Segundo Templo era caracterizado por uma pluralidade de discursos, práticas e instituições que não se coadunam com uma representação unitária”¹².

Já a expressão “cristianismo primitivo” será usada como categoria funcional, e não identitária, para designar os textos e práticas das comunidades que, a partir da figura de Jesus de Nazaré, desenvolveram discursos religiosos próprios, ainda que em íntima interlocução com as tradições judaicas. Como aponta Monica Selvatici, a constituição do cristianismo primitivo implicou um “processo de diferenciação simbólica e discursiva, marcado pela retórica antijudaica e pela reinterpretação das Escrituras”¹³.

Por essa razão, a análise da interdiscursividade entre os Manuscritos de Qumran e os textos cristãos originários exige atenção redobrada à fluidez das identidades religiosas no período em questão. Os corpora analisados não apenas revelam tensões internas ao judaísmo antigo, mas também fornecem dados para compreender como certas vertentes se reconfiguraram em discursos identitários posteriormente identificados como cristãos. A proposta metodológica adotada nesta dissertação parte do pressuposto de que esses textos são manifestações

¹⁰ FREDRIKSEN, Paula. “How Jewish Is God?” In: MASON, Steve (org.). *Early Christian Reader: An Interfaith Perspective*. Grand Rapids: Eerdmans, 2016, p. 91.

¹¹ DUNN, James D. G. *The Partings of the Ways: Between Christianity and Judaism and Their Significance for the Character of Christianity*. London: SCM Press, 2011.

¹² MACHADO, Jonas. *Do judaísmo ao cristianismo: continuidade e ruptura na tradição bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 108.

¹³ SELVATICI, Monica. *Identidade cristã e alteridade judaica: o discurso antijudaico nas origens do cristianismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 24.

discursivas situadas, e que a rigidez categorial pode obscurecer as interações, continuidades e disputas que os constituem.

Com isso, reafirma-se o compromisso das Ciências das Religiões com abordagens críticas e contextuais. Tal perspectiva não busca dissolver as tradições em um relativismo radical, mas sim apreender sua historicidade e complexidade. Como resume Jonathan Z. Smith, “religião não é uma categoria nativa. Trata-se de uma categoria imposta externamente pelos estudiosos em sua análise do comportamento humano”¹⁴. Aplicar esse princípio ao uso das categorias “judaísmo” e “cristianismo” é, portanto, condição metodológica indispensável para a análise que se propõe neste trabalho.

1.2 Contextualização da descoberta

A descoberta dos MMM, entre 1947 e 1956, nas proximidades de Qumran, ao noroeste do Mar Morto, foi um evento de suma importância para a Arqueologia e os estudos bíblicos.¹⁵ Esses manuscritos, que incluem os textos mais antigos conhecidos da Tanakh, além de uma ampla variedade de escritos apócrifos e pseudoepígrafos, revolucionaram a compreensão do judaísmo durante o período do Segundo Templo e suas relações com o surgimento do cristianismo.¹⁶ Tal achado ocorreu por acaso, quando um pastor beduíno, buscando uma cabra perdida, encontrou jarros de barro contendo pergaminhos em uma caverna próxima a Qumran. Essa descoberta inicial levou a expedições arqueológicas que revelaram onze cavernas contendo milhares de fragmentos de manuscritos, que, juntos, compõem quase novecentos textos diferentes.¹⁷ Como observa John J. Collins:

A descoberta dos manuscritos de Qumran proporcionou um novo acesso a um vasto corpo de literatura judaica, anteriormente desconhecida, que permite uma compreensão mais profunda do pensamento religioso judaico durante o Segundo Templo.¹⁸

¹⁴ SMITH, Jonathan Z. *Imagining Religion: From Babylon to Jonestown*. Chicago: University of Chicago Press, 1982, p. xi.

¹⁵ Os MMM foram encontrados em diversos lugares da região do Mar Morto até o extremo sul, em Massada, em períodos que se estendem para além do Segundo Templo. A mais rica coleção foi encontrada nas Cavernas de Qumran. Para mais detalhes, consulte: SILVA, Valmor. Do Mar Morto ao Brasil: história das publicações sobre os Manuscritos de Qumran, dos inícios a 2003. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 34, n. 136, p. 406-416, 2017. p. 406-416.

¹⁶ VANDERKAM, J. “Os manuscritos do Mar Morto e o Cristianismo”. In: SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 193.

¹⁷ VIEIRA, Fernando M. *Manuscritos do Mar Morto: 70 anos da descoberta*. São Paulo: Humanitas, 2017. p. 7-8.

¹⁸ COLLINS, John J. *Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls*. London: Routledge, 1997. p. 3.

A partir de uma perspectiva sociológica, como proposto por John Joseph Collins e Robert A. Kluger, em uma análise da Sociologia da Religião, é possível entender como a religião, não apenas o conjunto de crenças, mas a força organizadora e estruturante das comunidades, desempenhou um papel central na vida dos habitantes de Qumran. Wach argumenta que “a religião não é apenas uma questão de crença individual, mas envolve práticas comunitárias que moldam e refletem a estrutura social”¹⁹. Nesse sentido, os MMM oferecem uma visão detalhada da vida religiosa comunitária, evidenciando um grupo fortemente unido por normas e rituais rigorosos e uma interpretação particular das escrituras. Tais evidências comunitárias também nos serão úteis nas próximas páginas ao discutir a identidade desse grupo intrajudaico.

Emanuel Tov, especialista em crítica textual, sublinha a importância dos manuscritos para o estudo da transmissão textual da Tanakh, afirmando que “os textos de Qumran revelam uma diversidade textual que era desconhecida até então, oferecendo *insights* sobre as práticas de cópia e interpretação dos textos bíblicos”²⁰. A descoberta desses manuscritos também desafia as suposições anteriores sobre a uniformidade do texto bíblico durante o período do Segundo Templo, revelando uma multiplicidade de versões e interpretações que coexistiam na época.

Um dos objetivos dessa dissertação consiste em fornecer uma visão acadêmica, a partir dos conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, à luz do pensamento de Bakhtin e Kristeva, respectivamente, de que as ideias do protocristianismo não eram tão originais como se tem crido. É muito provável, como será demonstrado no segundo capítulo, que haja uma interdiscursividade e intertextualidade muito grande entre os MMM e os textos protocristãos do segundo testamento.

A pesquisa acadêmica tem avançado na descoberta de relações entre os MMM e o Segundo Testamento, sobretudo em relação às cartas paulinas, revelando uma interdiscursividade significativa que aponta temas comuns entre as comunidades judaica e cristã do primeiro século. Daniel Falk, por exemplo, refletiu sobre a relação desse *corpus* literário e as figuras centrais do Segundo Testamento com as crenças e práticas exibidas nos manuscritos.²¹ Não é difícil encontrar obras que discutem a relação de Jesus, João Batista e Paulo com essas crenças e práticas, bem como com o *Apocalipse de João* e a literatura enóquica. Estudiosos como

¹⁹ COLLINS, John J.; KLUGER, Robert A. *Religion in the Dead Sea Scrolls*. Cambridge: WB Eerdmans Publishing Company, 2000. p. 81.

²⁰ TOV, Emanuel. *Textual criticism of the Hebrew Bible*. 2. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2001. p. 21.

²¹ FALK, Daniel K. The contributions of the Qumran Scrolls to the Study of Ancient Jewish Liturgy. In: COLLINS, John J.; LIM, T. H. (eds.). *The Oxford Handbook of the Dead Sea Scrolls*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 617-651.

Florentino García Martínez²² e John J. Collins²³ exploraram essas conexões detalhadamente. Além disso, Joseph A. Fitzmyer²⁴ e Craig A. Evans, e juntamente com Peter W. Flint,²⁵ também analisam como essas figuras e textos se relacionaram com as tradições apocalípticas e literaturas associadas a Enoque.

Como mencionado anteriormente, na primavera de 1947, os jovens pastores da tribo *Ta'amireh* encontraram aquele que seria um dos achados mais significativos para arqueólogos, historiadores e biblistas. Muhammed edh-Dhib estava procurando uma de suas cabras na margem ocidental do Mar Morto, próximo a um rochedo, quando jogou uma pedra em uma caverna. Ele escutou um jarro se quebrando que despertou sua curiosidade e, ao adentrar na caverna, no dia seguinte, encontrou jarros com rolos de couro com uma inscrição que não reconheceu. Esses rolos eram cópias do livro bíblico de Isaías (1Qsa¹), um comentário de Habacuque (1QpHab) e o Manual de Disciplina (1Qs).²⁶

O processo de descoberta e subsequente comercialização dos MMM foi marcado por uma série de eventos que não apenas revelaram textos antigos de imenso valor histórico e religioso, mas também geraram controvérsias e desafios para a preservação desses documentos.

Inicialmente, em 1947, foram encontrados onze rolos em uma caverna próxima a Qumran, no deserto da Judeia. Esses rolos representavam os primeiros fragmentos de uma vasta coleção que mais tarde seria descoberta em outras cavernas da região. Entre os textos iniciais estavam partes do *Livro de Isaías*, um *Comentário de Habacuque*, o *Manual de Disciplina* e outros escritos que indicavam a existência de uma comunidade religiosa rigorosamente organizada. Como mencionado, o primeiro contato com esses manuscritos ocorreu de maneira informal, com beduínos locais encontrando os textos e, sem compreender totalmente seu valor, negociando-os com comerciantes de antiguidades.

Desses onze rolos iniciais, cinco chegaram às mãos do metropolitano Samuel, líder da Igreja Ortodoxa Síria, que os adquiriu de beduínos em Belém. Esse acervo incluía, entre outros, uma versão completa do *Livro de Isaías*. Samuel, ciente do potencial valor histórico e religioso dos rolos, tentou encontrar um comprador que pudesse apreciar sua importância. Em 1954, ele

²² MARTÍNEZ, Florentino G. *The Dead Sea scrolls translated: the Qumran texts in English*. 2. ed. Leiden: Brill, 2004. p. 39.

²³ COLLINS, John J. *The apocalyptic imagination: an introduction to Jewish apocalyptic literature*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010a. p. 19-21.

²⁴ FITZMYER, Joseph A. *The Dead Sea Scrolls and Christian Origins*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. p. 41.

²⁵ EVANS, Craig A.; FLINT, Peter W. *Eschatology, messianism and the Dead Sea Scrolls*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997. p. 81.

²⁶ PRICE, Randall. *The Stones Cry Out: What Archaeology Reveals About the Truth of the Bible*. Eugene: Harvest House Publishers, 2020. p. 219. Para mais informações, consulte: KAEFER, Elisabeth. *The Dead Sea Scrolls and the Origins of the Bible*. New York: Doubleday, 2012. p. 53.

colocou um anúncio no *The Wall Street Journal*, oferecendo os manuscritos para venda. Foi nesse contexto que os textos foram finalmente adquiridos pelo governo israelense e pela Universidade Hebraica de Jerusalém, que já havia comprado outros três manuscritos diretamente dos beduínos, logo após a descoberta inicial. Sukenik reconheceu imediatamente a importância dos textos e começou a estudá-los e preservá-los.²⁷

Entre 1947 e 1956, uma série de escavações arqueológicas sistemáticas revelou um total de 11 cavernas na região de Qumran, nas quais foram encontradas não apenas mais cópias de livros bíblicos, mas também uma ampla gama de outras literaturas judaicas, incluindo textos apócrifos, regras comunitárias, hinos e escritos apocalípticos. A descoberta de uma grande quantidade de fragmentos de manuscritos nas cavernas sugeria que a comunidade de Qumran, seja ela identificada como essênica ou zadoquita, possuía uma rica tradição literária e uma preocupação com a preservação dos textos sagrados.²⁸

A maioria dos manuscritos encontrados foi escrita em pergaminhos de couro e papiro, materiais comuns na época. No entanto, uma descoberta única foi o chamado *Rolo de Cobre*, que, ao contrário dos outros manuscritos, foi gravado em placas de cobre, sugerindo que o texto nele contido tinha uma importância especial ou exigia proteção extra devido ao seu conteúdo. Esse rolo, que apresenta uma lista de tesouros escondidos, continua a ser objeto de grande fascínio e debate entre os estudiosos.²⁹

O período de descoberta e comercialização inicial dos MMM foi, portanto, um tempo de grande excitação, mas também de incerteza. A fragmentação dos rolos entre diferentes colecionadores e instituições, a manipulação inadequada dos textos por aqueles que desconheciam sua fragilidade, e a dispersão dos fragmentos em várias partes do mundo, apresentaram desafios significativos para a preservação e estudo dos manuscritos. Geza Vermes comenta sobre este período como “um momento de descoberta milagrosa que rapidamente se tornou uma corrida contra o tempo para salvar e compreender os tesouros encontrados”³⁰.

A comercialização dos manuscritos, enquanto trazia riscos de perda ou deterioração, também foi crucial para garantir que esses textos fossem finalmente reconhecidos e estudados por especialistas qualificados. A aquisição dos manuscritos pela Universidade Hebraica de

²⁷ BROTZMAN, Ellis R.; TULLY, Eric J. *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. Grand Rapids: Baker Academic, 2021. p. 62.

²⁸ BROTZMAN, 2021, p. 62.

²⁹ SCHIFFMAN, Lawrence H. *Reclaiming the Dead Sea Scrolls: The History of Judaism, the Background of Christianity, and the Lost Library of Qumran*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1994. p. 45.

³⁰ VERMES, Geza. *The Story of the Scrolls: The Miraculous Discovery and True Significance of the Dead Sea Scrolls*. London: Penguin Books, 2011. p. 89.

Jerusalém, por exemplo, garantiu que uma parte significativa do acervo fosse preservada e estudada em condições adequadas. Desde então, o estudo e a preservação dos MMM têm sido realizados com o auxílio de tecnologias modernas, que continuam a revelar novas informações sobre esses textos e seu contexto histórico.³¹

A publicação completa dos MMM foi um empreendimento complexo e demorado, que se estendeu por cerca de quatro décadas. Durante esse período, numerosos estudiosos de diferentes países e especialidades se dedicaram ao estudo e à edição desses textos, dentre os quais Tov se destaca. Tov afirma que enfrentou desafios significativos devido à extrema fragilidade e antiguidade dos manuscritos. A conservação desses documentos exigiu técnicas avançadas e cuidadosas, garantindo que o processo de publicação não comprometesse a integridade dos textos.³²

Um marco importante nesse processo ocorreu, em 1990, quando Tov assumiu a coordenação da publicação dos manuscritos em parceria com o Departamento de Antiguidades de Israel (IAA). Sob sua liderança, houve um progresso notável na edição crítica e na divulgação dos textos de Qumran, permitindo que estudiosos ao redor do mundo tivessem acesso a esse vasto acervo de literatura judaica antiga. Segundo Tov, “o projeto de publicação dos MMM não só preservou esses textos inestimáveis, mas também abriu novas fronteiras na pesquisa acadêmica”³³.

A publicação desses manuscritos foi fundamental para o avanço dos estudos de crítica textual da Tanakh, oferecendo comparações entre as diversas versões dos textos bíblicos e revelando a multiplicidade de tradições textuais que coexistiam no período do Segundo Templo. Além disso, os manuscritos forneceram informações valiosas sobre as práticas religiosas, crenças e organização social da comunidade de Qumran, contribuindo significativamente para as pesquisas sobre o Judaísmo do Segundo Templo e suas interações com outras tradições religiosas emergentes, incluindo os textos cristãos originários.³⁴

A descoberta dos MMM transformou profundamente as pesquisas sobre o período do Segundo Templo, pois, até então, havia uma escassez significativa de fontes primárias para o estudo desse período crucial da história judaica. Antes da descoberta dos manuscritos, as principais

³¹ TOV, 2001, p. 33.

³² TOV, 2001, p. 21.

³³ TOV, 2001, p. 18.

³⁴ Judaísmo do Segundo Templo é o período da história judaica que se estende de Esdras até a queda do Templo de Jerusalém, no ano 70 EC. Nicholas Wright faz o seguinte comentário sobre esse período: “O judaísmo do Segundo Templo era uma mistura múltipla e vibrante daquilo que hoje poderíamos chamar de religião, fé, cultura e política. Saiba mais em: WRIGHT, Nicholas T. *Paul and the Faithfulness of God*. Minneapolis: Fortress Press, 2009. p. 30-38.

fontes disponíveis eram de natureza rabínica, especialmente a *Mishná*³⁵, o que limitava o escopo das investigações acadêmicas. Consequentemente, muitas pesquisas se concentravam na análise entre o texto bíblico e a *Mishná*, uma abordagem que, embora valiosa, enfrentava desafios significativos em termos de cronologia e representatividade das crenças e práticas da época.³⁶

O foco quase exclusivo na literatura rabínica, como a *Mishná*, gerava incertezas quanto à capacidade dessas fontes de refletir com precisão as crenças e práticas anteriores à destruição do Segundo Templo, no ano 70 EC. De acordo com Gabriele Boccaccini, havia uma dificuldade substancial em afirmar com segurança que as crenças farisaicas descritas nesses textos remontavam, de fato, ao período anterior ao ano 70 EC, o que restringia o entendimento acadêmico da diversidade religiosa daquela.³⁷

A análise dos MMM, no entanto, demonstrou que os debates e questões abordados na literatura rabínica de Hazal,³⁸ especialmente no que tange às práticas e crenças do Segundo Templo, têm raízes mais antigas do que se imaginava. Esses manuscritos oferecem evidências de que as discussões rabínicas posteriores, registradas na *Mishná*, refletem debates e práticas já presentes no período do Segundo Templo, ampliando significativamente o conhecimento acadêmico sobre esse período.

Particularmente, o entendimento das crenças e práticas sacerdotais, que antes se baseava quase exclusivamente na literatura rabínica, foi reavaliado à luz dos MMM. Como a *Mishná* foi compilada por rabinos que frequentemente se opunham aos saduceus,³⁹ grupo que dominava a

³⁵ A *Mishná* é uma literatura basilar do judaísmo rabínico. Trata-se da primeira grande compilação que reuniu a tradição oral judaica, a Torá Oral. Por isso, é um texto rico e complexo em detalhes, pois oferece um panorama profundo em torno das leis, dos costumes e das interpretações da Torá redigida. O vocábulo *Mishná* pode ser entendido como instrução, que é uma das funções da obra, isto é, repetir e/ou disseminar os ensinamentos recebidos pelas vias da oralidade pelos rabinos por gerações. Para mais informações, veja: GOMES, Silvio. “Dois ou três...”: a relação da *Mishná* e do Evangelho de Mateus com a tradição oral farisaica. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 492-499, 2024. p. 492-499.

³⁶ GOMES, 2024, p. 492-499.

³⁷ BOCCACCINI, Gabriele. *Roots of Rabbinic Judaism: An Intellectual History, from Ezekiel to Daniel*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010. p. 251-253.

³⁸ A literatura de Hazal refere-se aos textos e ensinamentos dos sábios judaicos conhecidos como “Hazal”, um acrônimo para “Hachamenu Zichronam Livracha” – Nossos Sábios, Que a Memória Deles Seja Uma Bênção. Hazal inclui rabinos e estudiosos que viveram durante o período do Segundo Templo, a era *Mishnáica* e a era *Talmúdica*, até cerca do século VI d.C. A literatura de Hazal abrange uma variedade de textos fundamentais para o judaísmo, incluindo a *Mishná*, a codificação da lei oral judaica organizada por Rabbi Yehuda HaNasi no século III; o *Talmude*, que consiste em comentários e debates sobre a *Mishná*, divididos em *Talmude de Jerusalém* e *Talmude Babilônico*, sendo este último o mais extenso e amplamente estudado; *Midrashim*, que são comentários exegéticos e homiléticos sobre os textos bíblicos, oferecendo interpretações, histórias e ensinamentos éticos; a *Tosefta*, uma compilação de tradições orais que complementam a *Mishná*; e *Baraítas*, que são ensinamentos excluídos da *Mishná*, mas ainda citados no *Talmude*. Esses textos são centrais para o estudo e a prática do judaísmo rabínico e continuam a ser estudados e debatidos por estudiosos e praticantes judeus até hoje.

³⁹ Saduceus designa um grupo, seita ou partido dentro do judaísmo antes do século I e durante ele. Usualmente supõe-se que o termo remonta ao nome próprio Zadoque (Heb. Sádôq; LXX Saddouk), o nome de vários

liderança do Templo,⁴⁰ surgia uma questão crítica na academia: até que ponto é seguro basear-se exclusivamente na literatura rabínica para teorizar sobre os saduceus e outras lideranças templárias?⁴¹ Esse questionamento ressalta a necessidade de uma análise crítica das fontes, levando em consideração os possíveis vieses e limitações inerentes às narrativas rabínicas do período.

Os MMM, nesse contexto, proporcionam uma base documental adicional que fortalece a segurança acadêmica nas pesquisas sobre o Segundo Templo. Esses manuscritos oferecem uma visão direta e contemporânea sobre o interesse da comunidade de Qumran em questões relacionadas ao Templo e à sua liderança, permitindo uma comparação mais rica e detalhada com a literatura rabínica de Hazal. Jonathan Smith argumenta que a inclusão de novas fontes, como os MMM, no estudo da religião, mostra-se essencial para evitar uma visão limitada e parcial dos fenômenos religiosos, possibilitando uma compreensão mais abrangente e contextualizada.⁴²

Assim, a contribuição dos MMM vai além do simples fornecimento de novas informações. Na verdade, eles desafiam as suposições anteriores e permitem uma reavaliação crítica das fontes tradicionais, enriquecendo o campo da pesquisa acadêmica sobre o Judaísmo do Segundo Templo.⁴³ A diversidade de textos encontrados exhibe um judaísmo plural e em desenvolvimento – ou judaísmos.⁴⁴ Os textos não canônicos de natureza apocalíptica e legal revelam expectativas e percepções diversas dos diferentes grupos e suas decepções com a casta sacerdotal. Se a literatura rabínica apresenta um interesse profundo em questões legais, os textos encontrados em Qumran lidam ademais com questões legais, com temáticas messiânicas, ritualísticas e apocalípticas de maneira mais enfocada.

Para além disso, os textos do deserto da Judeia também contribuíram para uma maior compreensão do movimento cristão em seus primórdios. Os evangelhos e os textos paulinos exibem debates entre Jesus e os fariseus, bem como entre Paulo e os fariseus sobre questões de ordem legal. Na análise de Silvio Gomes, por exemplo, no evangelho de Mateus, os fariseus:

sacerdotes, um dos quais vivia já no reinado de Davi (2Sm 15:24 e segs.; 17:15; 19: 11), que, juntamente com sua família, obteve o controle do sumo-sacerdócio e do templo no reinado de Salomão (1Rs 2:35; 1Cr 29:22). Saiba mais em: SCOTT, 2000, p. 2220.

⁴⁰ Um exemplo desta relação em termos religiosos pode ser observado no tratado da Mishná de Yoma quando ao se tratar dos ritos de Yom kippur os rabinos são quem dão todas as instruções de como tudo deveria acontecer. As instruções indicam constantemente o despreparo dos sacerdotes para executar os rituais necessários.

⁴¹ GOMES, 2024, p. 492-499.

⁴² SMITH, Jonathan Z. *Imagining religion: from Babylon to Jonestown*. Chicago: University of Chicago Press, 1982. p. 23.

⁴³ SMITH, 1982, p. 23.

⁴⁴ Para um estudo mais detalhado sobre a definição de Judaísmo e sua pluralidade, ver: DUNN, James D. G. *Jesus recordado: o Cristianismo em seus começos*. São Paulo: Biblioteca Teológica, 2022a. p. 345-387.

São maus (12,34-35,39,45), cegos (15,14; 23,16-17,19,24,26) e hipócritas (15,7; 23,13,15,23,25,27,29); não foram plantados por Deus (15,13), mas são como joio semeado pelo diabo que será queimado no final dos tempos (13,40); o reino de Deus será tirado deles por causa de sua falta de produtividade (21,43). A fala contra os escribas e fariseus culmina em 23,13-39. Uma passagem de tom incommumente feroz.⁴⁵

Herodianos e saduceus também aparecem nesses debates, porém sem o mesmo protagonismo dos fariseus. Temas como graça, justificação, misericórdia, sábado e Messias eram discutidos por esses grupos, porém, até a descoberta dos MMM, algumas compreensões sobre tais temas pareciam inovações do Segundo Testamento cristão para o mundo ocidental. O advento dos manuscritos trouxe consigo a possibilidade de verificar que tais temas também eram característicos da literatura judaica e que havia estreitas relações na forma como eram entendidos.

Os estudiosos tomaram posições diversas frente as semelhanças dos textos, alguns compreenderam inclusive que os MMM mudariam significativamente a interpretação dos textos do Segundo Testamento. Os estudos que buscavam entender o mundo dos primeiros cristãos, em grande medida, partiam de fontes gregas e latinas, porém, discutia-se agora uma possível dependência dos textos cristãos dos MMM. Por outro lado, observou-se corretamente que o estudo dos manuscritos ajuda na compreensão dos relatos cristãos, indicando seus antecedentes e até mesmo dissipando certa ideia de originalidade cristã.⁴⁶ Michel Remaud, nessa direção, bem destacou: “a compreensão do Novo Testamento só pode ser uma consequência indireta de um estudo desinteressado do judaísmo, um estudo que encontra em si mesmo justificação”⁴⁷.

Um exemplo dessa realidade é a ideia de uma redenção por meio da graça. Um estudo comparativo com a literatura rabínica parecerá indicar que a compreensão de salvação pela graça é originalmente cristã, dado o interesse legal dessa literatura, porém, como será demonstrado mais adiante, essa crença já existia em Qumran, com certas diferenças, é claro!

Os manuscritos representam uma vasta e diversificada coleção de textos que abrange várias categorias literárias, refletindo a riqueza e a complexidade do Judaísmo do período do Segundo Templo. Esses textos podem ser divididos em três categorias principais: livros bíblicos, textos e literatura judaica não-bíblica. Cada uma dessas categorias oferece uma janela única para as práticas religiosas, as crenças teológicas e as estruturas sociais da comunidade que preservou esses escritos.

⁴⁵ GOMES, 2024, p. 493.

⁴⁶ VANDERKAM, James C. *The Dead Sea Scrolls Today*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993. p. 192-193.

⁴⁷ REMAUD, Michel. *Evangelho e tradição rabínica*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 37.

A primeira categoria é composta pelos livros bíblicos, que incluem cópias de quase todos os textos que eventualmente foram canonizados na Tanakh. Dentre os textos encontrados, destacam-se versões dos livros do Pentateuco, dos Profetas e dos Escritos, com exceção notável do *Livro de Ester*, que não foi encontrado entre os manuscritos de Qumran. Esses manuscritos são de particular importância para a crítica textual, pois fornecem as cópias mais antigas conhecidas dos textos bíblicos, datando de aproximadamente 200 a.E.C até 70 EC.⁴⁸

As versões dos textos bíblicos encontradas em Qumran exibem variações significativas em relação ao texto massorético⁴⁹, ao Pentateuco Samaritano e à Septuaginta, indicando uma diversidade textual que era comum antes da fixação do texto bíblico. Como observa Emanuel Tov, “a multiplicidade de textos bíblicos em Qumran reflete uma fase anterior à padronização textual, onde múltiplas tradições coexistiam e eram consideradas igualmente válidas dentro de diferentes comunidades”⁵⁰. Esses textos são fundamentais para entender a evolução da Tanakh e as práticas de cópia e transmissão dos textos sagrados.

A segunda categoria, textos sectários, é composta por escritos que refletem as crenças, práticas e organização da comunidade que habitava Qumran, frequentemente identificada com os essênios, embora essa identificação seja objeto de debate acadêmico, como será discutido no próximo tópico. Esses textos incluem regras comunitárias, hinos, textos apocalípticos e outros escritos que delineiam a estrutura interna e a teologia da comunidade.⁵¹

O *Manual de Disciplina* – também conhecido como *Regra da Comunidade* – é um dos exemplos mais emblemáticos de textos sectários. Ele descreve as regras de vida da comunidade, incluindo as normas de pureza ritual, as práticas de admissão de novos membros e as penalidades para infrações. Outro texto significativo é o *Regra da Guerra*, que detalha uma batalha escatológica entre os “Filhos da Luz” e os “Filhos das Trevas”, revelando a visão apocalíptica e dualista da comunidade.⁵²

⁴⁸ VANDERKAM, 1993, p. 192-193.

⁴⁹ Trata-se de uma expressão comumente utilizada pela comunidade acadêmica para referir-se a um grupo de manuscritos hebraicos da Bíblia marcados por uma elevada uniformidade textual empreendida por um grupo de escribas judeus, conhecidos como massoretas, que objetivaram criar um sistema para preservação e transmissão do texto da Tanakh sem alterações significativas. O texto massorético é constituído pelos seguintes elementos: estrutura consonantal, elementos paratextuais, vocalização massorética, acentuação massorética e anotações massoréticas. Uma parcela significativa das edições impressas da Tanakh e das traduções modernas estão fundamentadas no texto massorético. Cabe ressaltar que sua estrutura consonantal remonta a época do Segundo Templo. Para mais informações, consulte: FRANCISCO, Edson F. Texto massorético. In: ACADEMIA.EDU [Site institucional]. 2020. [online]. p. 1.

⁵⁰ TOV, 2001, p. 23.

⁵¹ TOV, 2001, p. 23.

⁵² TOV, 2001, p. 23.

Lawrence Schiffman destaca que os textos da comunidade qumranita “fornecem uma visão incomparável da vida interna de uma seita judaica que se via como a verdadeira Israel, em oposição às autoridades do Templo de Jerusalém e a outras facções judaicas da época”⁵³. Esses documentos são essenciais para entender as divisões internas dentro do Judaísmo do Segundo Templo e as diferentes formas de religiosidade que coexistiam e competiam entre si.

A terceira categoria é composta pela literatura judaica não-bíblica, que inclui uma ampla gama de textos que, embora não sejam parte do cânon bíblico, eram altamente valorizados pela comunidade de Qumran. Esses escritos incluem obras apócrifas e pseudepígrafas, como o *Livro de Enoque*, o *Livro dos Jubileus*, o *Testamento de Levi*, entre outros.⁵⁴

Esses textos refletem uma variedade de tradições e temas, incluindo relatos históricos, hinos, orações, sabedoria e literatura apocalíptica. O *Livro dos Jubileus*, por exemplo, reinterpreta os eventos do Gênesis e do Êxodo dentro de uma estrutura cronológica baseada em jubileus de 49 anos, oferecendo uma visão alternativa da história sagrada que enfatiza a importância da observância do sábado e outras leis de pureza. Como aponta Geza Vermes, “esses textos não-bíblicos demonstram a rica diversidade da literatura religiosa judaica durante o período do Segundo Templo, oferecendo perspectivas teológicas que complementam e, por vezes, desafiam as narrativas bíblicas”⁵⁵.

A inclusão desses textos na biblioteca de Qumran indica que a comunidade os considerava de grande valor espiritual e doutrinário, refletindo uma religiosidade que se estendia além do cânon bíblico tradicional. John J. Collins, observa que “a literatura apocalíptica encontrada entre os MMM, como o *Livro de Enoque* e o *Livro dos Gigantes*, revela uma preocupação profunda com o julgamento final e a restauração do Israel verdadeiro, temas que ressoam fortemente com a teologia sectária de Qumran”⁵⁶.

Em resumo, os MMM fornecem uma outra visão do Judaísmo do Segundo Templo, revelando uma complexa rede de crenças, práticas e textos sagrados que variavam amplamente entre diferentes comunidades e grupos. A divisão dos textos em livros bíblicos, textos e literatura judaica não-bíblica permite uma análise mais clara das diferentes dimensões da religiosidade judaica na época, oferecendo uma riqueza de informações que continua a enriquecer os estudos acadêmicos sobre o período.

⁵³ SCHIFFMAN, 1994, p. 71.

⁵⁴ TOV, 2001, p. 23.

⁵⁵ VERMES, 2011, p. 112.

⁵⁶ COLLINS, 1997, p. 45.

1.3 A comunidade de Qumran: essênios ou zadoquitas? Um debate sobre a identidade do grupo

Um dos debates mais acalorados e ainda em curso entre os estudiosos dos Manuscritos de Qumran diz respeito à identidade da comunidade de Qumran. A visão tradicional, amplamente aceita, identifica os habitantes de Qumran como os essênios, uma seita ascética judaica mencionada por Flávio Josefo, Filon de Alexandria e Plínio, o Velho. No entanto, há uma vertente que supõe que os manuscritos poderiam estar associados aos zadoquitas, uma facção sacerdotal que se opunha à administração corrupta do Templo de Jerusalém, ou mesmo a outros grupos dentro do judaísmo da época.⁵⁷

Geza Vermes, um dos principais estudiosos dos MMM, defende que a identificação dos manuscritos com os essênios é bem fundamentada, argumentando que “os textos de Qumran refletem características conhecidas dos essênios, como a ênfase na pureza ritual, a vida comunitária e a expectativa escatológica”⁵⁸. No entanto, Vermes também reconhece que a comunidade de Qumran pode ter incorporado elementos de outras tradições judaicas, tornando-se uma entidade religiosa única em si.

Em contrapartida, Lawrence Schiffman oferece uma perspectiva alternativa, sugerindo que os manuscritos poderiam estar associados aos zadoquitas. Schiffman argumenta que “a teologia expressa nos textos de Qumran, com sua ênfase na autoridade sacerdotal e na pureza levítica, pode estar mais alinhada com a tradição zadoquita do que com os essênios”⁵⁹. Ele também aponta para o uso frequente do termo “Filhos de Zadoque” nos manuscritos como uma possível indicação da identidade da comunidade.

É um fato que, na literatura de divulgação e em boa parte da literatura acadêmica, a hipótese essênica é apresentada aos leitores com mais frequência. Tal perspectiva consiste na ideia de que os moradores de Qumran eram os essênios mencionados pelo historiador Flávio Josefo. Nessa ideia, é preconizado que esse era um grupo que por divergência com a liderança do Templo escolheu se retirar para o deserto e teriam ali formado a presente comunidade. Geza Vermes sustenta que a identificação dos textos da comunidade qumranita, com os essênios de Josefo,⁶⁰ está baseada em três pontos:

Não há local melhor do que Qumran para corresponder ao assentamento de Plínio entre Jericó e Engedi [...]. Cronologicamente, a atividade essênica colocada por Josefo no período entre Jônatas Macabeu (150AEC.), e a primeira guerra judaica (66-70EC) e a ocupação sectária do sítio de Qumran coincidem perfeitamente. [...]. As

⁵⁷ SILVA, 2017, p. 406-416.

⁵⁸ VERMES, 2011, p. 102.

⁵⁹ SCHIFFMAN, 1994, p. 78.

⁶⁰ VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a. p. 43.

semelhanças da vida, organização e costumes comuns são fundamentais para tornar a identificação dos dois corpos extremamente provável, desde que algumas diferenças óbvias possam ser explicadas.⁶¹

Porém, diversos pesquisadores perceberam inconsistências nesta hipótese, abrindo espaço para novas discussões e propostas sobre a identidade da comunidade de Qumran. Yitzhak Magen e Yuval Peleg, por exemplo, destacou o seguinte:

Mesmo entre os estudiosos que concordam que Qumrã era um assentamento sectário, não há consenso sobre a identificação desse grupo com os essênios mencionados em nossas fontes antigas. Os estudiosos que rejeitam essa identificação observam que Josefo está apresentando uma imagem grosseiramente simplificada da sociedade judaica, descrevendo apenas três grupos (saduceus, fariseus e essênios) [...]. Os saduceus derivaram seu nome de Zadok, o sumo sacerdote do Primeiro Templo Judaico na época de Salomão (AEC). Os descendentes de Zadoque serviram como sumos sacerdotes durante os períodos do Primeiro Templo e do Segundo Templo, até que os reis asmonianos usurparam o controle desse ofício. Aparentemente, a comunidade de Qumrã foi fundada e liderada por sacerdotes que se autodenominavam filhos de Zadoque. Por causa disso, a comunidade de Qumrã compartilhou alguns pontos de vista comuns com os saduceus, especialmente em sua abordagem estrita à interpretação da lei judaica. No entanto, eles também diferiram em pontos significativos, como a doutrina da predestinação e sua atitude em relação à helenização.⁶²

Recentemente, em um artigo publicado por Sant'Ana e Fridman, argumentou-se que é difícil afirmar com certeza que a comunidade de Qumran e os essênios sejam o mesmo grupo, devido a algumas dessemelhanças significativas que impedem a identificação de ambos como uma única tradição sociorreligiosa, ao contrário do que foi proposto por Geza Vermes. Uma dessas dessemelhanças diz respeito à questão do celibato. Tradicionalmente, tem-se defendido que os essênios praticavam o celibato, mas evidências arqueológicas indicam que a comunidade de Qumran não se abstinha do casamento de forma absoluta.

Rachel Elijor, erudita israelense, observa que os MMM possuem características distintamente sacerdotais, e os portadores desses textos se identificavam como “filhos de Zadoque”. Os manuscritos incluem extensas discussões sobre questões de ordem sacerdotal, sugerindo que os membros dessa comunidade tinham uma forte ligação com o sacerdócio. Notavelmente, não há menção nos manuscritos aos essênios descritos por Josefo. Com base em mais de uma década de pesquisa, Elijor conclui que os manuscritos pertenciam aos zadoquitas, reforçando a ideia de que a comunidade de Qumran era, na verdade, um grupo sacerdotal distinto, e não os essênios. Esses parecem ser um grupo de sacerdotes que decepcionados com a política dos governantes hasmoneus decidiu ir para o deserto. Elijor destaca:

⁶¹ VERMES, 2004a, p. 43.

⁶² MAGEN, Yitzhak; PELEG, Yuval. *The Qumran Excavations, 1993-2004: preliminary report*. Jerusalém: Staff Officer of Archaeology, 2007. p. 48.

Em contradição a essa luta sacerdotal demonstrada nos pergaminhos, nenhuma identidade sacerdotal explícita é mencionada por Fílon, Plínio e Josefo, nenhuma aliança é mencionada, nenhum assunto de calendário é discutido, nenhuma lei sacerdotal referente ao Templo e os ritos dos sacrifícios são discutidos. Relógios sacerdotais e nenhuma liturgia angelical-sacerdotal são mencionados e Jerusalém, a cidade escolhida de Deus, um tema central em muitos dos pergaminhos, não está associada aos essênios. Em outras palavras, nenhum assunto que é atestado ricamente nos Manuscritos do Mar Morto é descrito em qualquer relação significativa com os essênios.⁶³

Steve Mason, renomado especialista em Flávio Josefo, propõe uma interpretação inovadora sobre a figura dos essênios, sugerindo que eles seriam, em grande parte, uma criação literária do próprio Josefo.⁶⁴ Mason argumenta que o relato mais extenso sobre os essênios se encontra na obra “Guerras Judaicas”, escrita durante o período Flaviano, após a destruição de Jerusalém no ano 70 EC. Segundo Mason, este contexto histórico é crucial para entender as motivações de Josefo: com os judeus enfrentando humilhação e perda de prestígio sob o domínio romano, Josefo teria buscado reconstruir a imagem do povo judeu aos olhos de seus opressores.⁶⁵ Todd Beall sugere três propósitos apologéticos que teriam conduzido os escritos flavianos, a saber: elogio ao romanos, justificativa e destaques às qualidades morais dos bons judeus e vilipendiar os “tiranos” e “bandidos” revoltosos que despoticamente encabeçaram a revolta.⁶⁶

Em *Guerras judaicas*, Josefo descreve os essênios com traços que ressoam fortemente com as virtudes admiradas na cultura greco-romana, retratando-os como um modelo idealizado de sociedade judaica. Mason sugere que Josefo, intencionalmente, atribuiu aos essênios características que evocam os espartanos, enfatizando sua disciplina, coragem e virilidade, qualidades que gozavam de grande prestígio no mundo greco-romano. Essa representação, segundo Mason, teria como objetivo reestabelecer a dignidade judaica, oferecendo uma imagem positiva e respeitável do judaísmo para um público romano, que estava acostumado a associar essas virtudes aos heróis de sua própria tradição.⁶⁷

Essa abordagem sugere que a descrição de Josefo dos essênios não deve ser vista simplesmente como um relato histórico, mas como uma construção literária e ideológica, destinada a influenciar a percepção dos romanos sobre os judeus. Como Mason observa, “Josefo utilizou os essênios como uma ferramenta retórica para reabilitar a imagem dos judeus, associando-os

⁶³ ELIOR, Rachel. *The Three Temples: on the Emergence of Jewish Mysticism*. Portland: The Littman Library of Jewish Civilization, 2012. p. 53.

⁶⁴ MASON, Steve. *Flavius Josephus on the Pharisees: a composition-critical study*. Leiden: Brill, 2007. p. 93.

⁶⁵ MASON, 2007, p. 93.

⁶⁶ BEALL, Todd S. *Josephus: descriptions of the Essenes illustrated by the Dead Sea Scrolls*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 13-14.

⁶⁷ MASON, 2007, p. 93.

às virtudes reconhecidas e admiradas no contexto cultural greco-romano”⁶⁸. Ele segue afirmando que:

Em apoio a este tema Josefo frequentemente emprega uma linguagem espartana de treinamento, disciplina, ordem, coragem, resistência, destreza viril e desprezo pela morte; esta última aparecendo com mais frequência na guerra do que em qualquer outro texto antigo conhecido. Passagem muito discutida de Josefo sobre os essênios, ‘Legião’ (2.119-61) tem a maior concentração de linguagem espartana em seu corpus. Sua seção mais longa (e menos discutida) diz respeito ao desprezo pela morte: ‘Sorriem em suas agonias e zombam de quem estava infligindo as torturas, eles costumavam despedir alegremente de suas almas’ (2.151-58). O tema continua na Guerra, enquanto observamos pessoas comuns desnudando seus pescoços à espada, em vez de violar a lei ancestral (2.174, 196). Vespasiano fica maravilhado com a coragem de um judeu capturado que, segurando sob todo tipo de tortura, finalmente ‘encontrou a morte com um sorriso’ em uma cruz (3.320-21).⁶⁹

Assim, os essênios de Josefo não são descritos como tendo algum tipo de interesse em questões sacerdotais, ao contrário dos moradores de Qumran, que eram extremamente preocupados com essas. Lawrence Schiffman e Shani Tzoref seguem nessa direção ao destacarem:

A regra da comunidade fornece, entre seus ritos de iniciação, informações sobre o sistema de pureza dos sectários, bem como sobre sua compreensão da teologia da lei judaica. A Regra da Congregação, um documento messiânico, estabelece uma espécie de halakha escatológica. O Pergaminho de Guerra contém uma versão completa das leis heteronômicas da guerra, conforme entendidas pelos sectários. Além disso, o Pergaminho de Guerra faz alusão à lei sacrificial e regras de impureza ritual. Foi a Caverna 4 que produziu manuscritos dos Fragmentos Zadoquitas e outras obras halakha, descrevendo todo um sistema de leis judaicas a respeito do sábado, casamento, pureza, status sacerdotal etc. O famoso documento MMT forneceu, um contexto sectário, das disputas fariseus – saduceus sobre leis de sacrifício e purificação.⁷⁰

Tais discrepâncias, no que tange ao conteúdo dos manuscritos e à Arqueologia, indicaram que a comunidade do Mar Morto possivelmente não era dos essênios descritos ou quicá inventados pelo historiador Josefo. Elio põe em dúvida a existência de tal grupo, e o estudo de Mason indica a mesma conclusão. As características dos essênios de Josefo foram dispostas de tal forma que mesmo que o grupo existisse naqueles dias seria praticamente impossível de reconstruí-lo dada as modificações de Josefo. Em outras palavras, a existência de tal grupo é incerta e se realmente existiu, academicamente é difícil de ser sistematizado e estudado, dada a forte evidência de que foi severamente modificado por Josefo para atender sua agenda.⁷¹

⁶⁸ MASON, 2007, p. 215.

⁶⁹ MASON, Steve. *A history of the Jewish War, AD 66-74*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 104.

⁷⁰ SCHIFFMAN, Lawrence H.; TZORF, Shani. *The Dead Sea Scrolls: a New Translation*. 2. ed. New York: HarperOne, 2010. p. 20.

⁷¹ MASON, 2007, p. 215.

Assim, não é estranho que não exista referência aos essênios na literatura rabínica, ou no Segundo Testamento. Dados arqueológicos datam o surgimento dos zadoquitas por volta de 150 a 140 a.EC, período que corrobora com a sugestão vista de que a comunidade de Qumran tenha surgido no período de João Hircano. O pressuposto adotado nessa pesquisa é que a identidade dos que estavam sob a autoridade dos Manuscritos de Qumran era formada por sacerdotes zadoquitas e leigos, e, portanto, a identificação dessa comunidade como sendo zadoquita explica melhor o interesse exibido nos manuscritos por temas sacerdotais e com o templo.

Em outras palavras, essa identificação está alinhada com o conteúdo encontrado nos manuscritos, enquanto não se pode afirmar o mesmo em relação aos essênios descritos por Josefo. O *Documento de Damasco*, descoberto na Geniza do Cairo e publicado em 1910, é uma obra fundamental para o entendimento dessa comunidade, oferecendo citações extremamente esclarecedoras sobre a identidade da comunidade. É por isso que Geza Vermes, em suas análises, discute a importância desse documento para a compreensão das práticas e crenças da comunidade,⁷² assim como Oskar Skarsaune também aborda essa temática, destacando como o *Documento de Damasco* contribui para a construção de uma identidade religiosa distinta.⁷³ Complementando essas discussões, em sua obra,⁷⁴ fornece uma análise detalhada das implicações desse documento para o estudo dos grupos judaicos da época.⁷⁵

É imperativo ressaltar que, a partir de uma perspectiva das Ciências das Religiões, a questão da autoria precisa dos MMM, embora relevante, não é o aspecto central deste estudo. O que realmente importa é o fenômeno religioso que esses textos revelam. A autoria pode fornecer *insights* valiosos sobre o contexto específico e a identidade do grupo, mas o foco principal recai sobre a compreensão das práticas religiosas, das experiências do sagrado e da dinâmica espiritual que permeavam a vida da comunidade de Qumran.

Gerardus Van der Leeuw, em sua abordagem fenomenológica, enfatiza que “a essência da religião se manifesta nas práticas e rituais que estruturam a vida comunitária e que expressam

⁷² VERMES, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. Penguin Classics, 1996. p. 65.

⁷³ SKARSAUNE, Oskar. *In the Shadow of the Temple: Jewish Influences on Early Christianity*. Chicago: InterVarsity Press, 2004. p. 57.

⁷⁴ MANSOOR, Menahem. *The Dead Sea Scrolls: A College Textbook and a Study Guide*. Boston: Brill, 1945. p. 33.

⁷⁵ Para um estudo abrangente da identidade da comunidade qumranita, ver: SHANKS, Hershel. *The Mystery and Meaning of the Dead Sea Scrolls*. New York: Vintage, 1993. p. 41-63; BOCCACCINI, 2010, p. 250-260; MARTÍNEZ, Florentino G. *The Dead Sea Scrolls Translated: the Qumran texts in English*. Leiden: Brill, 1992. p. 40-44.

a relação do grupo com o sagrado”⁷⁶. Dessa forma, independentemente de serem essênios ou zadoquitas, o que merece destaque é a forma como essa comunidade buscava uma vida de pureza e se preparava para o fim dos tempos. A análise do fenômeno religioso em si – das práticas, rituais e crenças – oferece uma compreensão mais profunda do que as questões de autoria isoladas poderiam fornecer.

James Charlesworth contribui para essa abordagem ao sugerir que “os MMM devem ser analisados como uma expressão única da religiosidade judaica, que pode não se alinhar perfeitamente com as descrições dos essênios ou de qualquer outro grupo conhecido”⁷⁷. Isso reforça a ideia de que, mais importante do que a identificação exata do grupo, é a compreensão das expressões religiosas que emergem desses manuscritos. Finalmente, Daniel Boyarin, ao abordar a diversidade e fluidez do judaísmo no período do Segundo Templo, argumenta que: “os textos de Qumran oferecem uma visão de um judaísmo diverso e fluido, no qual diferentes grupos estavam em diálogo e competição, moldando as tradições que mais tarde se tornariam centrais tanto para o cristianismo quanto para o judaísmo”⁷⁸. Essa perspectiva destaca que a verdadeira riqueza do estudo dos MMM reside na análise do fenômeno religioso em si, e não apenas na tentativa de categorizar a comunidade que os produziu.

Portanto, dentro das Ciências das Religiões, o fenômeno religioso evidenciado pelos MMM, com todas as suas complexidades e variações, merece ser o foco principal do estudo. O objetivo, portanto, desse tópico é afirmar que a autoria dos textos é um fator que complementa a pesquisa, mas não deve ofuscar a importância central das práticas, crenças e experiências que esses manuscritos revelam. Mas, como ocorrem as relações entre os MMM e a literatura protocristã do período do Segundo Templo? Isso será explicado a seguir.

1.4 Relações iniciais entre os Manuscritos do Mar Morto e a literatura protocristã do Segundo Testamento

O Judaísmo do período do Segundo Templo foi marcado por uma grande complexidade, caracterizada pela presença de diversos grupos que competiam pelo título de “verdadeiro Israel”, embora nenhuma delas tenha conseguido monopolizar essa identidade.⁷⁹ Estima-se que,

⁷⁶ VAN DER LEEUW, Gerardus. *Religion in Essence and Manifestation*. New York: Harper & Brothers, 1938. p. 49.

⁷⁷ CHARLESWORTH, James H. *The Dead Sea Scrolls: a New Translation*. New York: HarperOne, 1992. p. 29.

⁷⁸ BOYARIN, Daniel. *Border Lines: The Partition of Judaeo-Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004. p. 56.

⁷⁹ SKARSAUNE, 2004, p. 103.

à época, existiam cerca de vinte e quatro grupos distintos, conforme apontam Skarsaune e Boyarin.⁸⁰ Esses grupos religiosos, frequentemente em conflito entre si e com as autoridades romanas, enfrentaram profundas transformações após a destruição do Templo em 70 EC. Apenas dois desses grupos sobreviveram ao colapso do templo, possivelmente devido à sua capacidade de se adaptar a um judaísmo sem templo, centrado em novas formas de prática religiosa.

Os fariseus, um dos grupos sobreviventes, reorganizaram-se em torno da Torá, registrando suas tradições orais na *Mishná*, um compêndio que se tornaria a base do judaísmo rabínico posterior.⁸¹ O segundo grupo sobrevivente, conhecido no Segundo Testamento como a “Seita do Caminho” ou “Seita dos Nazarenos”⁸², evoluiu ao longo dos séculos para o que hoje é reconhecido como cristianismo. Os textos neotestamentários (Atos 9:2; 19:9; 22:4; 24:5, 22) sugerem que esses nomes estão intimamente ligados à figura de Jesus, seja por sua autodeclaração como “o caminho” (Jo 14:6) ou por sua associação com Nazaré, onde ele teria crescido (Lc 4:16).

A permanência do judaísmo rabínico e do cristianismo até os dias atuais, apesar das significativas transformações que ambos sofreram ao longo da história, é um testemunho da resiliência dessas tradições religiosas.⁸³ É importante notar que os textos produzidos por esses dois grupos revelam íntimas conexões com os Manuscritos de Qumran, o que não é surpreendente, considerando que todos esses grupos emergiram do mesmo contexto social e político turbulento, competindo pelo título de verdadeiro Israel. Essas conexões reforçam a ideia de que, apesar de suas divergências, esses grupos compartilhavam uma base cultural e religiosa comum que influenciou significativamente o desenvolvimento de suas respectivas tradições.⁸⁴

Vale ressaltar com essas afirmações que os MQ são de um período em que não existia judaísmo rabínico e cristianismo, existiam “judaísmos”. Nesse período, os dois grupos não configuravam duas religiões, mas dois “judaísmos” entre os muitos outros, como o de Qumran.⁸⁵ David

⁸⁰ BOYARIN, Daniel. *Dying for God: Martyrdom and the Making of Christianity and Judaism*. Stanford: Stanford University Press, 1999. p. 13-15.

⁸¹ SCARDELA, Enzo. *A Mishná e o Judaísmo Rabínico: formação e desenvolvimento*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 98-120. Veja também: HUIDOBRO, María. *O Judaísmo Rabínico: tradições e transformações*. Buenos Aires: Sudamericana, 2020. p. 13-26.

⁸² CORRÊA, Agenilton M.; SANT’ANA, Chandler T. A circuncisão sob dois olhares: os seguidores de Jesus de Nazaré e os sábios fariseus. *Revista Práxis Teológica*, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 1-15, 2023. p. 9.

⁸³ BOCCACCINI, 2010, p. 252.

⁸⁴ CORRÊA; SANT’ANA, 2023, p. 9.

⁸⁵ CHILTON, Bruce; NEUSNER, Jacob. *The Roots of Rabbinic Judaism: An Intellectual History from Ezekiel to Daniel*. London: Routledge, 1995. p. 19-41.

Flusser inicia sua trilogia *O judaísmo e as origens do cristianismo* destacando que o grupo seguidor de Jesus,⁸⁶ conhecido como seita dos nazarenos e seita do caminho, no livro de Atos do Apóstolos, não nasceu num vácuo. De fato, a literatura protocristã – neotestamentária – tem íntimo contato com o mundo judaico daqueles dias, de modo que Flusser busca demonstrar isso por meio de estudos comparados entre o Segundo Testamento e os MMM.⁸⁷ Nas palavras de James VanderKam e Peter Flint:

Eles no entanto, lançam luz sobre os Evangelhos ao (1) fornecem informações sobre a sociedade, grupos, práticas e crenças judaicas da época; (2) aumentando nosso conhecimento sobre o judaísmo inicial, o que deixa claro que muitos aspectos da mensagem do Evangelho devem à religião materna; (3) ajudam em um esboço mais nítido das diferenças básicas entre a mensagem de Jesus e de outros grupos judaicos; e (4) fornece novos textos com redação semelhante a certas passagens do Evangelho, o que mostra que alguns ou muitos dos ensinamentos de Jesus estavam presentes em textos anteriores, ao invés de serem produtos da igreja posterior.⁸⁸

Um estudo comparativo dos livros da Tanakh mais usados nos MMM e no Segundo Testamento demonstrará que existe um interesse comum em temas teológicos. Segundo Fernando Mattioli e Aíla Andrade:

Mais da metade dos MQ são cópias de livros bíblicos, redigidas entre os séculos III a.C. e I d.C. – portanto, são anteriores à delimitação do cânon da Bíblia Hebraica (séc. II d.C.) e referentes a um contexto literário de significativa variedade textual [...]. Quando inserimos os textos bíblicos dos MQ na história da transmissão do texto da Bíblia Hebraica, temos um recuo de mais de mil anos comparando com os textos massoréticos medievais conhecidos desde os séculos XI e XII, o Códice de Leningrado e o Códice de Alepo, respectivamente. Quando comparamos com os MQ, percebemos que o texto da Bíblia Hebraica foi transmitido com bastante precisão por todo esse longo período – embora as diferenças existam e chamem muito a atenção dos pesquisadores.⁸⁹

⁸⁶ FLUSSER, David. *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2000a. p. 14.

⁸⁷ Alguns cristãos podem se sentir desconfortáveis com pesquisas dessa natureza, temendo que sua visão seja colocada em dúvida. Hershel Shanks afirma o seguinte: “suponho que, de certa forma, Os MMM minam o que eu poderia chamar de ‘fê cristã ingênua’. Lembro-me de falar com um grande católico, estudioso dos textos do Mar Morto, o padre Joseph Fitzmyer. Ele me disse que os pergaminhos não são uma ameaça para o ‘cristão maduro’. Mas, em certo sentido, eles fazem minar o que chamo de compreensão ingênua do Cristianismo. A crença de que quando Jesus veio, ele trouxe consigo uma nova mensagem que surpreendeu seus ouvintes; algo diferente de tudo que as pessoas ouviram antes. Essa visão da doutrina cristã realmente não é mais válida. Os pergaminhos demonstram muito claramente o solo judaico de onde cresceu o Cristianismo. Não a mensagem, mas a vida de Jesus é única e permanece única na história. Mas a mensagem tem paralelos; tem raízes na história judaica”. Para mais informações, leia: SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto: uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 15.

⁸⁸ VAN DER KAM, James; FLINT, Peter. *The Dead Sea Scrolls and the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 620.

⁸⁹ VIEIRA; ANDRADE, 2024, p. 648.

Naturalmente, ao se estudar os MQ em contraste com o Segundo Testamento, se perceberá que as comunidades têm interpretações convergentes e divergentes acerca dos textos da Tanakh, e isso tem implicações práticas para os seus adeptos.⁹⁰

Com base na introdução apresentada nesta seção, o segundo capítulo se dedicará a uma análise detalhada das relações entre o Segundo Testamento – Bíblia grega – e os MMM, utilizando uma abordagem interdisciplinar que combina os estudos linguísticos da interdiscursividade e intertextualidade com uma perspectiva acadêmica fundamentada na Ciências das Religiões. O objetivo é aprofundar a compreensão das crenças das diferentes tradições religiosas, explorando suas semelhanças e divergências, a fim de elucidar as complexas interações e influências mútuas entre esses textos e tradições.

Mas, qual seria a relevância dos MMM para o campo das Ciências das Religiões? A próxima seção procura responder essa pergunta.

1.5 Importância dos Manuscritos do Mar Morto para as Ciências das Religiões

Os MMM representam uma descoberta monumental que revolucionou não apenas os estudos bíblicos e judaicos, mas também as Ciências das Religiões como um todo. A relevância desses manuscritos transcende a mera adição de novos textos à literatura antiga, pois eles oferecem uma visão ímpar das crenças, das práticas e das divergências teológicas de uma época crucial na formação do judaísmo formativo e do cristianismo primitivo. Sob a perspectiva das Ciências das Religiões, esses textos têm sido fundamentais para o desenvolvimento de metodologias e teorias que permitem uma compreensão mais ampla e contextualizada dos fenômenos religiosos.⁹¹

Como abordado anteriormente, uma das contribuições mais significativas dos MQ para as Ciências das Religiões é a ampliação do *corpus* de fontes primárias disponíveis para o estudo do judaísmo do Segundo Templo. Antes da descoberta desses manuscritos, os estudiosos dependiam amplamente da Tanakh, da *Mishná* e de textos apócrifos e pseudepígrafos para reconstruir a vida religiosa da época. A inclusão dos Manuscritos encontrados em Qumran, que datam de aproximadamente do ano 200 a.EC a 70 EC, trouxe à tona uma diversidade textual

⁹⁰ VAN DER KAM; FLINT, 2002, p. 620.

⁹¹ LEITE, Edgar. Os manuscritos de Qumran e a teologia do Cristianismo antigo. *Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-31, 2008a. p. 27.

que era até então desconhecida, evidenciando uma pluralidade de tradições dentro do judaísmo antigo.⁹²

A existência de múltiplas versões dos textos bíblicos em Qumran, como os livros de Isaías e Deuteronômio, revelou a coexistência de diferentes tradições textuais antes da padronização do texto massorético. Essa descoberta desafia as concepções anteriores sobre a uniformidade do texto bíblico e sugere uma prática textual dinâmica e evolutiva, o que é fundamental para a compreensão da formação do cânon bíblico. A partir de uma perspectiva das Ciências das Religiões, como a proposta por Wilfred Cantwell Smith, essa diversidade textual ilustra a fluidez das tradições religiosas e a constante negociação da autoridade religiosa ao longo do tempo.⁹³ Para Smith, a religião deve ser vista como um processo vivo e dinâmico, e os MQ exemplificam como as crenças e práticas religiosas estavam em constante desenvolvimento, influenciadas por contextos sociais e históricos específicos.⁹⁴

Os manuscritos também oferecem uma rica fonte para a aplicação de metodologias fenomenológicas no estudo da religião. Gerardus Van der Leeuw, em sua abordagem fenomenológica, enfatiza a importância de estudar as manifestações do sagrado e as práticas rituais como expressões da religiosidade de uma comunidade. Assim como mencionado anteriormente, os textos de Qumran, como o *Manual de Disciplina* e o *Regra da Guerra*, fornecem *insights* valiosos sobre como a comunidade de Qumran vivenciava o sagrado, estruturava sua vida comunitária em torno de ideais de pureza e preparava-se para eventos apocalípticos.⁹⁵

Esses textos permitem que os estudiosos analisem as práticas religiosas de Qumran em termos de sua função social e espiritual, examinando como essas práticas contribuíam para a construção de uma identidade coletiva. Como Van der Leeuw argumenta, a essência da religião é encontrada nas práticas rituais e na maneira como essas práticas expressam a relação de uma comunidade com o divino. A aplicação dessa metodologia aos MQ ajuda a desvendar a complexidade das experiências religiosas dessa comunidade e a entender como elas se manifestaram em um contexto de crise e expectativa escatológica.⁹⁶

Mas, é importante destacar que Rudolf Otto, em sua obra sobre *O numinoso*, oferece outra perspectiva crítica para entender a importância dos MQ nas Ciências das Religiões.⁹⁷ Otto

⁹² LEITE, 2008a, p. 28.

⁹³ SMITH, Wilfred C. *The meaning and end of religion*. Philadelphia: Fortress Press, 1962. p. 61.

⁹⁴ SMITH, 1962, p. 61.

⁹⁵ VAN DER LEEUW, 1938, p. 51.

⁹⁶ VAN DER LEEUW, 1938, p. 51.

⁹⁷ OTTO, Rudolf. *Das Heilige*. Oxford: Oxford University Press, 1917b. p. 17.

descreve o numinoso como uma experiência do sagrado que é simultaneamente fascinante e aterrorizante, caracterizada por uma reverência profunda e um temor diante do mistério divino. Nos textos de Qumran, essa experiência do numinoso é claramente evidente, especialmente na forma como a comunidade se via como eleita para um papel especial no plano divino, enfrentando as forças do mal em uma batalha escatológica iminente.

Os MQ, como o *Hino de Ação de Graças*, exemplificam essa intensa vivência do numinoso, em que a comunidade expressa tanto sua devoção quanto seu temor diante do julgamento divino. Para as Ciências das Religiões, a análise desses textos através do conceito de Otto permitiria uma compreensão mais profunda das motivações religiosas da comunidade de Qumran e de como essas motivações se refletiam em suas práticas e crenças. Esse enfoque não apenas iluminaria as particularidades da religiosidade de Qumran, mas também contribuiria para uma compreensão mais ampla de como as experiências de sagrado moldam as religiões em geral.⁹⁸

Outra contribuição essencial dos MQ para as Ciências das Religiões é a compreensão das inter-relações entre o judaísmo do Segundo Templo e o cristianismo primitivo. A análise interdiscursiva e intertextual, que considera as interações e influências mútuas entre diferentes textos e tradições – como será mais bem explicado no próximo capítulo –, revela que muitos dos temas e ideias presentes nos MQ encontram paralelos na literatura protocristã do Segundo Testamento. Essa relação sugere que o cristianismo emergiu em um ambiente religioso complexo e diversificado, no qual as fronteiras entre os diferentes grupos judaicos eram fluidas e permeáveis.⁹⁹

Por fim, os MQ têm sido fundamentais para a reavaliação das origens do judaísmo rabínico. A sobrevivência das tradições farisaicas, que mais tarde evoluíram para o judaísmo rabínico, após a destruição do Segundo Templo, é iluminada pelo estudo dos textos de Qumran, que oferecem uma perspectiva alternativa sobre as práticas e crenças que estavam em disputa naquele período. Gabriele Boccaccini argumenta que os MQ permitem uma compreensão mais nuançada das tensões e debates teológicos que caracterizavam o judaísmo do Segundo Templo e como essas questões foram resolvidas ou transformadas no judaísmo rabínico.¹⁰⁰

Essa reavaliação desafia narrativas simplistas sobre a continuidade ou ruptura entre os diferentes períodos do judaísmo e enfatiza a complexidade das interações entre os vários grupos

⁹⁸ OTTO, 1917b, p. 17.

⁹⁹ TERRA, Kenner R. C.; ROCHA, Abdruschin S. Judaísmo enoquita: pureza, impureza e o mito dos vigilantes no Segundo Templo. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 148-166, 2019. p. 161.

¹⁰⁰ BOCCACCINI, 2010, p. 252.

e tradições.¹⁰¹ As Ciências das Religiões, com seu foco em entender as religiões como fenômenos dinâmicos e contextuais, encontram nos MQ uma rica fonte de dados para explorar as transformações religiosas ao longo do tempo. Os MQ são de importância central para a área, não apenas como documentos históricos, mas como fontes que permitem uma análise aprofundada dos fenômenos religiosos do judaísmo do Segundo Templo. Eles oferecem novas perspectivas sobre a diversidade textual, as práticas rituais, as experiências de sagrado e as interações entre as tradições religiosas da época. Através do estudo desses manuscritos, os teóricos das Ciências das Religiões podem desenvolver uma compreensão mais abrangente e sofisticada das dinâmicas religiosas que moldaram o judaísmo e o cristianismo, contribuindo para um conhecimento mais profundo das origens e evoluções dessas tradições.

Diante dessas considerações, o próximo capítulo aproxima os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade – referencial teórico da pesquisa – dos Manuscritos do Mar Morto e de suas possíveis relações com outros textos religiosos, entre os quais se inclui a literatura do Segundo Templo. Trata-se do capítulo que dará as bases para as propostas profissionais que serão refletidas e delineadas no último capítulo da pesquisa.



¹⁰¹ BOCCACCINI, 2010, p. 252.

2 INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE ENTRE OS MANUSCRITOS DE QUMRAN E OS TEXTOS CRISTÃOS ORIGINÁRIOS DO SEGUNDO TESTAMENTO

Este capítulo analisa a interdiscursividade e a intertextualidade existente entre os MQ e os textos cristãos originários do Segundo Testamento, com o interesse de explorar a maneira pela qual essas literaturas dialogam entre si e desvelam uma continuidade e transformação do imaginário religioso da época. Para tanto, discute-se a relação entre interdiscursividade, intertextualidade e Ciências das Religiões, com o interesse de estabelecer uma base teórica para a análise subsequente. Além de analisar a interdiscursividade e intertextualidade entre os MQ e os textos cristãos originários, aborda-se a concepção de Nova Aliança e como ela desenvolve naqueles *corpora* a intersecção de ideias que conectam o judaísmo do Segundo Templo e o cristianismo emergente. Ganham destaque a figura de João Batista e suas práticas, o tema da justiça social como um tema central nos MQ, no intuito de evidenciar a complexa interdiscursividade que perpassa o cristianismo e o judaísmo naquela época.

2.1 Relação entre interdiscursividade, intertextualidade e as Ciências das Religiões

O estudo da interdiscursividade, conceito fundamental na análise do discurso, revela-se imprescindível nas Ciências das Religiões, uma vez que ilumina as complexas interações entre textos religiosos e sua evolução como fenômenos sociais intrincados. A interdiscursividade, entendida como a rede de referências e influências mútuas entre textos, é essencial para uma compreensão mais profunda da dinâmica das tradições religiosas. Mikhail Bakhtin elucida que “todo discurso é essencialmente um diálogo com outros discursos”¹⁰². Ele postula que o significado dos textos não pode ser compreendido isoladamente, mas apenas através da análise de sua inserção em uma rede dialógica mais ampla. Essa perspectiva é particularmente elucidativa para os textos religiosos, que frequentemente são constituídos por uma complexa teia de referências às tradições precedentes e contemporâneas.

No pensamento de Bakhtin, o interdiscurso aparece sob a nomenclatura de dialogismo. Para ele, o dialogismo sempre se dá entre discursos, de modo que os interlocutores apenas existem enquanto discurso. Nesse sentido, há uma tensão entre os discursos do locutor e do interlocutor, o que reforça que o dialogismo só se estabelece entre discursos. Bakhtin esclarece essa ideia quando aborda o aspecto das ciências do espírito e o problema da compreensão. Observe:

¹⁰² BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981. p. 282.

O espírito (o próprio e o do outro) não pode ser dado enquanto objeto (objeto diretamente observável nas ciências naturais), mas somente na expressão que lhe dará o signo, na realização que lhe dará o texto – em se tratando de si mesmo e do outro [...]. O gesto natural na representação do ator que adquire valor de signo (a título de gesto deliberado, representado, submetido ao desígnio do papel) [...]. O estenograma do pensamento humano é sempre o estenograma de um diálogo de tipo especial: a complexa interdependência entre o texto (objeto de análise e de reflexão) e o contexto que o elabora e o envolve (contexto interrogativo, contestatório, etc.), através do qual se realiza o pensamento do sujeito que pratica o ato da cognição e do juízo. Há encontro de dois textos, do que está concluído e do que está sendo elaborado em relação ao primeiro. Há, portanto, encontro de dois sujeitos, de dois autores.¹⁰³

O dialogismo, em Bakhtin, é efetivamente a maneira de funcionamento real da linguagem e, nesse sentido, trata-se de seu princípio constitutivo. Na mesma intensidade, é um modo peculiar de composição do discurso.¹⁰⁴

Para Bakhtin, o dialogismo é um princípio constitutivo da linguagem, porque os seres humanos não podem acessar diretamente a realidade. Na verdade, a relação entre seres humanos e a realidade conta sempre com a mediação da linguagem: “não se pode realmente ter a experiência do dado puro”¹⁰⁵, explica o autor. Com efeito, o real se manifesta semioticamente, indicando que o discurso não desenvolve uma relação direta com as coisas, e sim com outros discursos que tem potencial para semiotizar o mundo. É exatamente essa relação que Bakhtin denomina de dialogismo.

O fato de os seres humanos não terem relação com as coisas, e sim com os discursos que lhe conferem sentido, sinalizam que o dialogismo é a maneira pela qual a linguagem realmente funciona. Nas palavras de Bakhtin:

Todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico.¹⁰⁶

Logo, não há coisa ou objeto fora da dimensão do discurso. De acordo com Bakhtin, todo discurso dialoga com outros discursos, e uma palavra sempre está envolta de outras palavras.¹⁰⁷

¹⁰³ BAKHTIN, Mikhail. *Questões da literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 332-334.

¹⁰⁴ BAKHTIN, 1998, p. 332-334.

¹⁰⁵ BAKHTIN, 1993, p. 32.

¹⁰⁶ BAKHTIN, 1998, p. 86.

¹⁰⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 319.

Em sua teoria, Bakhtin não rejeita a existência do sistema linguístico e nem condena seu estudo, porque compreende a necessidade de estudar as unidades linguísticas. Mas, ele também considera essa abordagem é insuficiente para compreender o funcionamento real da linguagem. Por isso, ele sugere a translinguística, cujo objeto pauta-se na investigação das relações dialógicas entre os enunciados e sua constituição real.¹⁰⁸ Ele explica que as orações e as palavras representam as unidades da língua, ao passo que os enunciados são as unidades reais de comunicação. Orações e palavras são elementos repetíveis, mas os enunciados não, porque são sempre eventos únicos.¹⁰⁹ A translinguística tem potencial, nesses termos, de analisar as formas e os aspectos da relação dialógica que ocorre entre os enunciados e suas formas tipológicas.¹¹⁰

O aspecto que delimita a fronteira do enunciado é a oscilação dos sujeitos falantes. Com efeito, o enunciado pode ser entendido como uma réplica resultante de um diálogo estabelecido entre eles.¹¹¹ Segundo Bakhtin, o dialogismo constitui o enunciado, de modo que este último não pode existir fora do dialogismo:

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado numa esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra 'resposta' está empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição definida numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la a outras posições.¹¹²

Com Bakhtin, a relação dialógica – considerando o aspecto da interdiscursividade – é uma relação de sentido que se dá entre os enunciados no processo de comunicação verbal. Ou seja, dois enunciados, em uma justaposição no plano do sentido, estabelecerão uma relação dialógica.¹¹³

Por essa razão, a característica primeva de um enunciado é a existência de um autor, com a observação de que as unidades linguísticas não pertencem a ninguém. Mas, para Bakhtin, os

¹⁰⁸ BAKHTIN, 1992, p. 342.

¹⁰⁹ BAKHTIN, 1992, p. 332.

¹¹⁰ BAKHTIN, 1992, p. 335.

¹¹¹ BAKHTIN, 1992, p. 298.

¹¹² BAKHTIN, 1992, p. 316.

¹¹³ BAKHTIN, 1992, p. 308.

enunciados pressupõem sempre uma posição de autoria.¹¹⁴ Isso explica a razão pela qual ele não considera que as relações dialógicas são sempre ilógicas, e sim relação entre diferentes posições. O enunciado, enquanto réplica de um diálogo, tem um desfecho específico. Ele constitui um universo de sentido e abre caminhos para uma resposta.¹¹⁵ As unidades linguísticas não têm o mesmo desfecho e não possibilitam uma resposta, apesar de serem completas. Mas, para Bakhtin, o caráter de completude é inerente ao elemento, mas é o desfecho, ou o acabamento, que torna o todo singular.¹¹⁶

Um exemplo para ilustrar o argumento acima é a palavra *tiroteio*, que, a despeito de ser completa, não gesta respostas. Apenas quando ela adquire uma autoria e recebe um desfecho, ou acabamento, converte-se em um enunciado, capaz de denunciar uma situação de risco e possibilita ser objeto de uma resposta. Como réplica de um diálogo, os enunciados possuem um destinatário, ao passo que as unidades linguísticas não são direcionadas a ninguém.¹¹⁷ Nesse sentido, há uma neutralidade que marca as unidades linguísticas, entretanto, os enunciados são eivados de juízo de valor, sentimentos e expressões.¹¹⁸ As unidades linguísticas têm significações determinadas na relação que estabelecem com outras palavras, sejam elas do mesmo idioma ou não. Os enunciados, por sua vez, não possuem significação, e sim sentido.¹¹⁹ Se os enunciados, em Bakhtin, são constitutivamente dialógicos, pode-se inferir que seu sentido também é de ordem dialógica. O conteúdo do enunciado é, desse modo, um sentido concreto, que não se confunde com a significação, o que faz com que sua natureza seja dialógica. Nesse sentido, o conceito de enunciado bakhtiniano evoca o que se costuma chamar de discurso.¹²⁰

A afirmação de que o dialogismo constitui o enunciado equivale ao argumento de que, em sua estrutura e composição, ainda que vozes distintas não se manifestem, os enunciados são essencialmente dialógicos. Por isso, para Bakhtin, todo enunciado é detentor de uma dupla dimensão, porque manifesta duas posições, a saber: a sua e a do outro. O dialogismo é, nesse sentido, convergência e divergência, é tensão e complemento, recusa e aceitação. Isso indica que na perspectiva constitutiva o dialogismo pode ser compreendido como um campo de disputas entre vozes sociais e, com efeito, a relação dialógica mostra-se sempre em contradição.¹²¹

¹¹⁴ BAKHTIN, 1992, p. 345-346.

¹¹⁵ BAKHTIN, 1992, p. 351.

¹¹⁶ BAKHTIN, 1992, p. 307.

¹¹⁷ BAKHTIN, 1992, p. 353.

¹¹⁸ BAKHTIN, 1992, p. 308-312.

¹¹⁹ BAKHTIN, 1992, p. 355.

¹²⁰ BAKHTIN, 1992, p. 310-326.

¹²¹ BAKHTIN, 1992, p. 310-326.

Bakhtin, a partir das noções de forças centrípetas e centrífugas, sinaliza para a existência de jogos de poder em relação às vozes que reverberam na sociedade. Para ele não existe neutralidade no ecoar das vozes, mas sim uma dimensão política, pois nenhuma voz circula às margens do exercício do poder. Na verdade, ninguém diz o que quer, no momento que deseja e da maneira que quer. Para Bakhtin, quando vozes distintas são inseridas no seio do discurso, o dialogismo emerge como uma forma composicional: “formas externas, visíveis” do dialogismo, explica o autor russo.¹²² Com isso, depreende-se que o dialogismo supera as formas em que as vozes se inserem na composição do enunciado, porque essa é a sua forma de funcionamento real – o modo de sua constituição. Tais formas de incorporação do discurso do outro representam a maneira de dar visibilidade ao princípio de funcionamento dos enunciados. Em Bakhtin, o dialogismo é simultaneamente um fenômeno individual e social. Para ele:

O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões de mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural). A visão de mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião tem sempre sua expressão verbal.¹²³

Com a dimensão individual e social, Bakhtin leva em consideração não somente as polêmicas culturais, políticas e econômicas que espelham mundividências distintas, mas integra a fala, que é orientada pela opinião do locutor imediato. Ou seja, na comunicação real, manifestam-se variados fenômenos.

Contudo, a relação entre a dimensão individual e social não é estanque no pensamento de Bakhtin. Por um lado, ele demonstra que uma parcela significativa das opiniões dos sujeitos é social. Para ele, todo enunciado destina-se a um superdestinatário cuja compreensão responsiva é um fator determinante em sua produção. O superdestinatário tem uma identidade variante no decorrer do tempo, o que envolve, por exemplo, a formação social. A igreja pressupõe a “correção política”, ao passo que o partido, a ciência, explica Bakhtin.¹²⁴ Logo, quando uma réplica individual dirige-se ao superdestinatário, os enunciados tornam-se, em grande medida, sociais. Por outro lado, Bakhtin não considera um sujeito totalmente assujeitado, por assim dizer, porque isso representaria uma negação do dialogismo. Por isso, o dialogismo é descrito

¹²² BAKHTIN, 1992, p. 350.

¹²³ BAKHTIN, 1992, p. 319-320.

¹²⁴ BAKHTIN, 1992, p. 356-357.

com um caráter incessante, de modo que a singularidade se estabelece na interação ativa das vozes sociais.¹²⁵

De modo geral, quando se aborda o conceito de dialogismo, aparecem com mais destaque as relações com enunciados já constituídos – anteriores e passados. Não obstante, o enunciado se relaciona não apenas aqueles que o precedem, mas envolve ainda aqueles que o sucedem no processo de comunicação verbal. No momento em que o enunciado é produzido como uma resposta, ele se vincula a essa resposta, que, até então, não existia. Desse modo, o locutor tem sempre a expectativa de uma compreensão responsiva ativa, e o enunciado constitui-se para tal resposta, explica o autor russo.¹²⁶

Em resumo, pode-se dizer que a interdiscursividade pressupõe uma relação intercambiável entre discursos, de modo que um determinado discurso é gestado pelo *já dito*. Isso faz com que nenhum discurso seja homogêneo, e sim permeado por uma multiplicidade de vozes. O que está sendo dito, em uma determinada interação social, localiza-se em uma teia interdiscursiva e tange diferentes fios dialógicos carregados de valores, crenças e significados. No pensamento de Bakhtin, todo discurso é permeado pela interdiscursividade, de modo que estabelece uma relação com outros discursos, tornando-se um *locus* discursivo, um aglomerado de discursos que estabelece relações de delimitações intercambiáveis.¹²⁷

O dialogismo é esta relação interdiscursiva, ainda que não devem ser tratados como sinônimos. A interdiscursividade, em Bakhtin, indica que os discursos estão em uma rede de relações com outros discursos, ao passo que o dialogismo sinaliza para o modo de ser na cultura. Desse modo, pelo fato de serem dialógicos, os discursos tornam-se objetos históricos. Isso indica que a vida é, em sua natureza e essência, dialógica, porque o contexto dialógico não alude objetos e coisas, mas liga-se com outros discursos que semiotizam o mundo. Essa é a perspectiva do dialogismo pressuposta na análise de Bakhtin.¹²⁸

O aspecto histórico dos discursos pode ser captado a partir do movimento linguístico que os constituem. De acordo com José Luiz Fiorin, “é na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a história que perpassa o discurso”¹²⁹. Por isso, a concepção dialógica introduz outra perspectiva, uma vez que a análise histórica dos textos recebe outro aspecto, transformando-se em uma “final e sutil análise semântica, que vai mostrando aprovações ou

¹²⁵ BAKHTIN, 1992, p. 356-357.

¹²⁶ BAKHTIN, 1992, p. 320.

¹²⁷ BAKHTIN, 1992, p. 320.

¹²⁸ BAKHTIN, 1992, p. 320.

¹²⁹ FIORIN, José L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria C. (orgs.). *Texto ou Discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 151.

reprovações, adesões ou recusas, polêmicas e contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc.”¹³⁰. A história é, desse modo, interna ao sentido, de modo que o sentido é histórico. A captação das relações do texto em relação à história pressupõe o aprendizado desse movimento dialético que constitui o sentido. Para Fiorin, no pensamento de Bakhtin, “não há discurso fora das relações interdiscursivas”¹³¹.

O conceito de dialogismo de Bakhtin permite, dessa maneira, apreender como os textos sagrados participam de uma incessante troca discursiva, refletindo e moldando as práticas e crenças religiosas ao longo do tempo. Essa teoria ajuda a compreender que o enunciado manifesta dimensões distintas não apenas de leitura, mas também de interpretação, que são associadas ao procedimento aderido e aos sentidos produzidos.¹³² Logo, os fenômenos da interdiscursividade, em Bakhtin, e da intertextualidade, em Julia Kristeva, emergem como lentes essenciais para a legibilidade dos textos de Qumran. Por isso, explica-se o conceito de intertextualidade a partir dessa autora.

A teoria da intertextualidade proposta por Kristeva amplia a compreensão Bakhtin, ao afirmar que “todo texto é um mosaico de citações e alucinações”¹³³. Kristeva introduz o conceito de que os textos são constituídos por um campo de referências que transcendem o próprio texto, abrangendo uma rede de outros textos e contextos culturais. Na análise de textos religiosos, isso revela a forma como os textos considerados sagrados dialogam e reinterpretam tradições anteriores. Essa intertextualidade permite uma análise mais refinada das tradições religiosas, evidenciando como elas se reconstituem e evoluem em resposta a novos contextos e necessidades interpretativas.¹³⁴

Kristeva explica o conceito de intertextualidade a partir do texto como *ideologema*, que sinaliza para a função intertextual que se manifesta em diferentes instâncias da estrutura organizacional dos textos, que perpassa todo seu percurso e lhe atribui coordenadas histórico-sociais. Não representa, nesses termos, um processo de explicação e/ou interpretação subsequente à análise, isto é, que se destina a explicar o que era inicialmente conhecido como produto linguístico como um produto ideológico. Na verdade, para a autora, um texto como ideologema pode estabelecer os procedimentos de uma semiologia que, ao analisar o texto como uma intertextualidade, tende

¹³⁰ FIORIN, 2012, p. 151.

¹³¹ FIORIN, 2012, p. 151.

¹³² BAKHTIN, 1992, p. 320.

¹³³ KRISTEVA, Julia. *Desire in language: a semiotic approach to literature and art*. New York: Columbia University Press, 1980. p. 66.

¹³⁴ KRISTEVA, 1980, p. 66.

a pensá-lo dessa maneira, relação à história e à sociedade – que se configuram também como textos.¹³⁵

Com efeito, o ideologema de um determinado texto representa o *locus* em que a racionalidade incorpora e transforma os enunciados em um todo, da mesma forma que as introduções dessa mesma totalidade nos textos da história e da sociedade. Trata-se, nesse caso, do encontro entre uma organização textual determinada com os enunciados que absorvem no seu espaço ou que remetem ao espaço dos textos externos. Para Kristeva, todo texto materializa várias classes de discursos, precedentes ou contemporâneos, apropriando-se deles para recusá-los ou validá-los.¹³⁶

De qualquer modo, isso acontece para obtê-los, supondo que o *corpus* precedente ao texto age enquanto uma pressuposição comumente generalizada. Isso indica que, no pensamento da autora, todo texto se submete à jurisdição de outros discursos que acabam impondo-lhe um universo. É nesse sentido que o texto é uma intertextualidade, explica Kristeva, a partir do pressuposto de uma permuta entre textos, processos de absorção e alteração da multiplicidade de outros textos, ou seja, uma teia de relações externas e internas.¹³⁷

No pensamento de Kristeva, a intertextualidade refere-se aos aspectos que tornam o uso de um texto dependente do conhecimento de outros textos, seja um ou mais, previamente existentes. Ou seja, a intertextualidade abrange as diferentes formas pelas quais a elaboração e a recepção de um texto depende em relação ao conhecimento de outros textos.¹³⁸ Alguns fatores tornam o uso de um texto dependente de outros textos prévios, envolvendo elementos constitutivos e exibidos em rastros da ocorrência textual. Os elementos ligados ao aspecto constitutivo demonstram questões do conhecimento obtido, já os elementos dos aspectos exibidos amparam-se em marcas linguísticas que atualizam o texto. De qualquer forma, um ou outro podem ser apreendidos na prática dos sujeitos discursivos, isto é, os receptores dos textos.¹³⁹

Kristeva postulou o termo intertextualidade pautando-se na noção de dialogismo de Bakhtin, observando nos textos um diálogo com outros textos, bem como com seus receptores. Para autora, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”¹⁴⁰. A intertextualidade, nessa perspectiva, equivale a um conjunto de relações dialógicas entre textos, que representam a concretização dos enunciados. Logo, a

¹³⁵ KRISTEVA, Julia. *El texto de la novela*. Barcelona: Lumen, 1981. p. 15-16.

¹³⁶ KRISTEVA, 1981, p. 15-16.

¹³⁷ KRISTEVA, 1981, p. 18-19.

¹³⁸ KRISTEVA, 1981, p. 20.

¹³⁹ KRISTEVA, 1981, p. 21-23.

¹⁴⁰ KRISTEVA, 1974, p. 64.

intertextualidade sempre irá pressupor uma interdiscursividade, mas o contrário não acontece. A intertextualidade representa o “processo e incorporação de um texto em outro, seja para produzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”¹⁴¹. É uma referência ao outro que parte de paródias, alusões, estilizações ou qualquer outra posição discursiva possível.

Na lógica da intertextualidade, o texto não é tratado apenas como um objeto histórico, mas sobretudo como objeto de significação, o que permite investigar os mecanismos que o geram e o constituem como um todo de sentido. O contexto histórico é tratado como contexto discursivo. Texto, para Kristeva, é uma unidade de concretização de um discurso, um fenômeno complexo eivado por uma multiplicidade de vozes. Por isso, a noção de intertextualidade evoca a relação entre os discursos materializados em um determinado texto.¹⁴²

Texto e discurso são distintos, mas, no contexto da enunciação, são produtos de enunciados. No entanto, são objetos distintos que exibem maneiras de existência semiótica variada, sendo que um é do âmbito da atualização e o outro da realização.¹⁴³ Nesse sentido, o texto é a manifestação do discurso, o que indica que um discurso pode ser cristalizado em textos distintos. Com efeito, a intertextualidade é uma maneira concreta de elaborar textos, ao passo que a interdiscursividade tem uma relação profunda com o sentido.¹⁴⁴

Destarte, a interdiscursividade e a intertextualidade, ao integrarem as perspectivas de Bakhtin e Kristeva, proporcionam uma lente analítica refinada para as Ciências das Religiões. Esses conceitos permitem uma compreensão mais profunda das tradições religiosas capazes de revelar a complexa rede de influências e interações que moldam as práticas e as crenças religiosas. Essa abordagem não apenas enriquece o estudo das tradições religiosas, mas, também, pode iluminar as práticas sociais e culturais associadas a elas, oferecendo uma visão crítica e abrangente da dinâmica religiosa como fenômeno social.¹⁴⁵

A partir dessa fundamentação, é possível articular uma discussão para corroborar com a importância da intertextualidade e da interdiscursividade para a hermenêutica de textos considerados sagrados. A hermenêutica de textos tidos como sagrados, enquanto campo de estudo que busca a interpretação profunda dos textos, encontra na intertextualidade e na

¹⁴¹ FIORIN, José L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana L. P.; FIORIN, José L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin Mikhail*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 32.

¹⁴² KRISTEVA, 1974, p. 34.

¹⁴³ CHABROL, Claude. *Semiótica narrativa dos textos bíblicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1980. p. 91.

¹⁴⁴ FIORIN, 2012, p. 148.

¹⁴⁵ FIORIN, 2012, p. 148; KRISTEVA, 1974, p. 34.

interdiscursividade ferramentas indispensáveis para desvelar camadas de significados que transcendem o texto em sua literalidade.¹⁴⁶

As noções de intertextualidade e interdiscursividade, quando aplicadas à hermenêutica de textos considerados sagrados, revelam-se uma abordagem que, ao mesmo tempo em que reconhece a complexidade e a riqueza das tradições religiosas, não perde de vista a importância de uma análise histórica e contextual rigorosa. Para alcançar essa compreensão, é necessário considerar as condições históricas e culturais nas quais esses textos foram produzidos, como argumenta Paul Ricoeur em sua teoria hermenêutica. Ricoeur defende que a interpretação de um texto sagrado deve começar pela “distância crítica”, que envolve o estudo das circunstâncias originais de sua produção: o autor, o público-alvo, a cultura dominante e o contexto histórico. Esse enfoque permite ao intérprete aproximar-se do sentido original pretendido pelo autor, respeitando a intenção comunicativa e as nuances culturais que permeiam o texto.¹⁴⁷

A partir dessa perspectiva, a intertextualidade e a interdiscursividade não implicam necessariamente em uma reinterpretação contínua e mutável dos textos considerados sagrados, e sim em uma abordagem que procura entender como esses textos dialogaram com outras tradições e influências à época de sua composição. John Collins, por exemplo, sublinha a importância da análise fenomenológica para capturar o significado original dos textos religiosos, observando como as expressões religiosas são moldadas por suas interações com o ambiente social e cultural específico.¹⁴⁸

Para compreender a importância dos conceitos de intertextualidade e interdiscursividade no campo das Ciências das Religiões, vale considerar a contribuição de Mircea Eliade em sua ênfase à importância do “retorno ao tempo mítico” presente nos textos sagrados. Eliade argumenta que os textos religiosos funcionam como uma ponte para o “tempo sagrado”, em que o significado original e atemporal é perpetuado através dos rituais e das tradições que se reconstróem ao longo do tempo, mantendo, contudo, uma conexão essencial com o sentido primeiro e original. O fenomenólogo romeno destaca que “a participação no tempo sagrado, que se reatualiza durante os festivais religiosos, permite ao homem religioso viver em sintonia com os atos divinos realizados 'no início do tempo'”¹⁴⁹.

¹⁴⁶ KRISTEVA, 1974, p. 34.

¹⁴⁷ RICOEUR, Paul. *Hermeneutics and the Human Sciences: essays on language, action and interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. p. 42-43.

¹⁴⁸ COLLINS, 2000, p. 54.

¹⁴⁹ ELIADE, Mircea. *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. New York: Harcourt, Brace & World, 1959. p. 68.

Para situar essa discussão brevemente no campo da Antropologia da Religião, Geertz reforça a necessidade de situar os textos religiosos dentro do contexto cultural que os originou para uma interpretação mais precisa. Geertz sugere que os símbolos religiosos e os textos que os sustentam não podem ser completamente compreendidos sem uma análise densa das culturas nas quais estão inseridos, sublinhando a necessidade de uma hermenêutica que considere o “tecido cultural” como parte integrante do significado do texto.¹⁵⁰

Portanto, a intertextualidade e a interdiscursividade, vistas sob essa luz, deve ser compreendida não como um convite à relativização dos significados dos textos sagrados, mas como ferramentas que, quando aplicadas de maneira contextual e histórica, permitem uma aproximação à multiplicidade de sentidos dos textos. A compreensão de como esses textos interagiram com outros discursos da época pode contribuir para uma hermenêutica que respeita e preserva a reserva de sentidos que os textos sagrados carregam. Essa abordagem parece pertinente para o campo das Ciências das Religiões. Por isso, cabe questionar: como se dá a interdiscursividade entre os MMM e o Segundo Testamento?

2.2 Interdiscursividade e intertextualidade entre os MQ e o Segundo Testamento

A análise da interdiscursividade e da intertextualidade entre os MQ e os textos do Segundo Testamento oferece uma lente crucial para entender como diferentes tradições religiosas interagiram e se moldaram mutuamente durante o período do Segundo Templo. As relações interdiscursivas e intertextuais revelam-se não apenas na presença de temas e terminologias comuns, mas também na forma como ambos os *corpora* textuais respondem às questões teológicas, sociais e escatológicas da época.

A pluralidade hermenêutica evidenciada nos textos dos Manuscritos de Qumran — com releituras da Torá, reinterpretações escatológicas e normas sectárias específicas — pode ser pensada à luz de reflexões posteriores sobre a tradição judaica como processo interpretativo dinâmico. Embora Gershom Scholem e Moshe Idel não tratem diretamente do período do Segundo Templo, suas análises sobre a formação do pensamento judaico oferecem importantes subsídios para compreender os mecanismos de continuidade, ruptura e legitimação textual ao longo da história da tradição judaica. Scholem observou que “o judaísmo conheceu poucas rupturas absolutas; quase tudo nele é, ao mesmo tempo, herança e interpretação”¹⁵¹. Sua ênfase

¹⁵⁰ GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973. p. 34.

¹⁵¹ SCHOLEM, Gershom. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 24.

na reinterpretação como motor da tradição possibilita uma leitura dos Manuscritos de Qumran como variações internas — e não como cisões externas — ao universo religioso judaico. Por sua vez, Moshe Idel, ao criticar a linearidade da leitura scholemiana, defende que o judaísmo histórico se estruturou por meio de “uma pluralidade de focos hermenêuticos, em constante tensão e renovação”¹⁵². Essa perspectiva reforça a ideia de que os textos analisados nesta dissertação, tanto os qumrânicos quanto os cristãos originários, refletem disputas por autoridade simbólica e hermenêutica, situando-se em redes discursivas que expressam diferentes formas de inscrição da tradição.

Os MQ, com suas preocupações com a pureza ritual, expectativas messiânicas e a constituição de uma comunidade eleita, dialogam de maneira complexa com os textos do Segundo Testamento. Esse diálogo é evidenciado, por exemplo, na forma como ambos exploram a ideia de um “Novo Pacto” – ou Nova Aliança –, uma concepção central tanto para a comunidade de Qumran quanto para os primeiros cristãos. Enquanto os textos de Qumran articulam um Novo Pacto que reconfigura as relações entre Deus e Israel dentro de um contexto estritamente judaico, os escritos do Segundo Testamento reinterpretem essa noção para englobar uma comunidade mais ampla, a Igreja, incluindo gentios e judeus.¹⁵³

Além disso, a figura do Messias, central tanto nos MQ quanto no Segundo Testamento, é um ponto focal de interdiscursividade. A expectativa de um líder messiânico, embora comum a ambas as tradições, assume nuances diferentes. Nos textos de Qumran, a figura messiânica pode ser múltipla – com referências a Messias sacerdotais e reais –, enquanto que, no Segundo Testamento, essa figura é centralizada no personagem Jesus de Nazaré, cujas características e missão convergem em certos pontos, mas também divergem das concepções messiânicas de Qumran.¹⁵⁴

A interdiscursividade e a intertextualidade se estendem também à compreensão de rituais como a purificação por meio da água. Nos MQ, a imersão em água é vista como um ato de purificação essencial para a manutenção da pureza comunitária. No Segundo Testamento, esse ato é reinterpretado no contexto do batismo, que, embora mantenha a ideia de purificação, assume um novo significado teológico, simbolizando a morte e a ressurreição para uma nova vida.¹⁵⁵

A narrativa cristã, conforme estruturada na Bíblia cristã, inicia-se com os quatro evangelhos, cada um distinguido por características literárias específicas e abordagens narrativas diversas

¹⁵² IDEL, Moshe. *Cábala: nova visão, novos horizontes*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 18.

¹⁵³ LEITE, Edgar. Qual era o judaísmo de Paulo? *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 85-97, 2008b, p. 85-97.

¹⁵⁴ LEITE, 2008b, p. 85-97.

¹⁵⁵ VANDERKAM, 1993, p. 195.

sobre a figura de Jesus de Nazaré. Ainda que apresentem variações estilísticas e metodológicas, todos os evangelistas compartilham um propósito unificador: expor a pessoa de Jesus e seu ministério enquanto portador das boas novas. Lucas explicita essa intenção no preâmbulo de seu evangelho (Lc 1:1-4)¹⁵⁶, de modo que evidencia sua finalidade de fornecer uma exposição ordenada e meticulosamente investigada dos eventos concernentes ao ministério de Jesus, visando assegurar ao destinatário, Teófilo, e aos leitores subsequentes, a solidez das mensagens previamente ensinadas. Por outro lado, o autor do evangelho segundo João, ao concluir sua obra, sublinha os sinais de Jesus (Jo 20:30-31), de modo que o propósito da sua escrita é incitar a crença em Jesus como o Cristo, o Filho de Deus, destacando a intenção de gerar fé mediante a narração dos feitos atribuídos a Jesus. Essa intenção é reforçada no capítulo subsequente, quando ele declara que testemunhou todas essas coisas (Jo 21:24-25).

João adota uma estratégia narrativa intencional ao selecionar os feitos de Jesus, com o intuito de fomentar a fé nos que já haviam aderido à sua mensagem, ao mesmo tempo em que fornece evidências que corroboram o título messiânico do pregador de Nazaré. Dentro desse arcabouço, uma figura de grande destaque na literatura neotestamentária, Paulo de Tarso, argumenta que o cerne do evangelho reside na pessoa de Jesus e em suas ações, conforme explicitado em sua Epístola aos Romanos 1:1-6.

Essa concepção de “evangelho” não é inédita, mas parece encontrar raízes profundas na tradição judaica, tendo sua origem na Tanakh. O profeta Isaías proclama: “Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: ‘O seu Deus reina!’” (Is 52: 7). A expressão hebraica para “portador de boas-novas”, מְבַשֵּׂר (*mevasher*), foi subsequentemente traduzida para o grego da Septuaginta¹⁵⁷ como εὐαγγελιζόμενον (*euangelizomenou*), termo que denota “evangelho”. Este conceito é reiterado ao longo da segunda metade do livro de Isaías, influenciando de forma significativa as correntes judaicas da época.

O uso recorrente de Isaías nos documentos dos grupos em estudo, em particular os MQ e o Segundo Testamento, sugere uma apropriação comum da profecia para sustentar suas respectivas expectativas messiânicas. Essa convergência hermenêutica, como discutido por

¹⁵⁶ Nesta pesquisa, utiliza-se a seguinte tradução do texto bíblico: BÍBLIA Sagrada: Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 2018.

¹⁵⁷ Trata-se da tradução do Primeiro Testamento para um grego mais estilizado por parte dos judeus helenizados. Para mais informações, consulte: NOGUEIRA, Ricardo S. Um olhar sobre o grego da Septuaginta. *Revista Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, p. 245-256, 2017. p. 248.

Dunn, aponta para uma interdiscursividade que sublinha a centralidade da mensagem messiânica nas tradições judaicas e cristãs emergentes.¹⁵⁸

A intertextualidade entre diferentes tradições judaicas evidencia-se de maneira marcante na forma como as figuras messiânicas são concebidas e descritas ao longo dos séculos. Em particular, nos textos apocalípticos e sectários, observa-se uma tendência em identificar o Messias como o portador de uma mensagem redentora. Essa concepção é ilustrada nos *Salmos de Salomão* 11.1, em que uma figura escatológica é evocada como aquela que trará “boas-novas” a Jerusalém: “Soai em Sião o sinal de trombeta do santuário; anunciai em Jerusalém a voz daquele que traz as boas-novas (εὐαγγελιζομένου)”. De maneira análoga, nos MMM, o Messias é também caracterizado como o arauto dessas boas-novas, reforçando a expectativa messiânica e a função profética atribuída a essa figura nas tradições judaicas daquele período.

1 [pois os céus e a terra ouvirão seu Messias, 2 [e tudo] o que há neles não se afastará dos santos preceitos. 3. Fortalecem-se, os que buscam ao Senhor em seu serviço! 4 Acaso não encontram nisto o Senhor, (você,) todos os que esperam em seu coração? 5 porque o Senhor observará os piedosos e chamará os justos pelo nome, 6 e seu espírito repousará sobre os pobres, e ele renovará os fiéis com sua força. 7. Pois ele honrará os piedosos no trono da realeza eterna, 8 libertando prisioneiros, dando vista aos cegos, endireitando os tortuosos. 9. Para sempre aderirei aos que esperam. Em sua misericórdia ele julgará 10 e ninguém será retido do fruto [de sua boa obra], 11 e o Senhor fará obras gloriosas como elas nunca existiram, como ele disse 12 porque ele curará os feridos, e os farão viver mortos, ele *anunciará as boas novas* aos humildes.¹⁵⁹

Esse fragmento faz alusão direta a Isaías 61:1-3, que discorre sobre a unção e o ministério do Messias. Essa passagem foi instrumentalizada pelo grupo zadoquita para fundamentar suas crenças e expectativas escatológicas. No entanto, é igualmente relevante notar que esse mesmo texto veterotestamentário, no mesmo período, foi apropriado por Jesus de Nazaré, que o utilizou em uma ocasião significativa em Nazaré, conforme registrado em Lucas 4: 16-19, para auto identificar-se e legitimar seu próprio ministério messiânico. Veja o que é dito em 11QMelquisedec:

[...] seu Deus ... [...] 2 [...] E o que está escrito: ‘Neste ano de jubileu [cada um de vocês voltará à respectiva propriedade’, como está escrito: ‘Este é 3 o caminho (fazer) a remissão: todo credor fará a remissão do que ele pode ter emprestado ao seu vizinho. Ele não pressionará seu vizinho ou seu irmão quando a remissão 4 a Deus for proclamada’. ‘[Sua interpretação para os últimos dias refere-se aos cativos, do qual diz: Para proclamar a libertação aos cativos’. ‘E vai fazer prisioneiros 5 aos rebeldes e à herança de Melquisedeque, [...] por que são herança de Melquisedeque, que 6 os trará de volta para eles. Ele irá proclamar a libertação deles para livrá-los da [dívida]

¹⁵⁸ DUNN, James D. G. *Jesus, Paul, and the Gospels*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2022b. p. 13-14.

¹⁵⁹ Os textos do Mar Morto citados daqui em diante seguem a tradução de Florentino García Martínez. Para mais detalhes, veja: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93. No caso desta citação, trata-se do documento 4Q sobre la resurrección, fragmento 2 col. II, 1-13.

de todas as suas iniquidades. E isso vai acontecer [vai] na primeira semana do jubileu que segue os nove [jubileus]. *E o dia [da expiação] é ao final do décimo Jubileu 8 em que a expiação será feita por todos os filhos de [Deus] e pelos homens do grupo Melquisedeque.* [E nas alturas] ele se declarará em favor deles segundo as suas sortes; então 9 é a época do *'ano da graça'* para Melquisedeque, para exaltar [no processo] os santos de Deus pelo domínio do julgamento, como está escrito sobre ele nos cânticos de Davi que dizem: 'Elohim se ergue na assembleia de Deus, No meio dos deuses ele julga'. E sobre ele diz: 11 'voltará nas alturas, Deus julgará os povos' [grifo do texto].¹⁶⁰

A comunidade qumranita aplicou Isaías 61:1-3 ao ministério messiânico, interpretando que os feitos do Messias, por ocasião de sua manifestação, cumpririam as profecias descritas nessa passagem. Além da ênfase significativa na cura e nos milagres, havia também uma expectativa de que o Messias realizasse uma expiação em favor de Israel. De igual maneira, quando João Batista, conforme relatado em Mateus 11:4-5, se encontra encarcerado e questiona se Jesus de Nazaré era, de fato, o Messias aguardado, ele envia seus discípulos para obter confirmação. No entanto, ao invés de oferecer uma simples afirmação, Jesus, segundo Mateus, responde por meio de uma descrição de suas ações, operando os mesmos milagres que Isaías 61:1-3 atribuía ao Messias, oferecendo assim a resposta indireta a João.¹⁶¹ Em outra parte do texto de 11QMelquisedec, é destacado que:

Este é o dia de [a paz da qual] ele falou nos velhos tempos pelas palavras do profeta Isaías, que disse: 'Quão belos são sobre as montanhas os pés do anuncia a paz, do que prega o bem e que anuncia a salvação] dizendo a Sião: 'teu Deus [Rainha]' 17 Sua interpretação: As montanhas são os profetas [...] 18 e pregador é [o ungido do Espírito de quem Daniel falou ... e o pregador do] 19 bem que anuncia a salvação [é aquele de quem está escrito que [ele vai enviar a ela 'para confortar os aflitos, para cuidar dos aflitos de Sião'] 'Para consolar os aflitos', sua interpretação:] instruí-los em todos os tempos do mundo.¹⁶²

Nos textos dos MQ, o conceito de messianismo e a proclamação das "boas novas" estão profundamente entrelaçados, com os sectários esperando que o Messias anunciasse essas boas novas e trouxesse a restauração esperada para Israel. Nos evangelhos, essas mesmas expectativas são associadas a Jesus de Nazaré, e as mesmas passagens proféticas são aplicadas a ele (At 10: 36). Enquanto nos textos qumranitas a figura messiânica parece ser identificada com Melquisedeque, na Epístola aos Hebreus 7: 1-17, Melquisedeque é apresentado como um arquétipo de Jesus.

Para David Flusser, a concepção em Qumran de Melquisedeque como um Messias preexistente e juiz escatológico, juntamente com a representação cristã de Jesus como um sacerdote

¹⁶⁰ 11QMelquisedec, I. 1-11, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 93.

¹⁶¹ VERMES, Geza. *The nativity: history and legend*. London: Penguin Books, 2006. p. 233.

¹⁶² MARTÍNEZ, 1992, p. 93.

preexistente à semelhança de Melquisedeque, “sem pai, sem mãe”, sugere a possibilidade de que ambas as tradições derivem de uma interpretação midrástica de passagens da Tanakh.¹⁶³ Essas tradições refletem um intercâmbio interpretativo e teológico entre as comunidades judaicas e cristãs emergentes, evidenciando como figuras messiânicas foram reinterpretadas à luz das escrituras para legitimar reivindicações escatológicas distintas.

Israel Knohl, em sua obra *O Messias antes de Jesus: o servo sofredor dos Manuscritos do Mar Morto*, demonstra que a concepção de um Messias glorificado, incumbido de realizar a expiação, antecede a figura de Jesus e já estava presente entre a comunidade qumranita.

[...] Alegrai-vos vós, justos dentre os anjos [...] na santa morada, entoai[-lhe] hinos [...anunciai o som de um grito vibrante...] em eterno júbilo, sem[...] [...] para estabelecer a trombeta do[seu] Messias] [...] para tornar conhecida sua força em poderio[...].¹⁶⁴

Assim a concepção de um Messias anunciador de boas novas doador de perdão e glorificado era comum a ambos os grupos.

As páginas da Tanakh apresentam o Deus de Israel como uma divindade que se revela através de pactos solenes e eternos, sendo amplamente reconhecido como o “Deus da Aliança”. Segundo a tradição religiosa, ele estabeleceu alianças fundamentais com figuras patriarcais como Noé, Abraão, Isaac, Jacó, e posteriormente com o povo de Israel (Gn 6: 18; 15: 18; 17: 1-5; 28: 13-15; Êx 19). Essas alianças eram caracterizadas por promessas de bênçãos e advertências de maldições (Dt 30: 19), as quais estavam intrinsecamente vinculadas à fidelidade ou infidelidade de Israel em relação aos termos estabelecidos (Lv 26; Dt 28).

Sob essa perspectiva, o rompimento deste pacto por parte de Israel, em determinado momento de sua história, resultou em consequências severas, conforme registrado no livro de Daniel 9: 9-14. No entanto, outros profetas hebreus sustentaram que o Deus de Israel, fiel à sua natureza pactuante, jamais abandonaria seu povo, reafirmando que a aliança divina seria eterna. Dentro desse contexto, emergiu a concepção de que Deus renovaria essa aliança com a casa de Israel, como preconizado em Isaías 54: 8-10 e Jeremias 31: 3 ou 31-33.

Durante o período do Segundo Templo os “judaísmos” buscavam ser fiéis a aliança que havia sido quebrada no passado para vivenciar em breve através da chegada do Messias essa nova aliança, por outro lado os zadoquitas e os seguidores de Jesus de Nazaré, já acreditavam estar vivendo sob a nova aliança prometida por intermédio dos profetas. Os integrantes da

¹⁶³ FLUSSER, David. *Jesus in Self-Understanding: the preexistence of Christ in Jewish and Christian traditions*. 2. ed. Jerusalém: Magnes Press, 2002. p. 211.

¹⁶⁴ Documento 4Q491. Veja mais em: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

comunidade do Mar Morto tinham a convicção de pertencerem a uma comunidade que tinha uma aliança com o Deus de Israel e fazer parte da comunidade era equivalente a entrar na aliança, o que pode ser verificado na 1QRegra da Comunidade, col. I, 1-24; v, 8. Aqueles que entravam em aliança faziam uma declaração:

‘Fizemos maldade, 25 [nós transgredimos, pecamos, agimos impiamente, nós e nossos pais antes de nós, enquanto marchamos 26 [contrário aos preceitos] da verdade e da justiça [...] o seu julgamento contra nós e contra nossos pais; 1, mas ele derramou sobre nós a sua graça misericordiosa para sempre jamais’.¹⁶⁵

Segundo a Regra da Comunidade, aqueles que entrassem para a comunidade receberiam perdão das transgressões passadas pela graça e misericórdia de Deus, e esse tema também tem íntima conexão com o Segundo Testamento, como será demonstrado mais adiante. A ideia que a comunidade qumranita ponderava era a de que os membros da aliança fariam parte de uma comunidade eterna – 1QRegra da Comunidade, col. II, 24; 4QRegra da Comunidade^a, III, 7-12 –, em outras palavras fazer parte desta congregação implicaria em salvação eterna.¹⁶⁶

Os zadoquitas autocompreendiam-se como a comunidade guardiã da Aliança, afirmando que sua congregação emergiu 390 anos após o cativeiro babilônico, evento que, em sua interpretação, ocorreu precisamente devido à quebra da aliança por seus antepassados. Segundo essa narrativa, o Deus de Israel teria suscitado o Mestre da Justiça como líder espiritual, em resposta ao arrependimento das iniquidades cometidas pela comunidade, de acordo com o Documento de Damasco, col. I, 1-21. Esta narrativa de origem é fundamental para entender a ênfase rigorosa que a comunidade qumranita colocava na observância e fidelidade à aliança, percebendo-a como central para sua identidade e existência comunitária.

Os membros dessa comunidade concebiam sua adesão a uma Nova Aliança na terra de Damasco, conforme registrado no Documento de Damasco – Col. VI, 19; VIII, 21. No entanto, a localização exata referida como Damasco permanece incerta. Leonhard Rost apontou que não se sabe se essa é uma referência que “indica o reino dos nabateus ou alguma das regiões circunvizinhas de Damasco, ou se apenas constitui uma ficção para designar uma emigração interna”¹⁶⁷. Independentemente dessa incerteza geográfica, é possível afirmar que os zadoquitas

¹⁶⁵ 1QRegra da Comunidade, col. I, 25 – 26; II, 1 conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

¹⁶⁶ MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

¹⁶⁷ ROST, Leonhard. *The Old Testament: a historical and literary introduction*. 2. ed. Philadelphia: Fortress Press, 1980. p. 176.

se autodenominavam como a “comunidade da Aliança” ou “a comunidade da Nova Aliança”¹⁶⁸.

Roitman bem observou:

Os membros da seita de Qumrã viram no cumprimento da Lei a chave para a reconciliação de Deus com o povo de Israel. Mas a versão sectária da velha doutrina da berit (aliança, em hebraico), a Lei só era válida se fosse respeitada segundo a interpretação única e correta oferecida pelo ‘Intérprete da Lei’ (o Mestre de Justiça? Ou o Messias sacerdotal?) E os ‘filhos de Zadoque’. Portanto, a aceitação desta exegese exclusiva foi condição *sine qua non* para fazer parte da Comunidade e ser considerado um membro da ‘Nova Aliança’ (1QS V,7-10) [grifo do texto].¹⁶⁹

Por outro lado, no *corpus* do Segundo Testamento, a Nova Aliança encontra sua plena realização na morte expiatória de Jesus de Nazaré. Segundo o próprio Jesus, seu sangue é o sangue da Nova Aliança, o que o posiciona como mediador dessa aliança renovada (1 Co 11: 25; Hb 9: 15). A antiga comunidade cristã interpretava essa Nova Aliança como superior à anterior, dado que Jesus era simultaneamente o sacrifício e o sacerdote (Hb 8: 6). Nesse contexto, todos aqueles que aceitavam Jesus como salvador e integravam a comunidade cristã eram considerados parte dessa Nova Aliança, em que o perdão dos pecados era alcançado mediante a fé e a aceitação da morte expiatória do Nazareno.

Posteriormente, um pensamento análogo ao desenvolvido em Qumran emergiu dentro da comunidade cristã. Os zadoquitas concebiam sua comunidade como a verdadeira “comunidade da Aliança”, o autêntico Israel. De maneira semelhante, essa concepção foi adaptada pelos cristãos dos séculos I e II, que se viam como os legítimos herdeiros da nova aliança, entendendo-se como o verdadeiro Israel espiritual. Justino Mártir declarou:

Deus, portanto, anunciou que estabeleceria uma nova aliança e está para iluminar as nações. Vemos e estamos convencidos de que, por meio do nome de Jesus Cristo crucificado, as pessoas se afastam da idolatria e de toda iniquidade, para aproximar-se de Deus, suportando até a morte para confessá-lo e manter a sua religião. Todos podem compreender que esta é a lei nova e a nova Aliança, assim como a expectativa daqueles que, de todas as nações, esperam os bens de Deus. Com efeito, nós somos o povo de Israel verdadeiro e espiritual, a descendência de Judá e de Jacó, de Isaac e de Abraão, que foi atestado por Deus o enquanto ainda era incircunciso e que foi abençoado e chamado pai de muitas nações. Nós somos aqueles que se aproximaram de Deus por meio desse Cristo crucificado, como ficará demonstrado quando continuarmos os nossos raciocínios.¹⁷⁰

Na tradição cristã em geral, a celebração da Ceia ou a Eucaristia assumem uma importância central na compreensão da Nova Aliança entre os primeiros seguidores de Jesus, uma vez que,

¹⁶⁸ CROSSAN, John D.; REED, Jonathan L. *In search of Paul: How Jesus's Apostle Opposed Rome's Empire with God's Kingdom*. New York: HarperOne, 2007. p. 176.

¹⁶⁹ ROITMAN, Adolfo. *The sectarians from Qumran: daily life of the Essenes*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007. p. 69.

¹⁷⁰ MÁRTIR, Justino. Diálogo com Trifão. In: ACADEMIA [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

de acordo com o relato paulino, foi ordenado por Jesus que seus seguidores participassem desse rito em sua memória até o seu retorno. Assim, o tradicional *Sêder de Pessach*, que originalmente rememorava o Êxodo, foi reconfigurado pelos cristãos, adquirindo um novo significado que se centrava nos feitos de Jesus de Nazaré. Conforme atestado na *Didaqué*, um texto que guarda íntimas relações com os MMM, apenas aqueles que haviam sido batizados e, portanto, que já haviam se integrado à Nova Aliança, tinham o direito de participar da Ceia.

O conceito de Nova Aliança era um tema recorrente tanto entre os seguidores de Jesus quanto entre os membros da comunidade de Qumran. Ambos os grupos se consideravam como vivendo sob o domínio dessa Nova Aliança. Na qualidade de “povo da Aliança”, eles se autopercebiam como o verdadeiro Israel, o legítimo herdeiro das promessas divinas.

Diversos estudiosos tentaram estabelecer uma conexão entre João Batista e a comunidade do Mar Morto, sugerindo frequentemente que o Batista teria sido membro dessa “seita”¹⁷¹. Os membros dessa comunidade consideravam-se o verdadeiro Israel e buscavam uma separação rigorosa dos demais grupos judaicos, evidenciando um exclusivismo que não encontra paralelo nas práticas de João Batista.¹⁷²

O ministério de João Batista, centrado no batismo como um chamado ao arrependimento genuíno, possui de fato alguma correspondência com a compreensão de purificação presente na comunidade de Qumran, como será discutido posteriormente. Entretanto, essa semelhança é superficial e não se estende a outras dimensões. Segundo Flusser, João pregava para “todo o Israel”, sem distinção partidária, e em nenhum momento manifesta uma visão de polarização entre “nós e eles”, ou expressa aversão aos demais grupos judaicos.¹⁷³ Essa ausência de sectarismo em João Batista contrasta claramente com o exclusivismo da comunidade do Mar Morto, sugerindo que, apesar de certas semelhanças temáticas, os dois movimentos operavam a partir de premissas teológicas e sociais distintas.

É plausível considerar, a partir dos estudos de Flusser,¹⁷⁴ ou de Echegaray,¹⁷⁵ que João Batista tenha mantido algum tipo de contato com a comunidade do Mar Morto ou mesmo participado dela em determinado período. Contudo, as divergências doutrinárias e o caráter separatista dos zadoquitas teriam eventualmente conduzido João a seguir um caminho distinto. No entanto, é

¹⁷¹ SHANKS, 1993, p. 198. Veja ainda: ROITMAN, Adolfo. *The Dead Sea Scrolls and the Qumran Community*. Jerusalem: The Israel Museum, 2016. p. 186.

¹⁷² ROITMAN, 2016, p. 186.

¹⁷³ FLUSSER, David. *Jesus and the Dead Sea Scrolls*. New York: Magnes Press, 2000b. p. 201.

¹⁷⁴ FLUSSER, 2002, p. 20.

¹⁷⁵ ECHEGARAY, Humberto R. *Introducción a los Manuscritos del Mar Muerto*. Madrid: Cristiandad, 1994. p. 152-153.

fundamental ressaltar que essa suposta participação de João permanece uma hipótese que carece de comprovação robusta e não pode ser sustentada com segurança à luz das evidências documentais atualmente disponíveis. Alan Millard salienta o seguinte:

João claramente discordava do modo de vida de Qumrã, pois não dizia aos convertidos que deixassem suas casas ou obedecessem a regulamentos tão rígidos. João atacava os sacerdotes nos seus sermões. Mas, segundo os documentos disponíveis, não atacava o templo e seu culto como fazem alguns dos manuscritos [...]. Tão dissociado estava João das esperanças correntes, que mesmo ele ficou um tanto inseguro mais tarde, e teve de ser tranquilizado (Mateus 11:2-19).¹⁷⁶

João Batista, conforme indicado pela narrativa lucana (Lc 1: 5), possuía familiaridade com muitos dos ensinamentos de natureza sacerdotal. Esse fato é compreensível dado que ele próprio era filho de um sacerdote, segundo o relato. No entanto, a natureza específica de sua relação com o Templo ou com os grupos religiosos permanece envolta de incertezas. Essa lacuna de informações impede uma análise conclusiva sobre a extensão de sua conexão com as práticas e crenças sacerdotais estabelecidas, bem como sobre sua possível interação com a aristocracia sacerdotal de Jerusalém.¹⁷⁷

Dada a complexidade de sua trajetória e as limitações das evidências disponíveis, torna-se difícil afirmar com segurança que João Batista exerceu alguma influência significativa sobre a comunidade de Qumran ou que tenha sido, por sua vez, profundamente influenciado por ela. Embora existam algumas convergências temáticas e uma possível familiaridade mútua com certos ensinamentos, as divergências doutrinárias e a ausência de evidências claras sugerem que qualquer interação entre João e a comunidade de Qumran foi, na melhor das hipóteses, tangencial. Assim, a hipótese de uma influência direta e substancial entre João Batista e a comunidade de Qumran permanece especulativa e não pode ser sustentada com firmeza no atual estado da pesquisa acadêmica.¹⁷⁸

Um dos ritos mais reconhecíveis e duradouros do judaísmo, desde a antiguidade até os dias atuais, é a prática da *mikvê*, um banho ritual realizado em uma piscina de água ou em águas correntes. Desde os tempos antigos, os judeus se submetem regularmente à imersão nas águas com o propósito de purificação das impurezas físicas, espirituais e ritualísticas.¹⁷⁹

¹⁷⁶ MILLARD, Alan. *Discoveries from the Time of Jesus*. Oxford: Lion Publishing, 1999. p. 270.

¹⁷⁷ MILLARD, 1999, p. 270.

¹⁷⁸ MILLARD, 1999, p. 270.

¹⁷⁹ CARDOSO, Rosemary A.; AMARAL, Alencar M. Pessoas, objetos e museus: percepções do público visitante sobre os artefatos arqueológicos expostos em museus recifenses. *Cadernos do Lepaarq*, Recife, v. 17, n. 34, p. 183-208, 2020. p. 187.

Segundo Vermes e Schiffman, esse rito de purificação era particularmente valorizado pelos membros da comunidade de Qumran,¹⁸⁰ onde era amplamente praticado não apenas como um meio de obtenção de pureza cerimonial, mas também como um veículo para o perdão dos pecados.¹⁸¹ Essa prática está documentada na Regra da Comunidade, em que se delineiam os procedimentos e a importância do banho ritual para a vida religiosa da comunidade. A imersão nas águas, assim, transcendia a simples observância de normas de pureza, representando um ato de renovação espiritual que estava intrinsecamente ligado à estrutura teológica e social da comunidade. Na Regra da Comunidade 1QS, Col. 3, encontra-se:

Sua alma abomina as disciplinas do conhecimento do julgamento justo. Ele não permaneceu firme na conversão de sua vida e não será contado com os retos. Seu conhecimento, sua força e sua riqueza não entrarão no conselho da comunidade, porque trabalha no lamaçal da impiedade e há mancha em sua conversão. Não será justificado enquanto existir teimosia em seu coração, pois ele considera as trevas como caminhos da luz. Na fonte dos perfeitos, ele não será contado. Não permanecerá purificado pelas expiações, nem será purificado pelas águas, nem será santificado pelos mares ou rios, nem será purificado nas águas de abluções. Impuros serão todos os dias que rejeita os preceitos de Deus, sem se deixar instruir pela comunidade de seu conselho. Porque pelo espírito do verdadeiro conselho sobre os caminhos do homem são expiadas suas iniquidades para que ele possa contemplar a luz da vida. E pelo espírito de santidade que o une à sua verdade é purificado de suas iniquidades. E pelo espírito de justiça e humildade, seu pecado é expiado. E pela submissão de sua alma para todas as leis de Deus é purificada sua carne sendo aspergida com águas e santificai-vos com as águas da contrição. Que Então firme seus passos para caminhar perfeitamente por todos os caminhos de Deus, conforme o que ele ordenou sobre os tempos fixos nos seus decretos, e não se desvie nem para a direita nem para a esquerda, nem quebrado apenas uma de todas as suas palavras. Assim será aceito através de expiações agradável diante de Deus, e haverá para ele a aliança de uma comunidade eterna.¹⁸²

O leitor atento perceberá que o autor confere uma ênfase significativa ao arrependimento e ao abandono dos caminhos das trevas como condições indispensáveis para que a expiação e a purificação sejam efetivamente alcançadas. Em outras palavras, a simples imersão nas águas não era suficiente; deveria haver uma transformação genuína na conduta daquele que desejava ser contado entre os justos.

Hannah Harrington elucidou com precisão que a concepção de que a purificação ritual está intrinsecamente ligada ao processo de expiação transcende os MMM.¹⁸³ Essa ideia é corroborada por textos do período do Segundo Templo, que atestam práticas semelhantes. A fundamentação teológica da comunidade qumranita encontrava-se ancorada em passagens

¹⁸⁰ VERMES, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin Classics, 2004b. p. 120.

¹⁸¹ SCHIFFMAN, 1994, p. 302.

¹⁸² MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

¹⁸³ HARRINGTON, Hannah K. Purity and the Dead Sea Scrolls. In: HEMPEL, Charlotte (ed.). *The Dead Sea Scrolls: texts and contexts*. Leiden: Brill, 2011. p. 344-345.

específicas da Tanakh, como Gênesis 35: 1-3, Jó 1: 6 e 2 Reis 5: 14, que sublinham a importância da pureza tanto física quanto espiritual.

Nesse contexto, João Batista, cuja prática em certa medida pode ter sido influenciada pela comunidade qumranita, conferia ao seu rito de batismo uma ênfase similar. Ele sublinhava a necessidade de um arrependimento genuíno como condição prévia indispensável para que o batismo fosse eficaz e a remissão dos pecados fosse concedida. Essa abordagem refletia uma continuidade com as tradições de purificação ritual do período, que exigiam não apenas a observância externa dos ritos, mas também uma transformação interna profunda, essencial para que o indivíduo fosse considerado digno de tal purificação (Mt 3: 1-18).

O batismo de João Batista apresenta notáveis semelhanças com as práticas da comunidade qumranita, embora existam também divergências significativas entre ambos. Roitman argumenta que a mensagem e a ação simbólica de João Batista constituíram uma crítica implícita, mas contundente, ao Templo de Jerusalém.¹⁸⁴ Embora João não tenha proferido uma crítica explícita ao Templo, sua prática de oferecer um meio alternativo de expiação, fora dos rituais do Templo, era sem precedentes. Para João, o batismo representava tanto um ato de expiação quanto uma preparação para o iminente Reino de Deus, que ele acreditava estar associado à vinda do Messias.

Por outro lado, os zadoquitas mantinham a esperança de que Deus estabelecesse, no futuro escatológico, um verdadeiro santuário. Enquanto os zadoquitas esperavam pela chegada de um Messias e pela reconstrução do Templo, a mensagem de João não previa a edificação de um futuro Templo terreno, mas estava alinhada à crença, posteriormente desenvolvida no Novo Testamento, de um Templo celestial.¹⁸⁵

Essa ênfase na purificação e na preparação para o Reino de Deus foi continuada pelos seguidores de Jesus. Um exemplo disso pode ser encontrado no sermão de Pedro durante a festa de Pentecostes, onde, após sua exortação, os ouvintes perguntaram: “Que faremos, irmãos?” A resposta de Pedro foi direta: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos seus pecados, e vocês receberão o dom do Espírito Santo” (At 2:38).

Um fato de grande relevância é que, na *Regra da Comunidade* de Qumran, aqueles que demonstrassem um genuíno arrependimento eram agraciados com o “Espírito da Verdade” – 1QS, Col. 4:21-23 –, uma noção que encontra paralelo no Segundo Testamento,

¹⁸⁴ ROITMAN, 2007, p. 191.

¹⁸⁵ ROITMAN, 2007, p. 191.

especificamente no texto de Atos mencionado anteriormente. De maneira similar, o evangelho de João refere-se ao Espírito Santo como o “Espírito da Verdade” em várias passagens (Jo 14:15-16; 15:26; 16:13).

No discurso relatado em Atos 2, observa-se uma aceitação massiva dos ideais apresentados por Pedro, resultando na adesão de aproximadamente três mil judeus à sua mensagem. Esses novos aderentes provavelmente realizaram a imersão nos *mikvot* – banhos rituais – próximos ao Templo de Jerusalém, conforme sugerido por Hoffmeier.¹⁸⁶ É importante notar que esses judeus não encontraram dificuldades em aceitar tal batismo, uma vez que já estavam familiarizados com a prática do banho ritual de purificação, um elemento central na tradição judaica.

Além disso, a própria comunidade protocristã, próximo ao final do ministério de Paulo, o convida a participar de uma purificação ritual – *mikvê* –, com o intuito de demonstrar sua fidelidade à Torá (At 21:21-26). Esse episódio evidencia a continuidade da prática do banho ritual de purificação dentro do movimento cristão primitivo, sublinhando sua importância tanto como um rito de purificação quanto como um gesto de conformidade com a tradição judaica.

Jodi Magness observa que, no desenvolvimento do cristianismo, o batismo gradualmente se consolidou como um rito singular, em contraste com a prática judaica, onde a imersão em água, ou *mikvê*, era um rito repetitivo.¹⁸⁷ No entanto, é crucial destacar que essa transição para um batismo único não ocorreu de forma imediata, mas ao longo de várias décadas. A própria evidência do período primitivo do cristianismo, como mencionado anteriormente, contradiz a ideia de um batismo único nos primórdios da fé cristã.

Um exemplo ilustrativo dessa continuidade da prática de múltiplas imersões é encontrado no comportamento de Paulo, que, além de submeter-se a um rito de purificação ritual, também batizou pessoas que já haviam recebido o batismo de João (At 19). Esse episódio sugere que, nos primeiros anos do movimento cristão, a imersão em água continuava a ser entendida como um ato de purificação que podia ser repetido, refletindo, em parte, a prática judaica tradicional.¹⁸⁸

No primeiro século da EC, os primeiros seguidores de Jesus reuniam-se em domicílios, que mais tarde passaram a ser conhecidos como “comunidades domésticas” ou “igrejas domésticas” (Cl 4:16; 1 Co 16:19). Um exemplo significativo dessa prática foi revelado pela descoberta arqueológica da casa associada a Pedro em Cafarnaum. As escavações arqueológicas indicam que essa residência originalmente serviu como uma “comunidade doméstica” e, posteriormente,

¹⁸⁶ HOFFMEIER, James K. *The Archaeology of the Bible*. Oxford: Lion Hudson, 2008. p. 167.

¹⁸⁷ MAGNESS, 2002, p. 138.

¹⁸⁸ MAGNESS, 2002, p. 138.

foi transformada em uma igreja formal. A presença de um batistério no local destaca sua relevância litúrgica e sacramental dentro da comunidade protocristã.¹⁸⁹

Para Hoffmeier, esse achado arqueológico oferece evidências substanciais sobre as práticas religiosas das primeiras comunidades cristãs na Galileia e a evolução de seus espaços de culto, ilustrando a transição de reuniões informais em residências para a formalização de locais dedicados à adoração e rituais sacramentais.¹⁹⁰

A temática da justiça social emerge de maneira recorrente nas fontes judaicas, particularmente na Torá e na *Mishná*, indicando outro tipo de relação interdiscursiva e intertextual. A Tanakh retrata de forma constante a realidade de que o afastamento dos monarcas de Israel das normas pactuadas na aliança com a divindade acarretava um agravamento das condições de vida dos segmentos mais vulneráveis da população, conforme ilustrado em passagens como Amós 8: 4-6 e Habacuque 1: 1-4. Nesse sentido, destaca Abraham Heschel:

Que tipo de homem é o profeta? Um estudante de filosofia que passa dos discursos dos grandes metafísicos para os discursos dos profetas pode sentir como se estivesse saindo do reino do sublime para uma área de trivialidades. Em vez de lidar com questões intemporais de ser e devir, de matéria e forma, de definições e manifestações, ele é lançado em discursos sobre viúvas e órfãos, sobre a corrupção dos juizes. Em vez de nos mostrar um caminho pelas elegantes mansões da mente, os profetas nos levam para os guetos.¹⁹¹

A influência exercida pelos profetas de Israel sobre os Zadoquitas foi de notável relevância, conduzindo-os ao desenvolvimento de uma crítica social incisiva em relação à acumulação de riquezas. Embora os profetas israelitas não condenassem a riqueza em si, eles fervorosamente denunciavam a opressão perpetrada pelos poderosos contra os grupos vulneráveis, sublinhando a imperiosa necessidade de benevolência por parte das classes mais abastadas, conforme evidenciado nas normativas do ano do jubileu (Lv 25: 8-34).

Os zadoquitas, contudo, foram além dessa concepção, adotando uma postura de explícita rejeição à acumulação de bens materiais. Os adeptos dessa comunidade eram instados a renunciar às posses e a praticar o compartilhamento de seus recursos, considerando a riqueza uma artimanha de Belial, destinada a desviar os filhos de Israel de sua trajetória espiritual, conforme ilustrado no Documento de Damasco. Observe:

13 Belial será enviado contra Israel, como Deus disse por meio do profeta Isaías, filho de 14 Amos, dizendo: “Pânico, cova e rede contra ti, habitante da terra”. Sua explicação: 15 Estas são as três redes de Belial, nas quais Levi, filho de Jacó, falou, 16 em que ele captura Israel e as faz aparecerem diante deles como três espécies de 17

¹⁸⁹ MAGNESS, 2002, p. 140.

¹⁹⁰ HOFFMEIER, 2008, p. 146.

¹⁹¹ HESCHEL, Abraham J. *The Prophets*. New York: Harper & Row, 1962. p. 3.

justiça. A primeira é a fornicção; a segunda, a riqueza; a terceira, a contaminação do templo. Quem escapa de uma fica preso em outra.¹⁹²

Em outro trecho do Documento de Damasco, os membros da comunidade são instruídos a, nos tempos finais, manterem-se distantes das riquezas adquiridas de forma ilícita, bem como dos bens acumulados pelo Templo. Essa orientação reflete uma aversão profunda à corrupção associada à riqueza, especialmente quando esta está vinculada a práticas religiosas institucionalizadas, sublinhando o compromisso da comunidade com uma pureza espiritual desvinculada de influências materiais e corruptas.

E os nobres da cidade são os que vieram para cavar o poço com as varas que decretou, para marchar eles durante toda a era da iniquidade e sem eles não terão sucesso, até que aquele que ensina a justiça surja no fim dos tempos. Mas todos aqueles que foram introduzidos na aliança não entrarão no templo para acender seu altar em vão. Eles serão os que fecharam a porta, como disse Deus: “Quem dentre vós fechará sua porta para que você não acenda meu altar em vão! A não ser que tenha o cuidado de agir de acordo com a interpretação exata da lei para era da impiedade: separar os filhos da cova; para abster-se de riquezas ímpias que contaminam, em promessa ou em voto, e das riquezas do templo, e de roubar os pobres do seu povo, e de fazer das viúvas o seu despojo, e assassinar órfãos; separar o impuro do puro e distinguir entre o sagrado e o profano; observar o dia de sábado de acordo com a interpretação exata, e as festividades, e o dia de jejum, conforme o que encontraram os que entraram na nova aliança na terra de Damasco.”¹⁹³

Conforme Eyal Regev, durante um período de impiedade, o Deus de Israel suscitaria indivíduos nobres e sábios para orientar o povo no distanciamento da corrupção associada não apenas à acumulação de riquezas, mas também ao funcionamento do Templo¹⁹⁴. Nesse contexto, um grupo de dissidentes, diante dos conflitos em Jerusalém e das tensões em torno da administração cultural, teria deixado a Judeia em direção a Damasco. A hipótese predominante na literatura especializada é que esse grupo fosse composto por sacerdotes descontentes, que se recusavam a realizar sacrifícios caso os rituais não fossem seguidos com absoluta precisão conforme os preceitos da Torá. Essa postura evidencia uma cisão em relação à prática religiosa hegemônica, marcada por uma crítica contundente à condução institucional do Templo. No entanto, é importante destacar que tais críticas devem ser interpretadas no contexto das disputas político-sacerdotais da época, e não simplesmente como reflexo de uma alegada degradação espiritual generalizada. Trata-se de uma retórica comum a movimentos de ruptura que reivindicam legitimidade por meio da oposição à ordem vigente. O trecho do *Pesher* que se segue

¹⁹² Documento de Damasco, Col. IV, 13-17, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

¹⁹³ Documento de Damasco, Col. VI, 10-19, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

¹⁹⁴ REGEV, Eyal. *Sectarianism in Qumran: a cross-cultural perspective*. Berlin: De Gruyter, 2009. p. 64.

exemplifica esse tipo de discurso, ao reinterpretar uma profecia em termos de condenação aos líderes sacerdotais de Jerusalém:

Oráculo do Senhor dos Exércitos. Vou queimar no fogo sua multidão [e a espada devorará seus filhos. Vou retirar da terra] seus descendentes. 10 e a voz dos teus mensageiros não será mais ouvida. Sua interpretação: ‘Tua multidão’ são seus bandos de soldados [...]; ‘seus cachorros’ são 11 seus nobres [e os membros de seu conselho, posição isso...] e ‘seus despojos’ é a riqueza que os sacerdotes de Jerusalém acumularam, que] 12 eles darão [...] Efraim, Israel receberá.¹⁹⁵

Esse tipo de reinterpretação oracular insere-se em uma tradição exegética própria dos textos da comunidade de Qumran, nos quais a condenação das elites religiosas é reelaborada à luz de uma teologia da substituição e da eleição de um "resto fiel".

Em diversos momentos, a aristocracia do Templo é duramente criticada por sua propensão à acumulação de riquezas. Em contrapartida, os membros dos grupos adotavam uma postura de abstenção das posses materiais, buscando distanciar-se das práticas de acúmulo. Esse contraste é claramente evidenciado na passagem dos 4QSalmos Apócrifos, onde se declara: “No conhecimento da sua verdade, e de acordo com o seu conhecimento e de acordo com o seu entendimento, a alma do teu servo detesta a riqueza e o roubo”¹⁹⁶. Esse trecho sublinha a repulsa dos membros dos grupos em relação à riqueza adquirida de maneira ilícita, reafirmando seu compromisso com uma vida marcada pela pureza espiritual e pelo desapego material.

Jesus de Nazaré também criticou práticas realizadas no Templo de Jerusalém, como exemplificado na expulsão dos cambistas, conforme narrado no Evangelho de João 2: 13-22. Contudo, apesar dessa crítica, nem Jesus nem seus seguidores adotaram uma postura semelhante à dos zadoquitas em relação ao Templo. Na Bíblia cristã, há relatos de que Jesus frequentava o Templo durante os períodos festivos, e, mesmo após sua morte, seus discípulos continuaram a participar das atividades no Templo (Jo 5: 1, 14; 7: 1-17; 11: 55; At 3: 1; 21: 20). No que tange às riquezas, Jesus de Nazaré ensinou que não é possível servir simultaneamente a Deus e ao dinheiro: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou se devotará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6:24). Os ensinamentos de Jesus sobre a riqueza parecem estar profundamente ligados ao papel que ela desempenha na vida humana. Se as riquezas ocuparem o lugar do Deus de Israel no coração de um indivíduo, elas devem ser renunciadas. A narrativa do “jovem rico” ilustra de maneira clara esse princípio, evidenciando a tensão entre o acúmulo de bens materiais e a devoção espiritual, como pode ser lido em Mateus 19:16-22.

¹⁹⁵ 4QPesher Nahún, Frag. 3 e 4 col. I, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

¹⁹⁶ 4QSalmos Apócrifos (4Q381), Col. XVIII, 29, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

Em contraste, os zadoquitas impunham que os indivíduos que se juntassem à comunidade compartilhassem suas propriedades com a comunidade. Após completarem um período de prova para integrar-se à comunidade, seus bens seriam transferidos para o administrador da comunidade. Note:

Se for incorporado ao conselho da comunidade, que ele não toque na comida pura dos numerosos enquanto eles o examinam sobre seu espírito e suas obras até isso completa um ano inteiro; e que ele não participa do patrimônio dos numerosos. 18. Quando completar um ano na comunidade, os numerosos questionarão sobre seus assuntos, sobre seu discernimento e de suas obras em relação à lei. E se ele conseguir 19 unir-se aos fundamentos da comunidade segundo os sacerdotes e a maioria dos homens da aliança, também *os seus bens e as suas posses serão incorporados ao administrador dos bens dos numerosos*. E eles os inscreverão no registro, mas eles não os usarão para os Numerosos. Não toque na bebida dos numerosos até 21 completar o segundo ano entre os homens da comunidade. E quando este segundo ano terminar, será inspecionado pela autoridade dos Numerosos. E se você 22 ingressar na comunidade, eles vão registrar na Regra da sua posição entre os seus irmãos, para a lei, para o julgamento, para pureza e *pela partilha dos seus bens* [grifo do texto].¹⁹⁷

Nos estudos sobre os MQ e o Segundo Testamento, é comum a identificação de sistemas sociais sectários na literatura protocristã. Shanks cita o exemplo de Ananias e Safira, em Atos 5, como um caso ilustrativo desse fenômeno.¹⁹⁸ De acordo com o relato, Ananias e Safira entregaram à comunidade apenas a metade do valor de uma propriedade, o que resultou em sua morte. Contudo, o texto de Atos 5 esclarece que a punição não decorreu da retenção parcial da propriedade, mas da mentira sobre o valor real do bem, já que o casal afirmou ter contribuído com a totalidade do montante para a comunidade com o objetivo de aparentar uma falsa piedade. Em outras palavras, a reprovação do casal foi motivada não pela falha em cumprir uma suposta obrigação de doação, mas pela desonestidade em tentar enganar a comunidade, revelando um problema de integridade moral, mais do que uma simples questão de cumprimento ritual ou financeiro.

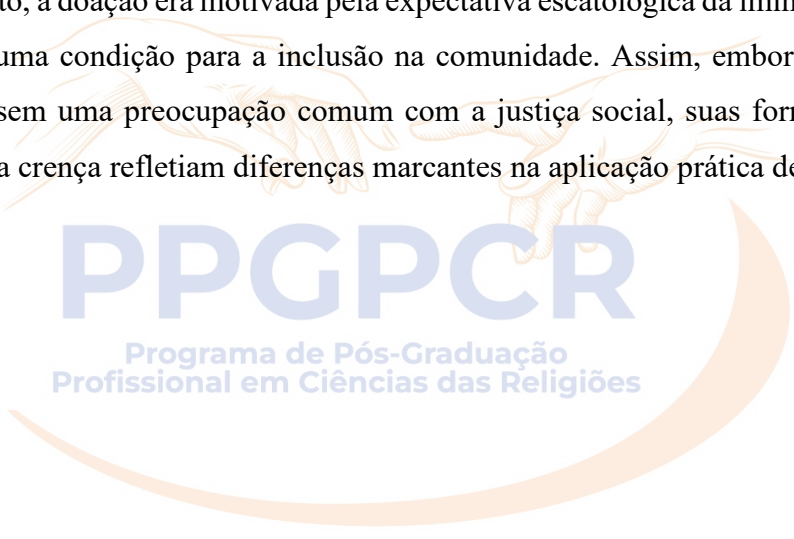
Shanks também recorre ao relato de Atos 2 para sustentar essa tese. Essa narrativa relata que os primeiros seguidores do movimento cristão doavam suas propriedades à comunidade. No entanto, a motivação subjacente a essa prática diferia significativamente daquela observada em Qumran. As doações realizadas pelos cristãos eram impulsionadas por uma perspectiva escatológica, fundamentada na crença na iminente segunda vinda de seu Messias, Jesus. As propriedades eram doadas com a expectativa de que o retorno de Jesus fosse breve. Embora Jesus enfatizasse a importância de uma vida desprovida de excessos materiais e ensinasse que as riquezas não deveriam ocupar um lugar central na vida de seus seguidores, não havia uma

¹⁹⁷ Regra da Comunidade, VI, 17-22, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

¹⁹⁸ SHANKS, 1993, p. 202.

exigência de que todos doassem seus bens como condição para serem aceitos na comunidade. Dessa forma, os ensinamentos de Jesus sobre riqueza e doação demonstram uma diferença marcante em relação às práticas sectárias de Qumran, onde a renúncia completa aos bens materiais era uma condição central para a inclusão na comunidade.¹⁹⁹

Tanto os zadoquitas quanto os seguidores de Jesus manifestaram uma profunda preocupação com a justiça social, mas suas abordagens e práticas apresentavam divergências substanciais. Os zadoquitas levaram essa preocupação ao extremo, exigindo que seus membros compartilhassem todas as suas propriedades com a comunidade, o que reflete uma postura rígida e uma ênfase pronunciada na renúncia total às posses materiais. Em contraste, os seguidores de Jesus também valorizavam a justiça social e promoviam uma vida de simplicidade, porém sem impor uma obrigação estrita de doação de bens para a comunidade. Nesse contexto, a doação era motivada pela expectativa escatológica da iminente volta de Jesus, e não como uma condição para a inclusão na comunidade. Assim, embora ambos os grupos compartilhassem uma preocupação comum com a justiça social, suas formas de expressar e vivenciar essa crença refletiam diferenças marcantes na aplicação prática de seus princípios.



PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

¹⁹⁹ SHANKS, 1993, p. 202.

2.3 Pecado, expiação e graça nos manuscritos em comparação às cartas de Paulo

A consciência da condição humana em relação ao Deus de Israel emerge de forma notável tanto nos textos zadoquitas quanto nas epístolas paulinas. É razoável conjecturar que temas como pecado, expiação e graça sejam mais proeminentemente abordados nessas tradições do que entre os fariseus da época, cuja prática ortoprática se caracterizava por uma adesão estrita às normas legais e ritualísticas.²⁰⁰

De acordo com as prescrições da Torá, os israelitas que cometiam transgressões podiam recorrer ao serviço mediador dos sacerdotes no tabernáculo (Lv 1). Diversas formas de sacrifícios eram estabelecidas para expiar uma ampla gama de pecados e situações sociais no antigo Israel (Lv 4).²⁰¹ Contudo, no contexto do judaísmo zadoquita, que se encontrava sem o Templo, e na teologia paulina, tal realidade foi sujeita a uma reinterpretação profunda.

Os membros da comunidade de Qumran enfrentavam um dilema teológico significativo, dado que, no Judaísmo do Segundo Templo, a concepção de expiação estava intrinsecamente vinculada ao Templo de Jerusalém. Sua separação do Templo não se limitava a uma mera oposição, mas demandava uma reformulação teológica substancial. Portanto, tornou-se imperativo para a comunidade desenvolver uma nova teoria de expiação que fosse congruente com sua realidade e contexto particular. Veja:

Quando estas coisas existirem em Israel de acordo com estas provisões para fundamentar o espírito de santidade na verdade eterna, para expiar a culpa da transgressão e a infidelidade do pecado, e para o bom prazer da terra sem a carne dos holocaustos e sem a gordura do sacrifício, a oferta dos 5 lábios de acordo com o preceito, será como o aroma agradável da justiça, e a perfeição da conduta será como a oferta voluntária aceitável.²⁰²

De acordo com o texto acima, os zadoquitas desenvolveram a ideia de que a conduta moralmente correta e o louvor autêntico poderiam substituir os sacrifícios de holocaustos. Essa perspectiva parece ter sido influenciada pela mensagem de um dos profetas mais reverenciados pela comunidade, conforme evidenciado em Isaías 66: 3, na Tanakh. O arrependimento e a

²⁰⁰ James VanderKam resumiu adequadamente a questão acerca da graça e da aliança na literatura de Hazal: “Na literatura rabínica, a aliança, embora não mencionada frequentemente, é pressuposta em todos os lugares. A aliança é feita com os ancestrais (na Mishná, especialmente a aliança da circuncisão) e com o povo de Israel no Monte Sinai. Deus elegeu Abraão, Isaque, Jacó e através de sua lei revelada mostrou-lhes a maneira de permanecer em comunhão adequada consigo mesmo e uns aos outros, a resposta de Israel à graça divina foi obedecer. Embora certamente houvesse disputas sobre a interpretação das leis, o escopo da aliança na literatura rabínica é mais amplo do que em Qumrã, no sentido de que a aliança foi vista como um com todo o Israel, não apenas com um pequeno grupo”. Veja: VAN DER KAM, 2000, p. 154.

²⁰¹ Para um estudo detalhado das ofertas em Levítico, ver: MILGROM, Jacob. *Leviticus 1-16: a new translation with commentary*. New York: Doubleday, 1991. p. 19-33.

²⁰² 1QRega da Comunidade, IX, 3-5, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

busca pela santidade são enfatizados de maneira predominante dentro da comunidade, em grande parte devido a essa concepção.

A comunidade descrita na *Regra da Comunidade* (1QS XI, 8–9) é concebida como o “conselho de Deus”, enquanto o indivíduo é apresentado como parte de uma humanidade marcada pela impureza e pelo pecado. Apesar dessa condição, há uma esperança oferecida àqueles que reconhecem sua fragilidade: a concessão da graça e da expiação aos filhos de Israel. Um dos hinos finais da *Regra* afirma: “As misericórdias de Deus serão minha salvação para sempre; se cair no pecado da carne, na justiça de Deus, que dura para sempre, será o meu julgamento [...] e por sua graça ele me julgará; [...] e na abundância da sua bondade expiará para sempre todos os meus pecados.”²⁰³

Além da centralidade da justiça divina, o trecho revela que o juízo e a purificação estão estreitamente associados à misericórdia. A alusão à “aliança da graça” (*berit hesed*) já no início do documento (1QS I, 6) reforça a compreensão de que o pertencimento à comunidade está fundamentado em um vínculo estabelecido pela iniciativa divina, não nos méritos humanos.

Contudo, é na literatura hínica, especialmente nos *Hodayot* (1QHa), que a teologia da graça encontra sua formulação mais profunda e radical. Como observa Regev (2007), os hinos individualizados de 1QHa expressam um modelo de espiritualidade no qual a salvação, o conhecimento e a retidão são dons unicamente oriundos da *hesed* divina. Em 1QHa VII, 14–17, lê-se:

Mas eu sei que a justiça não é do homem, nem o caminho perfeito do filho do homem. [...] Porque de ti é a justiça, e pela tua palavra foi tudo feito. Por ti eu estive ouvindo os sábios, por tua misericórdia me deste entendimento. E não por causa do mérito de minhas obras, mas pela tua compaixão”²⁰⁴

Nessa perspectiva, a retidão não é intrínseca ao ser humano, mas é resultado da revelação e do perdão outorgados por Deus. A eleição, nesse contexto, é um gesto gratuito e gracioso, como aponta Stegemann (1998, p. 206), ao afirmar que “nos *Hodayot*, o reconhecimento da graça de Deus antecede qualquer expressão de louvor ou confiança; o indivíduo justifica sua existência por ter sido escolhido pela compaixão divina”.

Assim, tanto em 1QS quanto em 1QHa, a teologia qumrânica articula uma concepção soteriológica que recusa o mérito humano como base para a comunhão com Deus. A purificação, o conhecimento e a justiça são dons da benevolência divina, e a eleição é sempre

²⁰³ 1QS XI, 13-14, conforme MARTÍNEZ, Florentino García; TIGCHELAAR, Eibert J. C. *The Dead Sea Scrolls Study Edition*, 2000, p. 123.

²⁰⁴ 1QHa VII, 14–17, segundo MARTÍNEZ; TIGCHELAAR, 2000, p. 317–318

apresentada como fruto da iniciativa soberana de Deus. Essa compreensão da graça, profundamente enraizada nas tradições sapienciais e sacerdotais, representa um dos elementos teológicos centrais da literatura de Qumran, cuja espiritualidade associa rigor ético à dependência absoluta da misericórdia divina.

O zadoquita não teme o juízo, pois este é fundamentado na bondade de seu Deus. Nos documentos, a expiação ainda está associada à era messiânica, sendo o Messias o responsável por expiar os pecados da comunidade qumranita. Essa compreensão é baseada na interpretação de Isaías: “E esta é a explicação das regras pelas quais eles serão governados até o surgimento do ungido de Arão e Israel, que expiará suas iniquidades melhor do que através de oferendas de alimentos e ofertas pelo pecado” – Documento de Damasco, XIV, 18-19.²⁰⁵

Israel Knohl, em seu extenso estudo sobre a figura messiânica nos MQ, conclui que a comunidade desenvolveu a expectativa de um Messias que viria, sofreria, e, por meio desse sofrimento, expiaria os pecados da comunidade,²⁰⁶ em consonância com os cânticos de Isaías. Essa expiação messiânica é situada no fim dos tempos, sendo precedida por um período de provações, como também argumenta Collins.²⁰⁷ Os Zadoquitas acreditavam estar vivendo nos últimos dias, conforme evidenciado pelo cálculo de 490 anos após o cativeiro babilônico até o “ano aceitável do Senhor”, conforme Isaías 61: 1-3. A interpretação zadoquita desse texto destaca que o “ano aceitável do Senhor” seria marcado pela expiação dos pecados do “povo da aliança”.²⁰⁸

Paulo desenvolve uma teologia sobre o pecado que se assemelha à teologia dos qumranitas, argumentando que a humanidade foi corrompida a tal ponto que se tornou inútil (Rm 3: 9-18). Ele descreve uma experiência de luta contra o pecado, em que, apesar do esforço para cumprir a lei, o sucesso é elusivo devido ao pecado que habita na carne humana (Rm 7: 14-19). Assim, a condição humana é vista como uma de morte espiritual que necessita de intervenção externa para a salvação (Rm 7: 23-25; Ef 2: 1-3).

²⁰⁵ MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

²⁰⁶ KNOHL, Israel. *The Messiah before Jesus: The Suffering Servant of the Dead Sea Scrolls*. Berkeley: University of California Press, 2002. p. 37.

²⁰⁷ COLLINS, John J. *The Scepter and the Star: Messianism in Light of the Dead Sea Scrolls*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010b. p. 228.

²⁰⁸ Essa interpretação de que as setentas semanas de Daniel 9:27 aludem a 490, isto é, dez jubileus são conhecidos também da tradição rabínica. No Talmud, encontramos: Abaye disse: “E eles não sabiam quando? Mas não está escrito: “Setenta setes são decretados sobre o seu povo e sobre a sua cidade sagrada” (Daniel 9:24), o que indica que o Segundo Templo seria destruído setenta ciclos sabáticos de sete anos após a destruição do Primeiro Templo, que são 490 anos. A Gemara responde: E ainda assim, sabíamos em que dia seria destruído? Portanto, era impossível usar esse fator como um meio de abordar a dissolução de seus votos” (T. B. Nazir 32b:6). Saiba mais em: SEFARIA [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

A partir dessa concepção sobre a natureza humana e sua relação com o pecado, Paulo formula sua doutrina da justificação pela fé através de Jesus de Nazaré. A morte expiatória de Jesus tem a finalidade de redimir aqueles que nele creem (Rm 8:3; Fp 2:5-18). De forma análoga aos louvores encontrados entre os membros da comunidade de Qumran, Paulo expressa sua experiência salvífica nesses mesmos termos (1 Tm 1:12-17)

Na visão paulina, a salvação é alcançada pela graça manifestada na morte expiatória de Jesus de Nazaré. De forma análoga aos zadoquitas, que enfatizavam a prática de boas obras após o perdão de Deus, Paulo também sublinha a importância das ações corretas após a recepção da graça. Para ambos, o perdão não é um fim em si mesmo, mas um ponto de partida para a prática de boas obras e a vida conforme os princípios divinos. Em suas epístolas, Paulo discute as responsabilidades e comportamentos esperados dos que foram regenerados pela graça (Rm 3:31; Ef 2:14-15).

Na epístola aos Filipenses, o autor enfatiza a necessidade de que os destinatários “desenvolvam a salvação” (Fp 2:12-13), sugerindo que, na perspectiva paulina, a salvação exige uma resposta ativa daqueles que foram redimidos. Esse conceito gerou debates substanciais entre protestantes e católicos romanos, com a principal questão girando em torno da natureza do “desenvolver” a salvação, e se isso implica na realização de obras humanas como parte do processo de salvação.²⁰⁹

Para a presente investigação, é fundamental reconhecer os ecos e as notáveis semelhanças entre a teologia da graça e da expiação presentes tanto nos documentos de Qumran quanto nas epístolas paulinas – relações de interdiscursividade e intertextualidade. Em primeiro lugar, a concepção da salvação por meio da graça não é exclusivamente paulina, apresentando precedentes significativos na literatura zadoquita dos MQ. Ambas as tradições revelam uma divindade que combina graça e benevolência, julgando e salvando o pecador por meio de sua misericórdia.

Nos MQ e no Segundo Testamento, a expiação está intrinsecamente associada ao ministério do Messias. Enquanto que nos textos de Qumran o Messias é retratado como iminente e ainda aguardado, nos escritos paulinos ele já completou a expiação através da crucificação. Em ambas as teologias, após a expiação, o pecador é convocado a manifestar gratidão a Deus e a viver em obediência como uma resposta à salvação recebida.

O estudo comparativo dos fenômenos religiosos no primeiro século, especificamente as tradições de Qumran e as epístolas paulinas, reveste-se de grande importância para as Ciências

²⁰⁹ CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 422.

das Religiões, uma vez que oferece uma visão mais nuançada e abrangente desses contextos religiosos. Tal análise permite a desconstrução de preconceitos históricos e ideológicos, facilitando um diálogo inter-religioso mais profundo e construtivo. A compreensão das semelhanças e diferenças entre essas tradições ajuda a situar os textos e autores originais em seus respectivos contextos culturais e históricos, promovendo uma apreciação mais justa e fundamentada das suas crenças e práticas.

Assim, a abordagem comparativa não apenas enriquece o conhecimento acadêmico sobre o ambiente religioso do primeiro século, mas também contribui para o entendimento mais equitativo e respeitoso das tradições religiosas em diálogo, refletindo o compromisso das Ciências das Religiões com a precisão analítica e o pluralismo acadêmico. Como observa James Frazer, “o estudo comparativo das religiões permite uma análise mais profunda das inter-relações e influências mútuas entre diferentes tradições, favorecendo um entendimento mais equilibrado e respeitoso das diversas manifestações da fé”²¹⁰.

2.4 4QMMT e as epístolas paulinas

O 4QMMT, preservado em fragmentos de várias cópias descobertas na caverna 4 de Qumran, tem atraído significativo interesse acadêmico devido às suas possíveis implicações para o estudo do Segundo Testamento. Esse documento legal aborda diversas prescrições que os sacerdotes deveriam observar em relação aos sacrifícios e às questões de pureza. Particularmente notável é a expressão aramaica encontrada no epílogo, “*miqsat ma’ase hatorah*” – algumas das obras da lei –, que denomina as prescrições anteriores como “obras da lei”. Essa terminologia tem gerado considerável debate entre os estudiosos, uma vez que fornece *insights* sobre a interpretação e aplicação das normas legais dentro da comunidade de Qumran, contribuindo, assim, para uma compreensão mais aprofundada do contexto jurídico e ritualístico do período.²¹¹

As “obras da lei” se referem a um conjunto de normas que deviam ser seguidas tanto pelos sacerdotes quanto pelos membros da aliança. A expressão aramaica “*miqsat ma’ase hatorah*” também é empregada por Paulo em suas epístolas, especialmente quando discute a lei e sua relação com os novos conversos. Esse uso compartilhado da expressão sugere uma intersecção

²¹⁰ FRAZER, James D. *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. Oxford University Press, 2018. p. 112.

²¹¹ 4QMMT, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

significativa entre as prescrições legais da comunidade de Qumran e as questões paulinas, como ocorre em Gálatas 2:16.

Em Paulo, a justificação dos seguidores de Jesus se fundamentaria na fé em Jesus Cristo, em contraste com a necessidade de cumprir as “obras da lei”. Essa posição pode ser comparada com a dos zadoquitas, que também acreditavam na justificação divina por meio da graça. Paulo sugere que a prática das “obras da lei” não é essencial para a justificação, ao passo que um exame mais aprofundado da literatura paulina revela que sua posição sobre a prática dessas obras é, notavelmente, similar a da comunidade qumranita em relação aos membros da aliança (Rm 3:31). No entanto, no final de seu ministério, quando foi questionado sobre sua observância da lei mosaica, Paulo, sob a orientação de Tiago, decidiu submeter-se ao rito de purificação e fazer um voto no Templo, como demonstração de sua fidelidade à lei (At 21: 17-26).²¹²

Durante a atividade de Paulo, ocorreram numerosas discussões sobre a integração dos gentios na aliança e os requisitos necessários para tal inclusão. Os textos do Segundo Testamento indicam que os interlocutores de Paulo em Gálatas eram predominantemente judeu-cristãos, e não representantes de outros grupos judaicos. Assim, Paulo enfatiza: “E isto surgiu por causa dos falsos irmãos que se haviam infiltrado para espreitar a liberdade que temos em Cristo Jesus e nos reduzir à escravidão” (Gl 2: 4).

A questão da integração dos gentios na aliança foi amplamente discutida no Concílio de Jerusalém, conforme indicado pelos relatos que mencionam que os defensores da circuncisão para os gentios eram fariseus que haviam se convertido ao cristianismo (At 15: 5). A disputa enfrentada por Paulo não envolvia a questão da necessidade de boas obras para a justificação perante Deus, e sim a exigência de que um gentio se tornasse um prosélito para poder integrar-se na aliança, isto é, a observância das “obras da lei”. Como salientado por Sanders, os argumentos de Paulo não visavam uma forma de judaísmo puramente fundamentado nas leis, mas dirigiam-se a cristãos judeus que discordavam da sua posição sobre a questão.²¹³

As “obras da lei” tinham claramente a finalidade de garantir que os adoradores permanecessem dentro dos parâmetros de pureza prescritos. Aqueles que não cumprissem essas normas enfrentariam dificuldades dentro da comunidade que buscava viver em santidade. Na região da Galácia, Pedro mantinha uma convivência habitual com os gentios, os quais, segundo Paulo, não necessitavam observar as obras da lei, como a circuncisão, para fazer parte da aliança. Contudo, quando Tiago e outros cristãos de Jerusalém, que acreditavam na necessidade de que

²¹² KISTEMAKER, Simon J. *Exposition of the Acts of the Apostles*. [s.l.]: Baker Academic, 2016. p. 38.

²¹³ SANDERS, 1977, p. 30-37.

os gentios cumprissem tais obras, chegaram, Pedro afastou-se da mesa com os gentios, receando ser visto na companhia daqueles considerados cerimonialmente impuros (Gl 2: 11-14).

James Dunn, ao discutir sobre a relação de 4QMMT, defende que, para muitos judeu-cristãos, de acordo com o relato neotestamentário, o *status* dos gentios convertidos à mensagem paulina era controverso.²¹⁴ Parece que esses gentios eram considerados cerimonialmente impuros. Paulo argumentava que judeus e gentios eram parte de uma mesma comunidade da aliança através de Jesus de Nazaré, de maneira que ambos eram descendentes de Abraão, conforme a promessa feita por seu líder espiritual. Em outras palavras, não era a circuncisão que assegurava o *status* de filho de Abraão, mas a fé no nazareno.

Paulo abordou questões semelhantes na comunidade de Éfeso, sustentando que tanto gentios quanto judeus seguidores do Messias constituíam um único corpo (Ef 3: 5-6). Segundo sua perspectiva, o Deus de Israel não possuía um plano distinto para os judeus e outro para os gentios. Para ele, quando ambos aceitavam Jesus como Messias, formavam o “*Kol Yisra’el*” – todo Israel. Esse conceito, mais holístico, parece ser sustentado na Torá, dizendo que o *Kol Yisra’el* é composto por judeus e gentios que fazem aliança com o Deus de Israel (Êx 29). Paulo se refere a isso ao destacar que existe uma oliveira, que representa Israel, e que os gentios foram enxertados nela, formando o *Kol Yisra’el* (Rm 11). Além disso, ele designa os seguidores de Jesus da comunidade cristã da Galácia como “Israel de Deus” (Gl 6: 16).

Em 1871, Clermont Gambeau descobriu, nas proximidades da esquina nordeste do Templo de Jerusalém, uma inscrição de significativa importância. Essa inscrição consistia em uma proibição detalhada que estabelecia os limites aos quais os gentios poderiam avançar no interior do Templo e as áreas que eles deveriam evitar sob pena de morte. Posteriormente, em 1935, um fragmento adicional dessa mesma inscrição foi encontrado na mesma área. Atualmente, a primeira parte da inscrição está preservada no Museu de Istambul, enquanto a segunda parte encontra-se no Museu de Israel.

Essa inscrição é de suma importância, pois proporciona uma compreensão mais aprofundada das relações entre judeus e gentios durante o período do Segundo Templo. O relato encontrado em Atos 21 descreve um episódio no qual Paulo foi preso sob a acusação de ter introduzido um grego no Templo. Em outras palavras, Paulo teria violado a lei explicitada nessa inscrição. A relevância desse achado reside em sua capacidade de iluminar o contexto histórico e cultural

²¹⁴ DUNN, James D. G. *The Partings of the Ways between Christianity and Judaism and Their Significance for the Character of Christianity*. [s.l]: Trinity Press International, 2011. p. 489.

das interações entre judeus e gentios, assim como a gravidade das transgressões relacionadas às normas do Templo.²¹⁵

No livro de Efésios, o autor menciona uma “parede de separação” que simbolizava uma divisão e animosidade. Segundo o texto, essa inimizade foi removida por meio da crucificação de Jesus (Ef 2: 14-15). Segundo Josefo, existem relatos que indicam a presença de uma inscrição na parede interna do Templo que proibia a entrada de gentios sob pena de morte.²¹⁶ Essa inscrição é identificada como a “parede de separação” que, de acordo com o texto e crença cristã, foi eliminada por Jesus, permitindo que todos pudessem se aproximar de Deus. No verso 15, o texto afirma que Jesus aboliu os mandamentos, uma declaração que pode ser interpretada de diferentes maneiras. Baugh argumenta que esses mandamentos estavam associados à teocracia de Israel e formavam parte de uma legislação tipológica de pureza. No entanto, essa interpretação pode não ser a mais apropriada para entender o significado dessa afirmação, pois não leva em consideração outras dimensões do contexto e da aplicação dos mandamentos na teologia cristã.²¹⁷

É possível inferir, a partir da postulação da fé cristã, que com a sua morte, Jesus não abrogou a Torá, mas sim as interpretações, ditas por ele incorretas, que fomentavam divisões, conforme indicado pela expressão “τὸν νόμον τῶν ἐντολῶν ἐν δόγμασιν καταργήσας”, traduzida como “invalidando a lei dos mandamentos nos seus dogmas”. O termo “dogma” (δόγμασιν) aparece em seis ocasiões na Septuaginta (LXX), incluindo Daniel 6: 12, 3 Macabeus 1:3, 4 Macabeus 4: 23-24, 26; 10: 2 e, uma vez, na Didaqué 11: 3.

Em todos esses contextos, a referência destina-se a decretos ou doutrinas, e não à Torá. No Segundo Testamento, o termo é utilizado mais quatro vezes (Lc 2: 1; At 16: 4; 17: 7; Cl 2: 14), sempre sem relação à Torá. Na época de Paulo, o termo não era associado à Torá, o que é significativo. O contexto em questão é de inimizade, e é plausível sugerir que esses “dogmas”

²¹⁵ Paulo instruído pelos demais líderes da igreja decide ir ao templo para fazer um voto e demonstrar que amava a lei como os demais judeus; ele vai com a intenção de acalmar os ânimos dos acusadores e para demonstrar seu amor pela lei. Paulo não poderia deixar dúvida que não era um amante da lei. Alguns judeus vindos da Ásia levantaram uma séria acusação contra Paulo; entre os judeus da diáspora, os da província da Ásia eram particularmente hostis com Paulo; ele havia incorrido em sua inimizade durante seus anos de ministério em Éfeso. Alguns desses judeus asiáticos tinham vindo a Jerusalém para festa de Pentecostes, e encontrando Paulo, eles decidiram tomar uma ação mais efetiva contra ele. Pois eles diziam: Paulo introduziu um gentio incircunciso no Templo (Atos 21:27). O cuidado que os judeus do período Segundo Templo tinham para com o Templo era exacerbado; Filo conta que o zelo pelo templo sagrado é o sentimento mais predominante, veemente e universal em toda a nação; “e a maior prova disso é que a morte é inexoravelmente pronunciada contra todos aqueles que entram no circuito interno dos recintos sagrados a menos que ele seja um de sua própria nação por sangue”. Esses judeus vindos da Ásia tiveram sucesso em incitar o povo contra Paulo, sabiam que o povo tinha um grande zelo pelo Templo.

²¹⁶ JOSEFO, Flávio. *Antiguidades Judaicas*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 192-197.

²¹⁷ BAUGH, Stephen. *Ephesians: A Commentary*. Grand Rapids: Baker Academic, 2015. p. 192-193.

se referem às interpretações da Torá que causavam separações e decretos, como exemplificado pelo muro de separação mencionado no verso 14. Essa análise reflete uma perspectiva comum na crença cristã, que distingue entre a essência da Torá e as interpretações que, segundo essa visão, eram responsáveis por divisões e barreiras sociais.

Assim, os debates concernentes ao *status* dos gentios em relação à aliança e sua aceitação por Deus constituíram um tema de intensa discussão na comunidade cristã antiga. Diversos segmentos dentro dessa comunidade sustentavam a necessidade de que os gentios observassem todas as “obras da lei”, uma perspectiva que contrasta com a visão de Paulo. O documento 4QMMT desempenha um papel crucial para o avanço da pesquisa nesse contexto, oferecendo *insights* valiosos sobre as normas e práticas que delimitavam a inclusão dos gentios. De acordo com Dunn, a análise desse documento tem sido fundamental para compreender as nuances e as disputas relacionadas à adesão das normas legais e sua interpretação, contribuindo significativamente para o entendimento das dinâmicas sociais e religiosas da época.²¹⁸

Após as análises interdiscursivas e intertextuais explicadas e verificadas entre os MMM e os textos cristãos originários, o próximo capítulo procura delinear sua proposta prático-profissional. Procura-se, desse modo, apresentar uma proposta metodológica para verificação das relações de interdiscursividade e intertextualidades em fontes bíblicas e extrabíblicas a partir das Ciências das Religiões.

²¹⁸ DUNN, 2011, p. 547.

3 PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DOS MANUSCRITOS DO MAR MORTO A PARTIR DAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

A proposta deste último capítulo é refletir sobre as potencialidades de aproximação aos Manuscritos do Mar Morto (MMM) a partir das ferramentas conceituais e metodológicas oferecidas pelas Ciências da Religião. Busca-se delinear o perfil do cientista da religião que, ao demonstrar interesse por esse campo de pesquisa, pretende aplicar metodologias voltadas à análise da interdiscursividade e da intertextualidade em corpora de Qumran e/ou em outros conjuntos textuais de sua escolha, sejam bíblicos, extrabíblicos ou provenientes de outras tradições religiosas. Parte-se do reconhecimento de que o campo das Ciências da Religião fornece arcabouços interpretativos capazes de articular diferentes níveis de textualidade e recepção, e, nesse sentido, propõe-se uma metodologia ad hoc, pensada para atender às especificidades dos objetos definidos pelo pesquisador.

Este capítulo servirá também de base para a construção de um ciclo de palestras a ser ministrado pelo autor da pesquisa, nas quais se apresentarão os procedimentos metodológicos explorados ao longo do trabalho. As palestras têm como objetivo contribuir para a formação de profissionais das Ciências da Religião, oferecendo-lhes recursos para identificar e explorar relações interdiscursivas entre os Manuscritos do Mar Morto e quaisquer outros textos que venham a integrar seus projetos de investigação, sem restrição de cânone, tradição ou período.

3.1 O acesso aos Manuscritos do Mar Morto a partir das Ciências das Religiões

O acesso à literatura do mundo bíblico, de culturas coetâneas e outras a partir das Ciências das Religiões requer, segundo Mendonça, “uma erudição multidisciplinar que lhe permite usar vários instrumentos necessários”²¹⁹. Em decorrência disso, compreende-se que o caráter ilimitado, inter e transdisciplinar das Ciências das Religiões abre lacunas para que os MMM sejam um portal para acessar uma parte da cultura do mundo bíblico, podendo isso ser realizado a partir de uma análise das relações interdiscursivas e intertextuais que marcam essa literatura. O *Documento de área 44*, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), informa que “a interdisciplinaridade é uma característica constitutiva da área de Ciências da Religião e Teologia”²²⁰. Sim, é constitutiva, pois, desde sua gênese, considerando

²¹⁹ MENDONÇA, 2000 *apud* SANT’ANNA, 2010, p. 14.

²²⁰ COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Brasília: CAPES, 2019. p. 7.

o trabalho pioneiro empreendido por Max Müller, no século XIX, o estabelecimento dessa área ocorreu numa relação interdisciplinar com a Ciência da Linguagem, fundamentando-se na filologia comparada.²²¹ O método da comparação foi utilizado como uma ferramenta interpretativa para os trabalhos de Müller. Sobre isso, ele explica o seguinte:

Todo conhecimento superior é adquirido por comparação e repousa na comparação. Se é dito que o caráter da pesquisa científica, em nossa era, é preeminentemente comparativo, isso realmente significa que nossas pesquisas agora se baseiam na evidência mais ampla que pode ser obtida, nas mais amplas induções que podem ser compreendidas pela mente humana.²²²

A proposta comparativa de Max Müller corresponde à preocupação das Ciências das Religiões em realizar uma comparação imparcial e científica dos fenômenos religiosos mais destacados no mundo. Mas, para o propósito desta pesquisa, vale ressaltar que seu método é profundamente interdisciplinar, uma vez que a comparação entre diferentes tradições religiosas possibilita localizar os aspectos comuns entre elas. Nesse sentido, Max Müller iniciou a caminhada da Ciência da Religião em uma perspectiva interdisciplinar.²²³

Contudo, as propostas interdisciplinares para as Ciências das Religiões efervesceram a partir dos anos 1970, quando os primeiros cursos de pós-graduação estavam sendo estruturados. Isso não quer dizer que a interdisciplinaridade dessa área estava sendo reduzida à inserção de fragmentos disciplinares em aspectos teórico-metodológicos, que, eventualmente, migrariam para a área através dos pesquisadores de outras áreas, mas esse era um dos focos desse debate. A superação dessa condição exige a reafirmação da memória da área de conhecimento, que, quanto mais fundamentada e esclarecida, permitirá a implementação de relações interdisciplinares, explicam Bicalho e Oliveira.²²⁴

A efetivação da interdisciplinaridade nas Ciências das Religiões, no pensamento de Faria, requer “um modo de pensar a realidade pelo sujeito pesquisador individual ou coletivo [...], não é uma junção, mas outra forma de produção do conhecimento, que se vale dos saberes e olhares disciplinares em uma e mesma composição teórica”²²⁵. Mas, as Ciências das Religiões não devem escamotear o “desafio de pensar a epistemologia própria das ciências da religião, pela

²²¹ Filologia comparada pode ser descrita como uma das ciências físicas pautada no método seguido nos campos de estudo da natureza. MÜLLER, Max. *Introduction to the science of religion: four lectures delivered at the Royal Institution with essays on false analogies, and the philosophy of mythology*. London: Longmans, 1873. p. 1-15.

²²² MÜLLER, 1873, p. 16.

²²³ MÜLLER, 1873, p. 18-34.

²²⁴ BICALHO, Lucinéia; OLIVEIRA, Marlene. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em ciência da informação. *Revista Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 16, n. 13, p. 47-74, 2011. p. 53.

²²⁵ FARIA, José H. Epistemologia crítica, metodologia e interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; FERNANDES, Valdir. (eds.). *Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa*. Barueri: Manole, 2015. p. 133.

simples razão que não pode haver interdisciplinaridade sem disciplinaridade”²²⁶. Como uma disciplina, as Ciências das Religiões têm uma identidade própria, porque pressupõe a existência de conhecimentos e métodos voltados ao entendimento dos fenômenos religiosos. Nesse sentido, a questão da interdisciplinaridade pauta-se numa relação dialogal entre disciplinas distintas em torno dos fenômenos religiosos, levando em consideração o espectro disciplinar das Ciências das Religiões.²²⁷

Os fenômenos religiosos constituem o objeto das Ciências das Religiões, e elas têm a função de investigar tais fenômenos em seu caráter histórico, social, psicológico e profundamente humano nos limites da ciência. Para Tiele, o campo de pesquisa das Ciências das Religiões parte do estudo da “mente humana, que não se revela em nada tão completamente como neles”²²⁸. Por isso, ele entende que o objetivo das Ciências das Religiões é “sujeitar a religião como um fenômeno humano e, portanto, histórico e psicológico, a uma investigação sem preconceitos, a fim de verificar a forma como ela surge e cresce, quais são os seus elementos essenciais e, por fim, compreendê-la”²²⁹. Nesse sentido, sem o caráter peculiar da área, não teria um espaço privilegiado para o estabelecimento de relações interdisciplinares.

É exatamente pelas vias do potencial interdisciplinar das Ciências das Religiões que se justifica a proposta de articular os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, a partir do pensamento de Bakhtin e Kristeva, na análise dos MMM. Sendo essa proposta articulada no interior das Ciências das Religiões, “a própria complexidade do fato religioso [implícito e explícito na literatura em tela] parece exigir estudos interdisciplinares”²³⁰. Os Manuscritos do Mar Morto, constitui um conjunto de literaturas circunscritas no mundo da cultura e, por isso, apresentam uma demanda com abordagens interdisciplinares a partir das Ciências das Religiões, pois a:

Pesquisa do fato religioso no Brasil se vê orientada por procedimentos que conduzem o pesquisador a fazer inferências críticas, realizar demonstrações, construir sínteses e análises, bem como construir quadros compreensivos que utilizem arcabouços teórico-metodológicos de cunho científico em perspectiva interdisciplinar. Esse fazer científico procura compreender o fato religioso e exige situá-lo no espaço cultural.²³¹

²²⁶ FARIA, Paulo A. C. Ciências da Religião e teologia: evolução de uma relação. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1324-1350, 2018. p. 1337.

²²⁷ FARIA, 2018, p. 1338.

²²⁸ TIELE, Cornelis P. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018. p. 219.

²²⁹ TIELE, 2018, p. 219.

²³⁰ FERREIRA, Amauri C.; SENRA, Flávio. Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil: o debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 249-269, 2012. p. 259.

²³¹ FERREIRA; SENRA, 2012, p. 263.

Aqui o conceito de cultura se aproxima dos processos de produção e reprodução de sentidos, o que aproxima ao conceito de interdiscursividade e intertextualidade, segundo Bakhtin e Kristeva, respectivamente, que podem, agora, no interior das Ciências das Religiões, ajudar a situar os MMM como forma de compreender e explicar o mundo religioso da época. De modo consequente, essa abordagem mostra-se possível, pois as Ciências das Religiões são um espaço privilegiado para análises do espaço da cultura que exprime múltiplas experiências e que ajudam a compreender melhor os fenômenos religiosos em suas diversas manifestações.²³²

Os fenômenos religiosos, o que não exclui o estudo dos MMM, devem ser entendidos com base nas expressões simbólicas que se concretizam na vida dos sujeitos, nas diferentes dimensões da vida: cultura, trabalho, entre outros. Esse é um aspecto que abre caminhos para propostas interdisciplinares, tais como as dessa pesquisa, que consiste em analisar textos tidos como sagrados à luz dos conceitos de interdiscursividade e intertextualidade. Pode-se compreender que a interdisciplinaridade é uma porta de entrada para essa proposta, pois ela representa uma condição sem a qual não haveria o desenvolvimento da metodologia e da epistemologia das Ciências das Religiões.²³³

Novamente, no *Documento de área 44* da CAPES, o perfil do cientista da religião, enquanto pesquisador e/ou docente, envolve habilidades para:

Analisar o fato religioso, os fenômenos religiosos e/ou as linguagens religiosas, desenvolvendo aproximações históricas e comparativas, sistemáticas e hermenêuticas das práticas e experiências religiosas humanas e das suas instituições sociais.²³⁴

À luz do excerto acima, esse parece ser o propósito desta pesquisa, uma vez que os MMM podem ser considerados como textos que materializam uma linguagem religiosa e são passíveis de uma aproximação histórica, comparativa, sistemática e hermenêutica das práticas e das experiências religiosas humanas vivenciadas na comunidade de Qumran.

As possibilidades de relações interdisciplinares nas Ciências das Religiões são notórias e é por isso que se vislumbrou o interesse de acessar os MMM, a partir de suas relações interdiscursivas e intertextuais, para chegar a um entendimento válido acerca da história da comunidade de Qumran. Essa história é fundamental para desenvolver uma melhor compreensão de várias porções bíblicas e da cultura expressa através dessa literatura.²³⁵ Considera-se que, quando a história de Qumran e as relações interdiscursivas e intertextuais

²³² FERREIRA; SENRA, 2012, p. 263-264.

²³³ FERREIRA; SENRA, 2012, p. 263-264.

²³⁴ CAPES, 2019, p. 4.

²³⁵ TOV, 2001, p. 33.

pressupostas nos MMM são tratadas com rigor científico-acadêmico, a área das Ciências das Religiões beneficia-se pelos resultados.

Os estudos do campo da Sociologia da Bíblia, que abrangem o mundo bíblico do Tanakh e da Bíblia Cristã, ajudam no esclarecimento de significados rituais, costumes, questões econômicas, políticas, culturais que envolvem os segmentos sociais de Israel antigo são também de interesse das Ciências das Religiões.²³⁶ Mas, o que pode ser dito sobre as contribuições da Linguística e sua relação com a literatura do mundo antigo? Com base nos argumentos acima apresentados, parece que as Ciências das Religiões têm possibilidades de ganho com as contribuições que emergem desse campo. Por isso, defende-se que o estudo dos MMM é relevante para esclarecer as relações de interdiscursividade e intertextualidade para a comunidade Qumran e o cristianismo primevo.

No Brasil, a área de Linguagens da Religião tem avançado em iniciativas que integram abordagens literárias e histórico-religiosas na análise de textos antigos. Um exemplo significativo é o trabalho desenvolvido pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), cujo programa de pós-graduação em Ciências da Religião realiza uma “análise de textos do mundo bíblico, em diferentes cânones, apócrifos, pseudepígrafos, Qumran e do seu entorno religioso-cultural, em perspectiva literária, sócio-histórica e da história da recepção”.²³⁷ Nesse contexto, o programa contempla ainda o estudo das ciências da linguagem e da interpretação, aplicando distintas teorias hermenêuticas ao universo religioso. Essas contribuições reforçam o argumento de que o campo das Ciências da Religião oferece subsídios relevantes para a investigação das relações de interdiscursividade e intertextualidade presentes nos Manuscritos do Mar Morto, bem como em outras literaturas que convergem com o tema.

Os MMM formam um conjunto de fontes extrabíblicas, de origens distintas, que podem tornar-se objeto de estudo no campo das Ciências das Religiões.²³⁸ De acordo com as descrições do *Documento de área 44* da CAPES, um dos objetivos das Ciências das Religiões consiste em incentivar e fomentar a pesquisa sobre o fenômeno religioso a partir de:

Textos reconhecidos como sagrados, as tradições e narrativas orais [...] em diálogo com outros saberes acadêmico-científicos, com ênfase em investigações de natureza qualitativa e quantitativa, podendo também ser de natureza teórica ou aplicada, a partir

²³⁶ PAIXÃO, Wallace S. A injustiça social no século VII A.E.C em Israel: uma leitura teológica a partir da literatura de Amós. *Revista Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 345-355, 2023. p. 345-355.

²³⁷ UMESP. *Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

²³⁸ MENDONÇA, 2000 *apud* SANT'ANNA, 2010, p. 14.

de abordagens teórico-metodológicas próprias das escolas que constituem o campo de estudos da (s) religião (ões), suas subáreas e disciplinas auxiliares.²³⁹

Com base nessas premissas, compreende-se que a investigação das relações interdiscursivas e intertextuais nos Manuscritos do Mar Morto, à luz das contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva, pode aprofundar a compreensão sobre os processos de origem, transmissão e ressignificação hermenêutica que marcam o percurso de tradições religiosas textualmente expressas. Tais abordagens revelam-se especialmente fecundas no âmbito das Ciências das Religiões, uma vez que esse campo promove o trânsito por métodos analíticos que ultrapassam os modelos tradicionais oriundos da Teologia. Entre eles, destacam-se os Métodos Histórico-Críticos, a leitura sociológica da Bíblia baseada em modelos conflitivos e dialéticos, bem como interpretações situadas, como as leituras feministas, negras e decoloniais, entre outras possibilidades hermenêuticas.²⁴⁰

Como afirmam Reimer, Ferreira e Silva (2012), “as Ciências da Religião, em sua trajetória, têm-se manifestado como profundamente investigativas em termos científicos”²⁴¹, revelando-se aptas a ampliar a visibilidade e o reconhecimento acadêmico de estudos dedicados tanto a fontes bíblicas quanto extrabíblicas. Essa perspectiva abre caminho para que o pesquisador investigue as relações discursivas entre os Manuscritos do Mar Morto e qualquer outro corpus que considere relevante para seu objeto de pesquisa, sem restrições a cânones específicos ou a recortes cronológicos predeterminados.

Parte-se, assim, do pressuposto de que o estudo da interdiscursividade e da intertextualidade nos MMM, quando realizado sob o enfoque das Ciências das Religiões, permite demonstrar como as religiões historicamente se articulam em diálogo com seus contextos culturais e sociais. Essa abordagem oferece uma estratégia metodológica eficaz para compreender a complexidade das expressões religiosas antigas, como no caso da comunidade de Qumran ou do cristianismo em seus primórdios, mas também se mostra aplicável a outras tradições e manifestações religiosas. Por meio da análise das interações discursivas entre corpora diversos, o cientista da religião pode identificar operações simbólicas, disputas interpretativas e reconfigurações teológicas que atravessam os textos e os contextos em que foram produzidos e reinterpretados. Assim:

²³⁹ CAPES, 2019, p. 4.

²⁴⁰ FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: UCG, 2011. p. 18-23.

²⁴¹ REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel A.; SILVA, Valmor. Religião e literatura sagrada: matrizes teóricas e trajetórias hermenêuticas. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 18, p. 20-38, 2020. p. 34.

Orientar-se-á pela caracterização simbólica dos conteúdos religiosos, a partir da análise, estudo e interpretação dos elementos próprios de visões religiosas, assim como pelo desvelamento dos elementos racionais presentes em narrativas míticas e em outras formas de expressão religiosa, tornando-se possibilidade para emissão de um discurso em diálogo com o mundo.²⁴²

Com efeito, as Ciências das Religiões, ao investigar as relações interdiscursivas e intertextuais que atravessam os textos em análise, oferecem recursos valiosos para o questionamento e a desconstrução de perspectivas essencialistas. Por meio da identificação de vozes múltiplas, tensões interpretativas e reelaborações discursivas presentes nos Manuscritos do Mar Morto, torna-se possível evidenciar que as tradições religiosas ali representadas não constituem unidades fixas, homogêneas ou imutáveis, mas expressam dinâmicas complexas de negociação teológica, identidade comunitária e disputa hermenêutica. Assim, a análise dessas relações discursivas, quando aplicada de forma rigorosa e aberta a diferentes corpora — bíblicos ou extrabíblicos, antigos ou contemporâneos —, contribui para a superação de concepções monolíticas sobre os movimentos religiosos, favorecendo uma leitura mais histórica, plural e crítica das religiões.²⁴³

Cabe reforçar a ideia defendida por Bakhtin de que a interdiscursividade pressupõe uma relação intercambiável entre discursos. Nesse sentido, um determinado discurso é produzido pelo *já dito*. Por isso, para o autor russo, nenhum discurso se configura como homogêneo, mas mostra-se sempre perpassado por uma multiplicidade de vozes. Novamente, no pensamento de Bakhtin, o que está sendo dito numa dada interação social, situa-se em uma rede interdiscursiva e toca diferentes fios dialógicos eivados de valores, crenças e significados. Se todo discurso é permeado pela interdiscursividade e estabelece uma relação com outros discursos, a religião perscrutada na comunidade de Qumran torna-se um *locus* discursivo, um conjunto de discursos que estabelece relações de delimitações intercambiáveis.²⁴⁴ Com essa contribuição, as Ciências das Religiões descontroem todo o essencialismo que poderia envolver os elementos religiosos identificados nos MMM.

O estudo das relações de interdiscursividade e intertextualidade, quando orientado pelas abordagens das Ciências das Religiões, possibilita o desenvolvimento de uma análise crítica dos discursos religiosos presentes nos Manuscritos do Mar Morto e em outros corpora selecionados pelo pesquisador. Com base nas noções de interdiscursividade, conforme formulada por Mikhail Bakhtin, e de intertextualidade, a partir das contribuições de Julia

²⁴² CAPES, 2019, p. 5.

²⁴³ BAKHTIN, 1992, p. 320.

²⁴⁴ BAKHTIN, 1992, p. 320.

Kristeva²⁴⁵, torna-se viável investigar os enunciados religiosos não apenas como construções teológicas isoladas, mas como manifestações situadas em redes de relações discursivas e textuais. Essa abordagem permite identificar estratégias de persuasão, vínculos intertextuais explícitos ou implícitos, bem como os mecanismos de produção e manutenção de poder simbólico operados pelos textos. Assim, a análise crítica proposta pelas Ciências das Religiões contribui para uma leitura que reconhece os textos religiosos como práticas discursivas historicamente condicionadas, abertas à multiplicidade de sentidos e inseridas em disputas interpretativas.²⁴⁶

Portanto, o cabedal teórico-metodológico das Ciências das Religiões favorece o desenvolvimento de abordagens sobre as fontes bíblicas e extrabíblicas que ajudam a analisar, por exemplo: as relações entre religião e política, que envolvem discursos políticos da época, entre outras dinâmicas daquela sociedade. Em resumo, depreende-se que a interdiscursividade e a intertextualidade a partir das Ciências das Religiões oferecem uma perspectiva mais ampla e abrangente sobre a complexidade dos fenômenos religiosos que podem ser localizados em tais corpora. É o campo de estudos privilegiados para constatar que as religiões se transformam e, ao mesmo tempo, estabelecem relações intertextuais e interdiscursivas com diferentes segmentos da sociedade, influenciando-a, quase sempre.

3.2 Metodologia para interdiscursividade e intertextualidade a partir das Ciências das Religiões

As noções de interdiscursividade e intertextualidade, respectivamente, fundamentadas no pensamento de Bakhtin e Kristeva, são cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Com esses conceitos foi possível compreender, no segundo capítulo, como as literaturas de Qumran e do Segundo Testamento se relacionam entre si, a partir de alguns exemplos, constituindo um tecido complexo de significados. Parte-se do pressuposto de que a análise dessas relações interdiscursivas e intertextuais favorecem a descoberta de camadas mais profundas de um texto, o que ajuda a compreender implicações históricas, sociais e culturais capazes de tornar o estudo da literatura qumrânica para o campo das Ciências das Religiões.²⁴⁷ Por isso, nesta seção, pretende-se apresentar uma – não única – proposta metodológica, um passo a passo, para identificação de relações interdiscursivas e intertextuais em fontes bíblicas e extrabíblicas, como é o caso dos MMM.

²⁴⁵ KRISTEVA, 1980, p. 66.

²⁴⁶ BAKHTIN, 1992, p. 320.

²⁴⁷ FERREIRA; SENRA, 2012, p. 263-264.

O primeiro passo para análise e identificação das relações interdiscursivas e intertextuais em uma fonte textual é a localização do discurso materializado nele. No caso de uma relação pautada na intertextualidade, isso pode ser melhor identificado, inicialmente, a partir da identificação de discursos explícitos, que podem aparecer na forma de uma citação direta de outros textos, alusões ou paráfrases.²⁴⁸ Uma citação direta pode ser entendida como a reprodução fiel de um excerto de outro texto, porém, no caso dos MMM, isto é, uma literatura comumente não constituída pelo uso de aspas, isso pode ser identificado por meio de alusões ou paráfrases, que replicam o mesmo discurso de um outro texto, mas, não necessariamente reproduzem exatamente as palavras daquele tecido textual.²⁴⁹

Por exemplo, em Gálatas 2:16, é possível ler o seguinte:

Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Jesus Cristo, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado.

O verso acima pode ser entendido numa relação de interdiscursividade e intertextualidade com o manuscrito 4QMMT, a despeito de não existir uma reprodução literal desse último e nem indicação de autoria ou algo do tipo. Em 4QMMT, pode-se ler:

Lembre-se de Davi, que era um homem de ações piedosas e que também foi libertado de muitas aflições, e o perdão foi concedido a ele. Além disso, escrevemos a você (sobre) alguns dos preceitos da lei (Obras da Lei) que consideramos para o seu bem-estar e o do seu povo, porque reconhecemos que você tem prudência e conhecimento de a lei. Considere bem todas essas (coisas) e busque dele bons conselhos para que Ele possa mantê-lo longe dos planos malignos e das intrigas de Belial, para que você pode se alegrar no final dos tempos, pois você acha que algumas de nossas palavras (estão) certas. Ser-lhe-á contada como justiça, ao fazer o que é reto e bom diante dele para o seu bem-estar e (o) de Israel.²⁵⁰

As obras da lei apontam para um conjunto de normas que deveriam ser seguidas pelos sacerdotes e membros da Aliança. Paulo também emprega a expressão aramaica “*miqsat ma’ase hatorah*”, sobretudo em suas discussões sobre a lei e sua relação com os novos cristãos. Por isso, para evidenciar a metodologia que aqui se propõe delinear, o uso compartilhado dessa mesma expressão, a despeito de não ser uma cópia fiel do texto precedente, sugere uma intersecção significativa entre as prescrições legais da comunidade de Qumran e as questões paulinas.

²⁴⁸ FIORIN, 1994, p. 32.

²⁴⁹ FIORIN, 1994, p. 32.

²⁵⁰ 4QMMT, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

Mas, nesse percurso metodológico, não se pode rejeitar os discursos implícitos presentes entre diferentes textos. Em geral, tais discursos fazem referências a saberes compartilhados ou mesmo a gêneros textuais. Isso pode ser identificado, por exemplo, com base nos mesmos excertos supracitados, se se considerar a perspectiva paulina sobre a justificação daqueles que decidem seguir a Jesus, ou seja, se eles estariam fundamentados na fé em Cristo, contrastando a necessidade de cumprir com as obras da lei. Na ótica paulina, as obras da lei não são essenciais para a justificação dos seguidores de Jesus Cristo (Rm 3:31), o que parece ser análogo à perspectiva da comunidade de Qumran, no que diz respeito aos participantes da Aliança. Os zadoquitas também defendiam a justificação através da graça. Tem-se aí um discurso implícito entre textos distintos que ajudam a localizar as relações intertextuais e interdiscursivas entre os MQ e a literatura do Segundo Testamento.

Outra forma de captar a interdiscursividade e a intertextualidade entre os MMM e outros corpora, parte da busca pelos discursos sociais materializados no texto. Em geral, Bakhtin explica, esses discursos carregam ideologias, valores, crenças e outros aspectos que perpassam o texto.²⁵¹ Ao levar em consideração os pressupostos defendidos por Bakhtin e Kristeva, os discursos sociais se estruturam em uma linguagem que reflete e tem potencial para moldar as relações sociais, as ideologias e a identidade em um determinado contexto social. Com isso, pode-se dizer que os discursos sociais não se restringem ao texto escrito, mas envolvem a fala, os gestos, as imagens e qualquer outro aspecto da comunicação capaz de veicular sentidos.²⁵²

Ao considerar ainda os excertos supramencionados em torno das obras da lei, considera-se que, no decorrer da atividade de Paulo, ocorreram vários embates acerca da integração dos gentios na Aliança e sobre os principais critérios para tal inclusão. Os textos do Segundo Testamento indicam que os interlocutores paulinos, mormente em Gálatas, eram majoritariamente judeu-cristãos, e não representantes de outros grupos judaicos. Isso explica, por exemplo, a ênfase de Paulo, em Gálatas 2:4, quando afirma: “E isto surgiu por causa dos falsos irmãos que se haviam infiltrado para espreitar a liberdade que temos em Cristo Jesus e nos reduzir à escravidão”.

Esse pode ser considerado um discurso social, pois a integração dos gentios na Aliança recebeu um amplo destaque no contexto do Concílio de Jerusalém, com base nas indicações e nos relatos que aludem que os defensores da circuncisão para os gentios eram fariseus que se converteram ao cristianismo, como está escrito em Atos 15:5. Logo, a tensão enfrentada por Paulo não envolvia a necessidade de boas obras para a justificação, mas exigia que um gentio se tornasse

²⁵¹ BAKHTIN, 1992, p. 320.

²⁵² BAKHTIN, 1992, p. 308. Veja ainda: KRISTEVA, 1980, p. 66.

um prosélito para integrar-se à Aliança, ou seja, ele deveria observar as obras da lei. Para entender as dinâmicas sociais aí implícitas, basta retomar o argumento de Sanders, que considera que Paulo não visava uma forma de judaísmo puramente fundamentado nas leis, mas ele teria direcionado seus argumentos para os cristãos judeus que discordavam da sua posição sobre essa questão.²⁵³

A questão das obras da lei, nesse sentido, claramente objetivava assegurar a permanência dos seguidores nos padrões de pureza prescritos. Se alguém, eventualmente, não cumprisse com tais normas teria certamente que enfrentar dificuldades no interior da comunidade que procurava uma vida em santidade (Gl 2:11-14). No segundo capítulo, discorreu-se sobre esse aspecto quanto à atitude de Pedro, o que, segundo Dunn, tem uma relação com o manuscrito 4QMMT:

A descrição que Paulo faz do ato de Pedro, imitado por outros judeu-cristãos, o qual 'separou a si mesmo' [...] dos cristãos gentios em Antioquia, depois de ter com ido com eles [...]. A sugestão de que o uso paulino de ἀφόριζεν em Gálatas faça eco à sua própria experiência anterior de auto separação como fariseu [...]. O fato de termos agora um texto contemporâneo que usa exatamente essa linguagem para descrever um a auto separação sectária do resto da comunidade religiosa judaica maior por motivos de pureza, para evitar 'associação/participação com eles', oferece-nos um paralelo sem precedentes e muito notável. É um a inferência apropriada supor que a motivação por trás da retirada de Pedro da comunhão de mesa com cristãos gentios em Antioquia (Gl 2:12) era de caráter e lógica semelhantes que a retirada do grupo de MMT da comunidade mais ampla.²⁵⁴

Aqui, com base nesse argumento, tem-se uma lacuna para caminhar, em termos metodológicos, na direção de uma busca pela contradição nas relações interdiscursivas e intertextuais presentes nesses textos.

A contradição é um elemento intrínseco ao discurso. Ela não evoca um equívoco, erro ou incoerência, e sim uma característica essencial para a construção de sentidos. Em relação aos MQ e os textos cristãos originários, a contradição pode ser tomada como um impulso para uma análise mais profunda e rica das interdiscursividades e intertextualidades.²⁵⁵ De acordo com Bakhtin, a contradição é uma mola propulsora da história, um mecanismo que impulsiona o diálogo e a produção de novos sentidos.²⁵⁶

Ao considerar o relato neotestamentário, a conversão dos gentios à mensagem de Paulo era uma questão contraditória e controversa para muitos judeu-cristãos. De modo aparente, os gentios eram considerados cerimonialmente impuros. Para Paulo, judeus e gentios pertenciam a uma

²⁵³ SANDERS, 1977, p. 30-37.

²⁵⁴ DUNN, 2011, p. 489.

²⁵⁵ BAKHTIN, 1992, p. 310-326.

²⁵⁶ BAKHTIN, 1992, p. 310-326.

mesma comunidade da Aliança, através de Jesus Cristo. Todos eram descendentes de Abraão, de modo que não era a circuncisão que assegurava o *status* de filhos de Abraão, e sim a fé em Jesus Cristo. Na literatura paulina, tanto gentios quanto judeu-cristãos formavam um único corpo (Ef 3: 5-6). No momento de sua conversão a Jesus como Messias, eles constituíam o *Kol Yisra'el*. Foi explicado ainda que Paulo destacou a existência de uma oliveira que representaria Israel, de maneira que os gentios foram nela enxertados, formando o *Kol Yisra'el* (Rm 11). Paulo ainda designou os seguidores de Jesus da Galácia como Israel de Deus, segundo o relato de Gálatas 6:16.

Com efeito, as tensões em torno da conversão dos gentios constituíram um tema de intensa discussão na comunidade cristã antiga. O manuscrito 4QMMT desempenha um papel crucial para o avanço da pesquisa nesse contexto, pois oferece *insights* valiosos sobre as normas e práticas que delimitavam a inclusão dos gentios. De acordo com Dunn, a análise desse documento tem sido crucial para entender as nuances e as tensões em torno da adesão das normas legais e sua interpretação, o que, para ele, favorece significativamente a compreensão das dinâmicas sociais e religiosas da época.²⁵⁷ Isso pode ser entendido, em termos metodológicos, como um aspecto passível de identificação a partir da localização das contradições presentes nesses textos, que, segundo a perspectiva de Bakhtin, ajuda a localizar diferentes vozes que interagem em uma relação dialógica e estão eivadas de valores distintos que podem estar envolvidos numa ebulição de conflitos.²⁵⁸

Na dinâmica dos conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, deve-se considerar que os discursos se complementam em relações intercambiáveis. Kristeva, por exemplo, desenvolve a ideia de que os textos respondem a outros textos, de modo que cada um pode incorporar a transformar textos precedentes.²⁵⁹ Neste aspecto, pode-se retomar, por exemplo, as referências à vida em comunidade que, tanto na literatura paulina quanto na perspectivas dos redatores do manuscrito 4QMMT, era compreendida como uma vida segundo a vontade divina. Apesar dessa ideia de complementação, não se pode desprezar que, em Paulo, a ideia de comunidade se caracteriza pela inclusão e pela diversidade, considerando a presença e convivência entre judeu-cristãos e gentios, ao passo que a comunidade de Qumran demonstrava-se mais fechada e exclusiva.²⁶⁰

²⁵⁷ DUNN, 2011, p. 547.

²⁵⁸ BAKHTIN, 1992, p. 310-326.

²⁵⁹ KRISTEVA, 1974, p. 146.

²⁶⁰ DUNN, 2011, p. 513.

A presença da ironia em determinado discurso ou texto também é um elemento a ser considerado em termos metodológicos. Para Kristeva, a ironia não se reduz a uma figura de linguagem, mas é descrita como uma estratégia discursiva complexa capaz de desvelar contradições em um determinado texto.²⁶¹ Bakhtin não oferece detalhes sobre a ironia, mas ela pode ser destacada em suas obras como um fenômeno dialógico histórico-social capaz de contradizer um significado literal de expressões ou palavras, através da ideia da multiplicidade de vozes que atravessam um texto.²⁶²

A literatura paulina exhibe uma utilização mais sutil da ironia. Ela aparece, por exemplo, em seus argumentos que reforçam a interpretação da lei, ou seja, para colocar em relevo a literalidade da lei e levantar críticas alternativas. Em Gálatas 3:8, pode-se ler o seguinte: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: todas as nações serão benditas em ti”. A ironia pode ser localizada, de modo implícito, quando Paulo recorre a essa tradição para argumentar que a lei não supera, mas é inferior à promessa que Abraão recebeu. Neste exemplo, não seria inútil considerar que Paulo subverte as expectativas e se posiciona desafiando a autoridade estabelecida. No contexto do manuscrito 4QMMT, a ironia também é instrumentalizada nessa perspectiva, porém, ele ajuda a reforçar a própria autoridade e interpretação da lei.²⁶³

O elemento da ironia na relação entre o pensamento paulino com o manuscrito 4QMMT pode ajudar no esclarecimento das nuances teológicas de Paulo, pois a ironia desvenda a complexidade de seu pensamento e sua capacidade de interpelar convenções. No contexto da comunidade de Qumran, a ironia pode contribuir para desvelar o modo como essa comunidade se estabelecia em relação aos demais grupos judaicos da época. Em 4QMMT, por “obras da lei”, compreende-se a realização de práticas concretas cuja relevância reside na sua observância, o que leva a separação em relação àqueles que não cumprem ou não interpretam como o grupo qumrânico. Nesse sentido, a ironia aparece escamoteada na tentativa de fortalecer os laços internos da comunidade e na proposta de estabelecimento de uma identidade compartilhada a partir de um código de comunicação idiossincrático.²⁶⁴

Outra etapa importante para localizar as relações pautadas na interdiscursividade e na intertextualidade entre os MMM e os textos cristãos originários parte de uma análise metodológica dos efeitos desses conceitos sobre um texto. Os principais efeitos do discurso em

²⁶¹ DUNN, 2011, p. 513.

²⁶² BAKHTIN, 1992, p. 320.

²⁶³ 4QMMT, conforme: MARTÍNEZ, 1992, p. 91-93.

²⁶⁴ DUNN, 2011, p. 513.

Bakhtin giram em torno dos enunciados, porque eles constituem a unidade elementar de um discurso, de modo que sempre estão situados em um contexto social e histórico bastante específico e são produzidos por sujeitos que ocupam uma posição social determinada. Nesse sentido, a prática da enunciação emerge como um ato social que envolve a produção de sentidos.²⁶⁵

O processo de construção dos sentidos é essencial nesse passo metodológico, uma vez que ajuda a identificar o modo como os discursos interagem e se combinam para gerar novos significados.²⁶⁶ Sobre a literatura paulina, os efeitos da interdiscursividade e da intertextualidade com o 4QMMT recaem especialmente sobre os temas da lei, da justificação e da comunidade. Em relação à lei, Paulo reconhece sua importância, mas diferentemente da comunidade de Qumran, ele enfatiza seu caráter insuficiente para a salvação humana. A comunidade de Qumran prefere uma interpretação mais literal e rigorosa da lei mosaica.²⁶⁷

No aspecto da justificação, tanto na literatura paulina quanto em 4QMMT, pode-se pressupor uma busca exacerbada por uma resposta sobre quem pode ser declarado justo perante a divindade. Entretanto, em Paulo, há a defesa da justificação pela fé, ao passo que, no manuscrito 4QMMT, enfatiza-se a importância das obras da lei. Nesse sentido, se se considerar o pensamento bakhtiniano, as consequências dos efeitos dos discursos presentes na literatura paulina e no manuscrito 4QMMT interagem para formação de uma identidade, consciência, conhecimento e, em certo sentido, exercício de poder, através da linguagem que relaciona determinados sujeitos uns com os outros e com o mundo. Vale lembrar que, para Bakhtin, o discurso representa um fenômeno multifacetado e, por isso, complexo, que influencia a vida cultural e social.²⁶⁸ O mesmo argumento pode ser considerado em relação à noção de texto, em Kristeva.²⁶⁹

Em relação ao tema da comunidade, na literatura paulina e no manuscrito 4QMMT, as comunidades são apresentadas como um coletivo de pessoas que procuram um modo de vida em conformidade com a vontade divina. Mas, entre si, considerando os efeitos do discurso, as características dessas comunidades não são idênticas. A comunidade paulina é caracterizada pela inclusão e pela diversidade, ao passo que a comunidade de Qumran apresenta marcas mais exclusivistas e fechadas em si.²⁷⁰

²⁶⁵ BAKHTIN, 1992, p. 316.

²⁶⁶ BAKHTIN, 1992, p. 316.

²⁶⁷ FIORIN, 2012, p. 148.

²⁶⁸ FIORIN, 2012, p. 148.

²⁶⁹ KRISTEVA, 1974, p. 34.

²⁷⁰ DUNN, 2011, p. 513.

Outro passo importante nessa proposta metodológica diz respeito ao posicionamento do autor no ato da enunciação. Para Bakhtin, o autor não pode ser visto como um sujeito isolado, e sim como um participante ativo nas relações interdiscursivas ou dialógicas presentes em um determinado texto ou discurso. Nesse sentido, a comunidade de Qumran e Paulo não podem ser tratados na perspectiva neutralidade, mas como autores marcados pelas interações e relações histórico-sociais que os constituem. Isso indica que Paulo não criou um discurso do nada, mas ele está inserido em uma dinâmica que pressupõe a existência de discursos previamente existentes. Com efeito, sua literatura pode ser entendida como uma resposta ou réplica a outras vozes precedentes,²⁷¹ que, no caso desta seção, podem ser identificadas no manuscrito 4QMMT, por exemplo.

Um último passo importante aqui delineado tem a ver com contextualização histórico-social em relação aos discursos que perpassam a literatura paulina e o documento 4QMMT. Os cientistas das religiões interessados nesse tipo de abordagem deverão ter em mente que os MMM e a literatura do Segundo Tempo emergiram em um contexto histórico-social complexo e em ebulição, isto é, caracterizado por fortes processos de transformação política, cultural e religiosa. Isso ajudará a explicar, por exemplo, que, tanto Paulo quanto a comunidade de Qumran viviam em uma época marcada por uma busca intensa de uma identidade judaica legítima. O Templo de Jerusalém era o *locus* religioso e político do judaísmo por excelência, de modo que diferentes grupos disputavam a interpretação dos textos e das práticas religiosas mais plausíveis.²⁷²

Se considerar a perspectiva de Bakhtin, é importante não desprezar o momento histórico e social que marcam as relações de poder, as crenças e as ideologias que perpassam a produção e a recepção de um discurso.²⁷³ Kristeva, por sua vez, considera relevante captar a natureza intertextual da linguagem para, então, identificar as respostas que um enunciado por estar dando para outros, através de citações, paráfrases ou transformação de textos precedentes.²⁷⁴ Nesse sentido, esses autores contribuem para uma melhor compreensão acerca da complexidade que marca a linguagem e sua função na construção das relações sociais em relação à comunidade de Qumran e ao período do Segundo Templo.

Logo, os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade ajudam a localizar a diversidade que marcava aquela época, por exemplo, entre os diferentes grupos judaicos com suas práticas

²⁷¹ BAKHTIN, 1992, p. 298.

²⁷² SCHIFFMAN, 1994, p. 71.

²⁷³ BAKHTIN, 1992, p. 298.

²⁷⁴ KRISTEVA, 1974, p. 34.

e crenças, como também a maneira pela qual esses grupos tinham ou não o Templo de Jerusalém como símbolo de poder. Para Steins, desde a época da edificação do Templo, de Davi até Salomão, a ordem do culto fora estabelecida, incluindo todo Israel na responsabilidade de sua construção, pois o Templo era tratado como continuação do santuário original que fora instituído pela divindade.²⁷⁵

Outra contribuição possível a partir da análise das relações interdiscursivas e intertextuais nos MMM e noutras literaturas do mesmo período histórico é a identificação da perspectiva escatológica presentes nesses *corpora*. Essas são marcas histórico-sociais relevantes que ajudam a compreender as expectativas em torno da vinda do Messias e do estabelecimento de um juízo final comum entre os diferentes grupos judaicos da época, o que estava gerando uma intensa procura pelos sinais dos tempos.²⁷⁶ Da mesma forma, pode-se identificar diversos outros elementos histórico-sociais, por exemplo, o legalismo que, para alguns grupos, a lei mosaica emergia como elemento central para a vida religiosa e/ou na forma como essa lei fora interpretada por outros coletivos influenciando suas práticas e tradições.²⁷⁷

No caso da literatura paulina, considera-se que Paulo viveu uma era marcada por grandes transformações, por causa da expansão do Império Romano e pela imensa influência da cultura grega.²⁷⁸ Por isso, a metodologia aqui proposta ajuda a compreender como a comunidade judaica estava dividida naquele cenário entre os sujeitos que aceitavam ou não a dominação de Roma. Isso explica o horizonte de perseguição muitas vezes aludidos nos MMM e outras fontes bíblicas e extrabíblicas, o que pode ainda explicar as polêmicas que perpassam as literaturas de Qunram.²⁷⁹

3.2.1 Etapas metodológicas aplicadas à análise interdiscursiva e intertextual de textos religiosos

Considerando as especificidades epistemológicas das Ciências das Religiões e sua vocação inter e transdisciplinar, propõe-se, nesta subseção, um modelo metodológico aplicável à análise interdiscursiva e intertextual de textos religiosos, que possa ser replicado por pesquisadores interessados em explorar os modos como discursos religiosos se articulam com outros discursos dentro e fora de suas tradições. A proposta aqui delineada tem por finalidade

²⁷⁵ STEINS, Georg. Os livros das Crônicas. In: ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 221.

²⁷⁶ TOV, 2001, p. 23.

²⁷⁷ VERMES, 2011, p. 102.

²⁷⁸ VERMES, 2011, p. 102.

²⁷⁹ FIORIN, 2012, p. 151.

explicitar os procedimentos operacionais derivados da fundamentação teórica apresentada nas seções anteriores, particularmente a partir dos aportes de Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva.

A metodologia aqui exposta se organiza em quatro etapas analíticas principais, que não se pretendem rígidas, mas que oferecem um arcabouço funcional para a aplicação prática da interdiscursividade e da intertextualidade no campo religioso.

b) Identificação das vozes enunciativas e das matrizes discursivas

Em consonância com a teoria do dialogismo de Bakhtin, a segunda etapa da análise requer o reconhecimento das múltiplas vozes que compõem o tecido discursivo dos textos selecionados. Os textos religiosos, frequentemente compreendidos como portadores de autoridade normativa, são também arenas de disputa, reelaboração e ressignificação. Nessa perspectiva, é necessário identificar os gêneros discursivos que conformam cada texto — por exemplo, o gênero apocalíptico, legal, hínico, profético ou sapiencial — e compreender as posições enunciativas assumidas ou contestadas por seus autores implícitos.

c) Mapeamento das relações interdiscursivas e intertextuais

A terceira etapa consiste na análise propriamente dita das relações entre os textos. A interdiscursividade permite identificar como determinados discursos — teológicos, normativos, escatológicos ou políticos — são ativados, desdobrados ou refutados em um novo contexto textual. Já a intertextualidade investiga as formas pelas quais elementos de outros textos são incorporados, reelaborados ou parodiados. Essa etapa requer atenção tanto às citações explícitas quanto às alusões implícitas, paralelismos temáticos, fórmulas retóricas e estruturas narrativas recorrentes. A comparação entre expressões, conceitos e temas permite rastrear trajetórias discursivas e tensionamentos interpretativos.

d) Análise crítica dos efeitos de sentido e das estratégias de legitimação

A etapa final consiste na interpretação crítica das funções e efeitos dos discursos analisados, considerando suas implicações sociais, teológicas e políticas. Trata-se de avaliar como determinados enunciados constroem legitimidade, autorizam interpretações, excluem adversários e instituem regimes de verdade. Essa dimensão analítica, em diálogo com perspectivas foucaultianas, permite compreender os textos religiosos não apenas como veículos de doutrina, mas como práticas discursivas imbricadas em estruturas de poder, mediação simbólica e organização comunitária.

A sistematização dessas etapas visa fornecer ao cientista da religião uma ferramenta metodológica robusta, que articule teoria e prática na análise de textos religiosos. Ao fazê-lo, a presente proposta insere-se na tradição das Ciências das Religiões comprometida com a leitura crítica, historicizada e polifônica das manifestações do sagrado, respeitando a complexidade hermenêutica dos textos e a multiplicidade de sentidos que os atravessam.

3.3 Ciclo de palestras: a interdiscursividade e intertextualidade nos Manuscritos do Mar Morto em diálogo com outros corpora religiosos

Com o interesse de esclarecer e delinear o aspecto profissional desta pesquisa, apresenta-se uma proposta de acesso aos Manuscritos do Mar Morto e à análise de suas relações com outros corpora religiosos, entre os quais a literatura do Segundo Templo se destaca como possibilidade de comparação, a partir da realização de um ciclo de palestras, a ser ministrado pelo autor desta pesquisa, para cientistas das religiões que demonstrem interesse por uma abordagem pautada nos conceitos de interdiscursividade e intertextualidade, segundo as contribuições de Bakhtin e Kristeva. Compreende-se que as relações de interdiscursividade e intertextualidade são essenciais para as pesquisas no interior das Ciências das Religiões, porque contribuem para o entendimento sobre como as fontes bíblicas e extrabíblicas confluem diferentes discursos e interagem discursiva e intertextualmente entre si e com outros tipos de textos e discursos.

Inicialmente, após a finalização do mestrado profissional em Ciências das Religiões, o convite para participação das palestras será direcionado para dois públicos, a saber: um grupo de pesquisa no qual o autor desta pesquisa participa, que se debruça especialmente sobre o estudo dos MMM e da literatura do Segundo Templo; e para os Programas de Pós-Graduação em Ciências das Religiões espalhados pelo território brasileiro, através de mensagens por e-mail e contato telefônico. Eventualmente, estudantes de Teologia, em qualquer nível – graduação, mestrado e doutorado – receberão o mesmo convite, desde que demonstrem interesse pela participação no ciclo de palestras proposto nesta pesquisa.

Compreende-se que o caráter instrutivo desse ciclo de palestras garantirá a continuidade de estudos na área das Ciências das Religiões em torno do tema dos MMM e da literatura do Segundo Templo. Isso indica que o estudo sobre a religião tem mais uma possibilidade de expansão e não se deter apenas a um único campo de conhecimento, mas dialogar com a história

e com os estudos que emergem do campo das Linguagens, no intuito de aproximá-los da literatura do mundo bíblico e das fontes extrabíblicas.

Com base nessas considerações, o objetivo geral deste ciclo de palestras consiste em: disseminar o conhecimento sobre as literaturas dos MMM e do Segundo Templo, pensando nas relações interdiscursivas e intertextuais que elas estabelecem e como ajudaram a iluminar os horizontes, as crenças e as tradições daquele período. Os objetivos específicos do ciclo de palestras são os seguintes:

- a) Discorrer sobre a história e a importância dos Manuscritos do Mar Morto, bem como suas possíveis conexões com tradições textuais do Segundo Templo, para o campo das Ciências das Religiões;
- b) Ampliar a compreensão das noções de interdiscursividade e intertextualidade, *a priori*, a partir do pensamento de Bakhtin e Kristeva, visando desenvolver uma compreensão mais abrangente acerca dos Manuscritos do Mar Morto e de suas interlocuções discursivas com diferentes tradições textuais, incluindo a literatura do Segundo Templo;
- c) Empreender análises a partir do campo das Ciências das Religiões, considerando o seu caráter ilimitado, inter e transdisciplinar como uma abertura para o acesso à literatura do mundo bíblico e de fontes extrabíblicas;
- d) Explicar detalhadamente os passos metodológicos da análise interdiscursiva e intertextual para cientistas das religiões interessados nesse tipo de abordagem.

Esses objetivos foram delineados, inicialmente, a partir da realização desta pesquisa bem como de momentos de conversas com outros cientistas das religiões que também se interessam pelo estudo dos MMM e da literatura do Segundo Templo.

Os conteúdos que serão desenvolvidos na apresentação do ciclo de palestras serão organizados, de início, em quatro módulos. No primeiro módulo, discorre-se sobre a história dos Manuscritos do Mar Morto e de sua inserção histórica no contexto do Segundo Templo. Espera-se desenvolver uma apresentação de, no máximo, uma hora e, depois disso, iniciar uma roda de conversa sobre as principais questões em torno da história e da relevância dos MMM e da literatura do Segundo Templo para o campo das Ciências das Religiões.

A figura abaixo exhibe as propostas de conteúdos para esse primeiro módulo. Observe:

Figura 1. Plano de curso para o primeiro módulo do ciclo de palestras²⁸⁰

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Plano de curso

Doutorando: Lucas Lima Martins Fridman
Tema da aula: História e relevância dos MMM e da literatura do Segundo Templo para as Ciências das Religiões
Período: 2025/2

EMENTA DA AULA:

Defende-se a possibilidade de acesso à literatura e à religião do mundo bíblico à luz do espectro das Ciências das Religiões, sem perder de vista os pressupostos profissionais do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Aborda-se a história de descoberta dos MMM e uma descrição histórica sobre a literatura do Segundo Templo. A divisão dos conteúdos dos MMM será explorada, pois, na sequência, espera-se estabelecer conexões entre esses textos com a literatura do Segundo Templo. Encerra-se com uma reflexão acerca da importância desses *corpora* para o campo das Ciências das Religiões.

OBJETIVO GERAL

Demonstrar que os conjuntos literários dos MMM e Segundo Templo têm um espaço aberto na área das Ciências das Religiões para o desenvolvimento de investigações dos fenômenos religiosos que as perpassam.

METODOLOGIA DE ENSINO

Aula expositiva com indicação de leitura prévia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Conteúdo	Textos sugeridos
Descoberta dos MMM	MARTÍNEZ, 2004, p. 11-56.
Divisão dos conteúdos dos MMM	VANDERKAM, 1993, p. 180-223.
Relações entre os MMM e a literatura protocristã do Segundo Templo	FLUSSER, 2000, p. 11-33.
Relevância dos MMM e da literatura do Segundo Templo para as Ciências das Religiões	VAN DER KAM; FLINT, 2002, p. 615-653.

²⁸⁰ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

APLICAÇÃO A TEMÁTICA RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

O texto bíblico ainda é alvo de extremas disputas no espaço público e, muitas vezes, é instrumentalizado de modo negativo a partir de perspectivas fundamentalistas. Entretanto, existem outras possibilidades de leitura e interpretação do texto bíblico, sobretudo na comunidade acadêmica, capazes de situar a Bíblia como um texto resultante de processos históricos e religiosos do passado e como portadora de inúmeras possibilidades interpretativas, que, por sua vez, podem ajudar a desvelar importantes facetas dos processos históricos que envolvem as diferentes tradições religiosas antigas. O estudo dos MMM e da literatura do Segundo Templo representa uma dessas muitas possibilidades de compreensão da Bíblia e do seu mundo. As relações interdiscursivas e interdisciplinares entre os MMM e a literatura do Segundo Templo podem favorecer uma descoberta sobre a influência desses *corpora* no desenvolvimento do Cristianismo, bem como seu papel na formação de identidade judaica e dos primeiros cristãos. Esses conjuntos literários revolucionaram o estudo da Bíblia e do judaísmo antigo, porque fornecem novas perspectivas sobre a formação do cânon bíblico, por exemplo. Por isso, seu estudo pode ser considerado como uma estratégia para mitigar os efeitos deletérios provocados pelas leituras fundamentalistas da Bíblia na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FLUSSER, David. *Jesus and the Dead Sea Scrolls*. New York: Magnes Press, 2000.

MARTÍNEZ, Florentino G. *The dead sea scrolls translated: the Qumran texts in English*. 2. ed. Leiden: Brill, 2004.

VANDERKAM, J. “Os manuscritos do Mar Morto e o Cristianismo”. In: SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 189-201.

VAN DER KAM, James; FLINT, Peter. *The Dead Sea Scrolls and the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSMAN, Jan. *Religión y memoria cultural*. Buenos Aires: Limod, 2008.

CAPES. *Documento de área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Brasília: MEC, 2019.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *A Bíblia desenterrada: a visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.

FRYE, Northop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. *O que é Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.

LIVERANI, Mario. Para além da Bíblia: história antiga de Israel. São Paulo: Loyola, 2008.

RIBEIRO, Osvaldo. Da função e do limite da exegese histórico-social indiciária. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 19, n. 3, p. 744-764, 2021.

SANT'ANNA, Elcio. *Literatura e religião bíblica: um acesso a partir das Ciências da Religião*. São Paulo: Reflexão, 2010.

STRENKI, Ivan. Max Müller, a ciência da religião comparada e a busca por outras “bíblis” na Índia. *Revista Rever*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 251-267, 2020.

TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TWORUSCHA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 577-588.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VASCONCELLOS, Pedro L. Metodologia de estudos das “escrituras” no campo das Ciências das Religiões. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 469-484.

Desse modo, tendo em vista as contribuições desta pesquisa, os Manuscritos do Mar Morto carregam uma multiplicidade de discursos que dialogam com tradições do período do Segundo Templo, que remetem ao judaísmo e à história do cristianismo dos primeiros séculos. Em relação ao cristianismo, os MMM podem ajudar na compreensão do universo judaico no qual emergiu a fé cristã. Mesmo que não exista uma relação direta entre Jesus e os MMM, de fato, percebe-se a presença de relações interdiscursivas e intertextuais, que serão explicadas no segundo módulo proposto para este ciclo de palestras.

No segundo módulo, procura-se ampliar a discussão em torno dos conceitos de interdiscursividade e intertextualidade. Segue-se na mesma linha de pensamento defendida nos capítulos anteriores à luz do pensamento de Bakhtin e Kristeva. Trata-se da explanação dos critérios conceituais elementares da pesquisa para análise dos Manuscritos do Mar Morto e de seus vínculos interdiscursivos com outros textos, como aqueles oriundos do período do Segundo Templo.

A figura abaixo exibe as propostas de conteúdos para esse segundo módulo:

Figura 2. Plano de curso para o segundo módulo do ciclo de palestras²⁸¹

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Plano de curso

Doutorando: Lucas Lima Martins Fridman
Tema da aula: Interdiscursividade e intertextualidade e literatura de Qumran e Segundo Templo
Período: 2025/2

EMENTA DA AULA:

Defende-se a possibilidade de acesso à literatura e à religião do mundo bíblico à luz do espectro das Ciências das Religiões, sem perder de vista os pressupostos profissionais do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Investiga-se as relações interdiscursivas e intertextuais entre os MMM e a literatura do Segundo Templo, visando compreender a complexidade em torno de diversos elementos, tais como: formação do cânon bíblico, contexto histórico e cultural em que essas literaturas foram produzidas, as ideias e práticas religiosas que as perpassam, entre outros. Espera-se explorar e desvendar a complexidade e a riqueza do pensamento religioso cultural dessa época, através do referencial teórico utilizado na pesquisa.

OBJETIVO GERAL

Demonstrar que as literaturas do MMM e do Segundo Templo se mostram em constantes relações interdiscursivas e intertextuais. Espera-se demonstrar como captar tais relações a partir do referencial teórico de Bakhtin e Kristeva.

METODOLOGIA DE ENSINO

Aula expositiva com indicação de leitura prévia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Conteúdo	Textos sugeridos
A interdiscursividade em Bakhtin	BAKHTIN, 1992, p. 290-365.
A intertextualidade em Kristeva	KRISTEVA, 1974, p. 30-106.
Relações interdiscursivas entre os MMM e a literatura protocristã do Segundo Templo	
Relações intertextuais entre os MMM e a literatura protocristã do Segundo Templo	

²⁸¹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

APLICAÇÃO A TEMÁTICA RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

O texto bíblico ainda é alvo de extremas disputas no espaço público e, muitas vezes, é instrumentalizado de modo negativo a partir de perspectivas fundamentalistas. Entretanto, existem outras possibilidades de leitura e interpretação do texto bíblico, sobretudo na comunidade acadêmica, capazes de situar a Bíblia como um texto resultante de processos históricos e religiosos do passado e como portadora de inúmeras possibilidades interpretativas, que, por sua vez, podem ajudar a desvelar importantes facetas dos processos históricos que envolvem as diferentes tradições religiosas antigas. O estudo dos MMM e da literatura do Segundo Templo representa uma dessas muitas possibilidades de compreensão da Bíblia e do seu mundo. As relações interdiscursivas e interdisciplinares entre os MMM e a literatura do Segundo Templo podem favorecer uma descoberta sobre a influência desses *corpora* no desenvolvimento do Cristianismo, bem como seu papel na formação de identidade judaica e dos primeiros cristãos. Esses conjuntos literários revolucionaram o estudo da Bíblia e do judaísmo antigo, porque fornecem novas perspectivas sobre a formação do cânon bíblico, por exemplo. Por isso, seu estudo pode ser considerado como uma estratégia para mitigar os efeitos deletérios provocados pelas leituras fundamentalistas da Bíblia na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *A Bíblia desenterrada: a visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

LEITE, Edgar. Os manuscritos de Qumran e a teologia do Cristianismo antigo. *Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-31, 2008.

VASCONCELLOS, Pedro L. Metodologia de estudos das “escrituras” no campo das Ciências das Religiões. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 469-484.

As noções de intertextualidade e interdiscursividade não devem ser compreendidas como mecanismos de relativização do sentido dos textos religiosos, tampouco como dispositivos que dissolvem seu valor simbólico ou teológico. Ao contrário, tais conceitos, quando mobilizados como ferramentas teórico-metodológicas sob uma perspectiva histórico-contextual, possibilitam aproximações mais densas e refinadas com a multiplicidade de sentidos que atravessa os textos — notadamente os Manuscritos do Mar Morto, mas também qualquer outro corpus considerado relevante para a pesquisa. Compreender como determinados textos dialogam com outros discursos e tradições coetâneas pode representar uma contribuição significativa para uma hermenêutica que reconhece e respeita a reserva polissêmica dos textos tidos como sagrados. Trata-se, portanto, de uma abordagem particularmente fecunda para o campo das Ciências das Religiões, na medida em que favorece o exercício profissional do cientista da religião na análise crítica de textos e contextos diversos.²⁸²

Nesse sentido, o terceiro módulo da proposta empreende análises a partir do campo das Ciências das Religiões, concebido como um espaço epistemológico inter e transdisciplinar, aberto a múltiplos métodos e campos de interlocução. Por essa razão, tal abordagem oferece instrumentos para a investigação tanto da literatura bíblica quanto de fontes extrabíblicas do mundo antigo e contemporâneo.²⁸³ O objetivo central desse módulo consiste em demonstrar que os estudiosos das religiões dispõem, dentro de sua própria área, de espaço legítimo para o diálogo com os Manuscritos do Mar a partir das noções de interdiscursividade e intertextualidade. Essa forma de leitura crítica dos textos religiosos contribui para a compreensão de como os sentidos são construídos, disputados e ressignificados por diferentes grupos religiosos em distintos contextos históricos.

Veja a figura a seguir:

²⁸² CAPES, 2019, p. 4.

²⁸³ MENDONÇA, 2000 *apud* SANT'ANNA, 2010, p. 14.

Figura 3. Plano de curso para o terceiro módulo do ciclo de palestras²⁸⁴

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Plano de curso

Doutorando: Lucas Lima Martins Fridman
Tema da aula: Análises da literatura de Qumran e do Segundo Templo a partir das Ciências das Religiões
Período: 2025/2

EMENTA DA AULA:

Defende-se a possibilidade de acesso à literatura e à religião do mundo bíblico à luz do espectro das Ciências das Religiões, sem perder de vista os pressupostos profissionais do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Investiga-se as relações interdiscursivas e intertextuais entre os MMM e a literatura do Segundo Templo, visando compreender a complexidade em torno de diversos elementos, tais como: formação do cânon bíblico, contexto histórico e cultural em que essas literaturas foram produzidas, as ideias e práticas religiosas que as perpassam, entre outros. Espera-se explorar e desvendar a complexidade e a riqueza do pensamento religioso cultural dessa época, através do referencial teórico utilizado na pesquisa.

OBJETIVO GERAL

Apresentar os resultados da análise interdiscursiva e intertextual, propondo uma expansão dessa perspectiva teórico-metodológica para outras fontes, sejam elas bíblicas ou extrabíblicas.

METODOLOGIA DE ENSINO

Aula expositiva com indicação de leitura prévia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Conteúdo	Textos sugeridos
O acesso à literatura e religião do mundo bíblico	SANT'ANNA, 2010.
Aberturas epistemológicas	TIELE, 2018, p. 217-228.
O acesso aos MMM e à literatura do Segundo Templo	LEITE, 2008, p. 22-31.

²⁸⁴ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

APLICAÇÃO A TEMÁTICA RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

O texto bíblico ainda é alvo de extremas disputas no espaço público e, muitas vezes, é instrumentalizado de modo negativo a partir de perspectivas fundamentalistas. Entretanto, existem outras possibilidades de leitura e interpretação do texto bíblico, sobretudo na comunidade acadêmica, capazes de situar a Bíblia como um texto resultante de processos históricos e religiosos do passado e como portadora de inúmeras possibilidades interpretativas, que, por sua vez, podem ajudar a desvelar importantes facetas dos processos históricos que envolvem as diferentes tradições religiosas antigas. O estudo dos MMM e da literatura do Segundo Templo representa uma dessas muitas possibilidades de compreensão da Bíblia e do seu mundo. As relações interdiscursivas e interdisciplinares entre os MMM e a literatura do Segundo Templo podem favorecer uma descoberta sobre a influência desses *corpora* no desenvolvimento do Cristianismo, bem como seu papel na formação de identidade judaica e dos primeiros cristãos. Esses conjuntos literários revolucionaram o estudo da Bíblia e do judaísmo antigo, porque fornecem novas perspectivas sobre a formação do cânon bíblico, por exemplo. Por isso, seu estudo pode ser considerado como uma estratégia para mitigar os efeitos deletérios provocados pelas leituras fundamentalistas da Bíblia na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LEITE, Edgar. Os manuscritos de Qumran e a teologia do Cristianismo antigo. *Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-31, 2008.

SANT'ANNA, Elcio. *Literatura e religião bíblica: um acesso a partir das Ciências da Religião*. São Paulo: Reflexão, 2010.

TIELE, Cornelis P. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VASCONCELLOS, Pedro L. Metodologia de estudos das “escrituras” no campo das Ciências das Religiões. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 469-484.

Neste módulo, cabe enfatizar que as Ciências das Religiões dispõem de um rico ferramental teórico-metodológico com instrumentos que ajudam a analisar as fontes bíblicas e extrabíblicas. Além disso, elas pavimentam caminhos para o empreendimento de análises sobre as interações intertextuais e interdiscursivas que marcam esses *corpora* literários. Esse tipo de acesso é fundamental para a área em tela, porém, exige um trabalho metódico e crítico. Ao combinar as contribuições de Bakhtin e Kristeva, espera-se contribuir com uma compreensão mais profunda e complexa acerca das interações entre as diferentes perspectivas religiosas e manifestações no decorrer da história.²⁸⁵ A partir desse módulo, tem-se ainda uma abertura para tratar sobre a relevância da Arqueologia para o estudo das fontes bíblicas e extrabíblicas. Mostrar que existem diferentes perspectivas possíveis para interpretação dessas fontes e considerar os principais desafios para esse tipo de abordagem.

No quarto e último módulo, procura-se explicitar e explicar com minuciosidades os passos metodológicos ensaiados nesta pesquisa em torno das análises das relações interdiscursivas e intertextuais, com o objetivo de elucidar os cientistas das religiões quanto às possibilidades de aproximação que eles podem realizar com os Manuscritos do Mar Morto e com textos de outras tradições religiosas, como a literatura do Segundo Templo, considerados aqui como *corpora* de comparação. No pano de fundo dessa proposta, há um interesse de defender que análise intertextual e interdiscursiva desses *corpora* pode desvendar os mecanismos de produção de sentido bem como ampliar a compreensão em torno do contexto histórico, cultural e social que tais fontes foram gestadas.

Veja a proposta de ensino esboçada na figura a seguir:

²⁸⁵ SANT'ANNA, 2010, p. 58.

Figura 4. Plano de curso para o quarto módulo do ciclo de palestras²⁸⁶

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Plano de curso

Doutorando: Lucas Lima Martins Fridman
Tema da aula: Momentos metodológicos da análise interdiscursiva e intertextual
Período: 2025/2

EMENTA DA AULA:

Defende-se a possibilidade de acesso à literatura e à religião do mundo bíblico à luz do espectro das Ciências das Religiões, sem perder de vista os pressupostos profissionais do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Investiga-se as relações interdiscursivas e intertextuais entre os MMM e a literatura do Segundo Templo, visando compreender a complexidade em torno de diversos elementos, tais como: formação do cânon bíblico, contexto histórico e cultural em que essas literaturas foram produzidas, as ideias e práticas religiosas que as perpassam, entre outros. Espera-se explorar e desvendar a complexidade e a riqueza do pensamento religioso cultural dessa época, através do referencial teórico utilizado na pesquisa.

OBJETIVO GERAL

Apresentar os procedimentos ensaiados na pesquisa, porém, com as atualizações e/ou revisões necessárias, configurando o momento mais prático do ciclo de palestras, através do qual explicita-se para os cientistas das religiões os procedimentos necessários para análise das relações de interdiscursividade e intertextualidade localizadas nos MMM e na literatura do Segundo Templo.

METODOLOGIA DE ENSINO

Aula expositiva com indicação de leitura prévia.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

Conteúdo
Identificação das intertextualidades nos MMM e na literatura do Segundo Templo
Identificação das interdiscursividades nos MMM e na literatura do Segundo Templo
Reflexão sobre os achados das análises empreendidas

²⁸⁶ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

APLICAÇÃO A TEMÁTICA RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

O texto bíblico ainda é alvo de extremas disputas no espaço público e, muitas vezes, é instrumentalizado de modo negativo a partir de perspectivas fundamentalistas. Entretanto, existem outras possibilidades de leitura e interpretação do texto bíblico, sobretudo na comunidade acadêmica, capazes de situar a Bíblia como um texto resultante de processos históricos e religiosos do passado e como portadora de inúmeras possibilidades interpretativas, que, por sua vez, podem ajudar a desvelar importantes facetas dos processos históricos que envolvem as diferentes tradições religiosas antigas. O estudo dos MMM e da literatura do Segundo Templo representa uma dessas muitas possibilidades de compreensão da Bíblia e do seu mundo. As relações interdiscursivas e interdisciplinares entre os MMM e a literatura do Segundo Templo podem favorecer uma descoberta sobre a influência desses *corpora* no desenvolvimento do Cristianismo, bem como seu papel na formação de identidade judaica e dos primeiros cristãos. Esses conjuntos literários revolucionaram o estudo da Bíblia e do judaísmo antigo, porque fornecem novas perspectivas sobre a formação do cânon bíblico, por exemplo. Por isso, seu estudo pode ser considerado como uma estratégia para mitigar os efeitos deletérios provocados pelas leituras fundamentalistas da Bíblia na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TIELE, Cornelis P. Conceção, objetivo e método da Ciência da Religião. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018.

VASCONCELLOS, Pedro L. Metodologia de estudos das “escrituras” no campo das Ciências das Religiões. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 469-484.

Depreende-se, portanto, que esta proposta profissional visa ensaiar a aplicação de análises interdiscursivas e intertextuais a partir dos Manuscritos do Mar Morto, tomando-os como ponto de partida para demonstração metodológica no campo das Ciências das Religiões. Embora os Manuscritos revelem inegável relevância para a compreensão da literatura produzida no período do Segundo Templo — iluminando aspectos da religiosidade judaica da época, estabelecendo conexões com o cristianismo nascente e evidenciando convergências e divergências com tradições —, o foco da proposta não se limita a esse recorte. O objetivo principal é oferecer subsídios teórico-metodológicos que possam ser aplicados aos MMM e a diferentes corpora e tradições religiosas, respeitando a escolha temática de cada pesquisador. Ao propor uma abordagem ancorada na interdiscursividade e na intertextualidade, espera-se contribuir para o aprimoramento da prática profissional do cientista da religião, especialmente

no que diz respeito à análise crítica de textos e discursos no âmbito da cultura religiosa, possibilitando novas formas de acesso, interpretação e diálogo com as fontes de seu campo de estudo.



CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo analisar as relações interdiscursivas e intertextuais entre os Manuscritos do Mar Morto (MMM) e a literatura protocristã do Segundo Testamento, a partir das categorias teóricas de interdiscursividade e intertextualidade, respectivamente formuladas por Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva. Fundamentada no campo das Ciências das Religiões, a pesquisa propôs um percurso analítico capaz de dialogar com as fontes textuais sem reduzir sua complexidade religiosa, histórica ou discursiva, respeitando, ao mesmo tempo, a multiplicidade de sentidos que essas produções carregam em seus contextos originários e de recepção.

Desde o início, buscou-se enfatizar que os textos religiosos não devem ser lidos como blocos dogmáticos herméticos, mas como construções discursivas que se desenvolvem em diálogo com outros discursos, práticas e tradições. Essa premissa foi sustentada pelo conceito de dialogismo, que em Bakhtin não se restringe à dimensão formal da linguagem, mas se constitui como uma filosofia da alteridade, ou seja, uma concepção segundo a qual todo discurso é sempre resposta a outro discurso, inscrito em um campo de vozes em tensão. Assim, a interdiscursividade foi compreendida não como simples influência entre textos, mas como participação em um horizonte ideológico compartilhado.

A intertextualidade, por sua vez, foi concebida como o fenômeno que evidencia, na materialidade textual, a presença de outros textos e enunciados. Essa presença pode manifestar-se por meio de citação explícita, alusão implícita, paráfrase ou mesmo negação. Na tradição kristeviana, intertextualidade não é apenas uma operação técnica, mas um índice da impossibilidade do texto puro, autônomo e isolado. Com base nisso, a pesquisa se propôs a identificar e analisar a presença de elementos textuais comuns entre os documentos de Qumran e a literatura cristã nascente, sem incorrer na tentação de estabelecer uma relação de dependência linear ou de filiação direta.

O corpus principal foi constituído, por um lado, pelos documentos da comunidade de Qumran — em especial os textos legais e sapienciais como o 4QMMT, o Documento de Damasco e o Manual de Disciplina — e, por outro, por trechos das epístolas paulinas e porções selecionadas da literatura protocristã, com atenção à figura de João Batista, à doutrina da graça e à retórica da justificação. A escolha desses textos decorreu da relevância temática que apresentam para a discussão das continuidades e rupturas entre o judaísmo do Segundo Templo

e o cristianismo nascente, sobretudo no que diz respeito ao imaginário escatológico, à crítica à elite sacerdotal e à tensão entre Lei e fé.

Durante o desenvolvimento da análise, confirmou-se a hipótese inicial de que há, entre os textos de Qumran e os textos cristãos originários, uma densa rede de interdiscursividades e intertextualidades, que permite observar a emergência do discurso cristão não como ruptura absoluta, mas como reformulação discursiva situada dentro do campo do judaísmo plural do Segundo Templo. A ideia de um cristianismo absolutamente original, frequentemente reiterada por leituras confessionalmente engajadas, mostrou-se insuficiente à luz das evidências textuais analisadas. Em vez disso, o cristianismo primitivo se apresenta como um dos múltiplos desdobramentos do discurso judaico-apocalíptico e legalista, reinterpretado em função de novas conjunturas socioteológicas.

Com efeito, a pesquisa demonstrou que elementos fundamentais da teologia cristã, como a doutrina da justificação, a centralidade da figura messiânica, a crítica à hipocrisia sacerdotal e a tensão com os fariseus, já estavam amplamente presentes nos discursos dos textos qumranitas. Embora haja diferenças significativas na forma como tais temas são articulados, é possível identificar, com base nos princípios da análise do discurso, uma continuidade estrutural entre esses dois campos textuais. Essa continuidade se manifesta não apenas em temas e fórmulas, mas também na função social e ideológica desempenhada por esses textos em seus contextos de produção.

Para além da análise textual, a dissertação também se propôs a refletir sobre as possibilidades metodológicas de aplicação dos conceitos de interdiscursividade e intertextualidade no campo das Ciências das Religiões. A esse respeito, foi desenvolvida uma proposta metodológica em quatro etapas — delimitação dos corpora, identificação das vozes enunciativas, mapeamento das relações discursivas e interpretação crítica — que visa oferecer ao cientista da religião um instrumental aplicável a outros conjuntos textuais, sejam bíblicos ou extrabíblicos, sejam antigos ou contemporâneos. Essa proposta busca suprir uma lacuna metodológica ainda pouco explorada no campo, ao mesmo tempo que preserva a liberdade epistemológica característica da área.

A proposta metodológica foi articulada, no capítulo final, à entrega de um produto profissional, consistente na elaboração de um ciclo de palestras voltado à formação de pesquisadores e docentes em Ciências das Religiões. Esse produto visa contribuir para a qualificação crítica e metodológica de profissionais da área, oferecendo caminhos para que possam aplicar os conceitos trabalhados em sua atuação acadêmica, educacional ou de pesquisa.

As palestras, organizadas em módulos temáticos, buscam apresentar de forma didática os fundamentos teóricos, as etapas da análise e os exemplos práticos discutidos ao longo da dissertação.

Ressalta-se que a proposta apresentada tem como objeto empírico específico os Manuscritos do Mar Morto, os quais constituem a base documental para a aplicação da metodologia desenvolvida. Todavia, a abordagem metodológica proposta — fundamentada nas categorias de interdiscursividade e intertextualidade — não se restringe à comparação com a literatura do Segundo Templo. Pelo contrário, ela pode ser aplicada a diferentes tradições religiosas, bem como a múltiplos contextos históricos e culturais, desde que os textos selecionados apresentem densidade discursiva e relevância simbólica. O foco desloca-se, assim, de um conteúdo fechado para uma postura analítica que compreende os textos religiosos como construções discursivas situadas, atravessadas por disputas hermenêuticas, reconfigurações ideológicas e negociações identitárias. Essa atitude crítica diante das fontes é, sem dúvida, uma das contribuições mais significativas que as Ciências das Religiões podem oferecer à pesquisa, ao ensino e à formação de agentes acadêmicos.

A interdiscursividade e a intertextualidade, nesse sentido, não são apenas categorias analíticas. Elas funcionam como dispositivos críticos que permitem desnaturalizar o discurso religioso, evidenciando seus processos de formação, suas estratégias de legitimação e seus mecanismos de poder. Ao aplicar esses conceitos aos textos fundacionais do judaísmo e do cristianismo, a presente dissertação procurou demonstrar que as tradições religiosas não se constituem como sistemas fechados, mas como campos em constante negociação e transformação.

Ao mesmo tempo, a abordagem aqui adotada procurou manter o respeito ao estatuto simbólico dos textos sagrados, evitando a redução analítica a um relativismo estéril. Ao reconhecer a reserva de sentidos que esses textos carregam, e ao assumir que a multiplicidade interpretativa é constitutiva do fenômeno religioso, a pesquisa posiciona-se de maneira crítica, mas também cuidadosa, diante da complexidade das tradições. O equilíbrio entre crítica e sensibilidade religiosa é, nesse caso, um dos desafios e méritos da abordagem proposta.

Por fim, conclui-se que os objetivos centrais da pesquisa foram alcançados. A análise empreendida permitiu verificar a presença de interdiscursividade e intertextualidade entre os textos de Qumran e a literatura cristã originária, demonstrando que essas relações discursivas são decisivas para a compreensão do cristianismo primitivo como um fenômeno enraizado no judaísmo do Segundo Templo. O produto profissional desenvolvido a partir da pesquisa

reafirma o compromisso do mestrado profissional com a articulação entre teoria e prática, oferecendo uma ferramenta aplicável e crítica ao campo das Ciências das Religiões. Ainda que não tenha a pretensão de esgotar o tema, esta dissertação oferece um caminho metodológico e teórico consistente para futuras investigações que desejem explorar, com rigor e profundidade, as complexas relações entre textos, tradições e discursos religiosos.



REFERÊNCIAS

- BAECK, Leo. *Memorial lecture*. New York: Leo Baeck Institute, 1958.
- BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões da literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BAUGH, Stephen. *Ephesians: A Commentary*. Grand Rapids: Baker Academic, 2015.
- BEALL, Todd S. *Josephus: descriptions of the Essenes illustrated by the Dead Sea Scrolls*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BÍBLIA Sagrada: Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 2018.
- BICALHO, Lucinéia; OLIVEIRA, Marlene. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em ciência da informação. *Revista Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 16, n. 13, p. 47-74, 2011.
- BOCCACCINI, Gabriele. *Roots of Rabbinic Judaism: An Intellectual History, from Ezekiel to Daniel*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.
- BOYARIN, Daniel. *Dying for God: Martyrdom and the Making of Christianity and Judaism*. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- BOYARIN, Daniel. *Border Lines: The Partition of Judaeo-Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.
- BROTZMAN, Ellis R.; TULLY, Eric J. *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. Grand Rapids: Baker Academic, 2021.
- CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- CARDOSO, Rosemary A.; AMARAL, Alencar M. Pessoas, objetos e museus: percepções do público visitante sobre os artefatos arqueológicos expostos em museus recifenses. *Cadernos do Lepaarq*, Recife, v. 17, n. 34, p. 183-208, 2020.
- CHABROL, Claude. *Semiótica narrativa dos textos bíblicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1980.
- CHARLESWORTH, James H. *The Dead Sea Scrolls: a New Translation*. New York: HarperOne, 1992.
- CHILTON, Bruce; NEUSNER, Jacob. *The Roots of Rabbinic Judaism: An Intellectual History from Ezekiel to Daniel*. London: Routledge, 1995.

COLLINS, John J. *Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls*. London: Routledge, 1997.

COLLINS, John J.; KLUGER, Robert A. *Religion in the Dead Sea Scrolls*. Cambridge: WB Eerdmans Publishing Company, 2000.

COLLINS, John J. *The apocalyptic imagination: an introduction to Jewish apocalyptic literature*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010a.

COLLINS, John J. *The Scepter and the Star: Messianism in Light of the Dead Sea Scrolls*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2010b.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Brasília: CAPES, 2019.

CORRÊA, Agenilton M.; SANT'ANA, Chandler T. A circuncisão sob dois olhares: os seguidores de Jesus de Nazaré e os sábios fariseus. *Revista Práxis Teológica*, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 1-15, 2023.

CROSSAN, John D.; REED, Jonathan L. *In search of Paul: How Jesus's Apostle Opposed Rome's Empire with God's Kingdom*. New York: HarperOne, 2007.

DONALDSON, Terence L. *Paul within Judaism: a critical evaluation from a "New Perspective"*. [s.l.]: Fortress Press, 2015.

DUNN, James D. G. *The Theology of Paul the Apostle*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

DUNN, James D. G. *The New Perspective on Paul*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

DUNN, James D. G. *The Partings of the Ways between Christianity and Judaism and Their Significance for the Character of Christianity*. [s.l.]: Trinity Press International, 2011.

DUNN, James D. G. *The Paul Debate: critical questions for understanding the apostle*. Grand Rapids: Eerdmans, 2017.

DUNN, James D. G. *Jesus recordado: o Cristianismo em seus começos*. São Paulo: Biblioteca Teológica, 2022a.

DUNN, James D. G. *Jesus, Paul, and the Gospels*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2022b.

ECHEGARAY, Humberto R. *Introducción a los Manuscritos del Mar Muerto*. Madrid: Cristiandad, 1994.

ELIADE, Mircea. *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. New York: Harcourt, Brace & World, 1959.

ELIOR, Rachel. *The Three Temples: on the Emergence of Jewish Mysticism*. Portland: The Littman Library of Jewish Civilization, 2012.

EVANS, Craig A.; FLINT, Peter W. *Eschatology, messianism and the Dead Sea Scrolls*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1995.

FALK, Daniel K. The contributions of the Qumran Scrolls to the Study of Ancient Jewish Liturgy. In: COLLINS, John J.; LIM, T. H. (eds.). *The Oxford Handbook of the Dead Sea Scrolls*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 617-651.

FARIA, José H. Epistemologia crítica, metodologia e interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; FERNANDES, Valdir. (eds.). *Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa*. Barueri: Manole, 2015. p. 91-136.

FARIA, Paulo A. C. Ciências da Religião e teologia: evolução de uma relação. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1324-1350, 2018.

FERREIRA, Amauri C.; SENRA, Flávio. Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil: o debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 249-269, 2012.

FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: UCG, 2011.

FIORIN, José L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana L. P.; FIORIN, José L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin Mikhail*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 29-36.

FIORIN, José L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria C. (orgs.). *Texto ou Discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-165.

FITZMYER, Joseph A. *The Dead Sea Scrolls and Christian Origins*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

FLUSSER, David. *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2000a.

FLUSSER, David. *Jesus and the Dead Sea Scrolls*. New York: Magnes Press, 2000b.

FLUSSER, David. *Jesus in Self-Understanding: the preexistence of Christ in Jewish and christian traditions*. 2. ed. Jerusalém: Magnes Press, 2002.

FRANCISCO, Edson F. Texto massorético. In: ACADEMIA.EDU [Site institucional]. 2020. Disponível em: [Texto_massoretico-libre.pdf](#). Acesso em: 20 jan. 2025.

FRAZER, James D. *The Golden Bough: A Study in Magic and Religion*. Oxford University Press, 2018.

GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973.

GENETTE, Gérard. *Palimpsests: literature in the Second Degree*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1982.

GOMES, Silvio. “Dois ou três...”: a relação da Mishná e do Evangelho de Mateus com a tradição oral farisaica. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 492-499, 2024.

HARRINGTON, Hannah K. *The Purity Texts*. London: T&T Clark, 2000.

HARRINGTON, Hannah K. Purity and the Dead Sea Scrolls. In: HEMPEL, Charlotte (ed.). *The Dead Sea Scrolls: texts and contexts*. Leiden: Brill, 2011. p. 334-353.

HESCHEL, Abraham J. *The Prophets*. New York: Harper & Row, 1962.

HOFFMEIER, James K. *The Archaeology of the Bible*. Oxford: Lion Hudson, 2008.

HUIDOBRO, María. *O Judaísmo Rabínico: tradições e transformações*. Buenos Aires: Sudamericana, 2020.

JOSEFO, Flávio. *Antiguidades Judaicas*. São Paulo: Paulus, 1996.

KAEFER, Elisabeth. *The Dead Sea Scrolls and the Origins of the Bible*. New York: Doubleday, 2012.

KERTZER, David I. *The Pope and Mussolini: The Secret History of Pius XI and the Rise of Fascism in Europe*. [s.l]: Randon House, 2019.

KISTEMAKER, Simon J. *Exposition of the Acts of the Apostles*. [s.l.]: Baker Academic, 2016.

KNOHL, Israel. *The Messiah before Jesus: The Suffering Servant of the Dead Sea Scrolls*. Berkeley: University of California Press, 2002.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KRISTEVA, Julia. *Desire in language: a semiotic approach to literature and art*. New York: Columbia University Press, 1980.

KRISTEVA, Julia. *El texto de la novela*. Barcelona: Lumen, 1981.

LEITE, Edgar. Os manuscritos de Qumran e a teologia do Cristianismo antigo. *Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-31, 2008.

LEITE, Edgar. Qual era o judaísmo de Paulo? *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 85-97, 2008b.

LOPES, Augustus N. A nova perspectiva sobre Paulo: um estudo sobre as “obras da lei” em Gálatas. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 83-94, 2006.

MACHADO, Jonas. Qumran e as identidades plurais no judaísmo antigo. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 105-129, 2020.

MAGEN, Yitzhak; PELEG, Yuval. *The Qumran Excavations, 1993-2004: preliminary report*. Jerusalém: Staff Officer of Archaeology, 2007.

MANSOOR, Menahem. *The Dead Sea Scrolls: A College Textbook and a Study Guide*. Boston: Brill, 1945.

MARTÍNEZ, Florentino G. *The Dead Sea Scrolls Translated: the Qumran texts in English*. Leiden: Brill, 1992.

MARTÍNEZ, Florentino G. *The dead sea scrolls translated: the Qumran texts in English*. 2. ed. Leiden: Brill, 2004.

MÁRTIR, Justino. Diálogo com Trifão. In: ACADEMIA [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: https://www.academia.edu/25883994/Di%C3%A1logo_com_Trif%C3%A3o. Acesso em: 20 ago. 2024.

MASON, Steve. *Flavius Josephus on the Pharisees: a composition-critical study*. Leiden: Brill, 2007.

MASON, Steve. *A history of the Jewish War, AD 66-74*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MCDERMOTT, Gerald R. *Israel Matters: Why Christians Must Think Differently about the People and the Land*. Grand Rapids: Brazos Press, 2018.

MCKNIGHT, Scot; OROPEZA, Brisio. *Perspectives on Paul: five views*. Grand Rapids: Baker Academic, 2020.

MILGROM, Jacob. *Leviticus 1-16: a new translation with commentary*. New York: Doubleday, 1991.

MILLARD, Alan. *Discoveries from the Time of Jesus*. Oxford: Lion Publishing, 1999.

MONTPELLIER [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://www.montpellier-france.com/discover/a-thousand-years-of-history/must-sees-in-montpellier/the-mikve/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MÜLLER, Max. *Introduction to the science of religion: four lectures delivered at the Royal Institution with essays on false analogies, and the philosophy of mythology*. London: Longmans, 1873.

NEUSNER, Jacob. *A Rabbi Talks with Jesus: an intermillennial, interfaith, and interpersonal dialogue*. [s.l.]: HarperOne, 1995.

NOGUEIRA, Ricardo S. Um olhar sobre o grego da Septuaginta. *Revista Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, p. 245-256, 2017.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

OTTO, Rudolf. *The Idea of the Holy*. Oxford: Oxford University Press, 1917a.

OTTO, Rudolf. *Das Heilige*. Oxford: Oxford University Press, 1917b.

PAIXÃO, Wallace S. A injustiça social no século VII A.E.C em Israel: uma leitura teológica a partir da literatura de Amós. *Revista Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 345-355, 2023.

PRICE, Randall. *The Stones Cry Out: What Archaeology Reveals About the Truth of the Bible*. Eugene: Harvest House Publishers, 2020.

REGEV, Eyal. *Sectarianism in Qumran: a cross-cultural perspective*. Berlin: De Gruyter, 2009.

REMAUD, Michel. *Evangelho e tradição rabínica*. São Paulo: Loyola, 2008.

REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel A.; SILVA, Valmor. Religião e literatura sagrada: matrizes teóricas e trajetórias hermenêuticas. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 18, p. 20-38, 2020.

RICOEUR, Paul. *Hermeneutics and the Human Sciences: essays on language, action and interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

ROITMAN, Adolfo. *The sectarians from Qumran: daily life of the Essenes*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.

ROITMAN, Adolfo. *The Dead Sea Scrolls and the Qumran Community*. Jerusalem: The Israel Museum, 2016.

ROST, Leonhard. *The Old Testament: a historical and literary introduction*. 2. ed. Philadelphia: Fortress Press, 1980.

SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism: a comparison of patterns of religion*. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

SANT'ANA, Chandler T. S.; FRIDMAN, Lucas L. M. Os contextos do Segundo Testamento. *Teologia em Revista*, Maringá, v. 1, n. 2, p. 63-81, 2021.

SANT'ANNA, Elcio. *Literatura e religião bíblica: um acesso a partir das Ciências da Religião*. São Paulo: Reflexão, 2010.

SCARDELAI, Enzo. *A Mishná e o Judaísmo Rabínico: formação e desenvolvimento*. São Paulo: Paulus, 2008.

SEFARIA [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Nazir.32a.5?lang=bi>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SEGAL, Alan F. *Paul the Convert: The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee*. New Haven: Yale University Press, 2010.

SELVATICI, Monica. Construção de fronteiras entre o judaísmo e o Cristianismo no Império Romano: os judaizantes e a retórica antijudaica no movimento cristão dos séculos I e II d. C. *Revista Romanitas*, São Paulo, n. 1, p. 23-37, 2013.

SHANKS, Hershel. *The Mystery and Meaning of the Dead Sea Scrolls*. New York: Vintage, 1993.

SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto: uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

SCHIFFMAN, Lawrence H. *The Halakhah at Qumran*. Leiden: E. J. Brill, 1975.

SCHIFFMAN, Lawrence H. *Reclaiming the Dead Sea Scrolls: The History of Judaism, the Background of Christianity, and the Lost Library of Qumran*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1994.

SCHIFFMAN, Lawrence H. *The Dead Sea Scrolls and contemporary culture*. Boston: Brill, 2008.

SCHIFFMAN, Lawrence H.; TZORF, Shani. *The Dead Sea Scrolls: a New Translation*. 2. ed. New York: HarperOne, 2010.

SILVA, Valmor. Do Mar Morto ao Brasil: história das publicações sobre os Manuscritos de Qumran, dos inícios a 2003. *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 34, n. 136, p. 406-416, 2017.

SKARSAUNE, Oskar. *In the Shadow of the Temple: Jewish Influences on Early Christianity*. Chicago: InterVarsity Press, 2004.

SMITH, Jonathan Z. *Imagining religion: from Babylon to Jonestown*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

SMITH, Wilfred C. *The meaning and end of religion*. Philadelphia: Fortress Press, 1962.

STEINS, Georg. Os livros das Crônicas. In: ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 210-222.

TERRA, Kenner R. C.; ROCHA, Abdruschin S. Judaísmo enoquita: pureza, impureza e o mito dos vigilantes no Segundo Templo. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 148-166, 2019.

TIELE, Cornelis P. Conceção, objetivo e método da Ciência da Religião. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *The poetics of prose*. New York: Cornell University Press, 1977.

TOV, Emanuel. *Textual criticism of the Hebrew Bible*. 2. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

UMESP. *Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião*. [s.d.]. Disponível em: <http://portal.metodista.br/posreligiao/estrutura-doprograma/linguagens-da-religiao>. Acesso em: 20 nov. 2024.

VANDERKAM, J. “Os manuscritos do Mar Morto e o Cristianismo”. In: SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 189-201.

VAN DER KAM, James; FLINT, Peter. *The Dead Sea Scrolls and the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

VAN DER LEEUW, Gerardus. *Religion in Essence and Manifestation*. New York: Harper & Brothers, 1938.

VANDERKAM, James C. *The Dead Sea Scrolls Today*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

VERMES, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. Penguin Classics, 1996.

VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

VERMES, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin Classics, 2004b.

VERMES, Geza. *The nativity: history and legend*. London: Penguin Books, 2006.

VERMES, Geza. *The Story of the Scrolls: The Miraculous Discovery and True Significance of the Dead Sea Scrolls*. London: Penguin Books, 2011.

VIEIRA, Fernando M. *Manuscritos do Mar Morto: 70 anos da descoberta*. São Paulo: Humanitas, 2017.

VLACH, Michael J. *Has the Church Replaced Israel? A Theological Evaluation*. Nashville: B&H Academic, 2010.

YOUNG, Brad H. *Paul the Jewish Theologian: a Pharisee among Christians, Jews, and Gentiles*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1997.

WOLFE, Michael. *Martin Luther's Antisemitism: A Reconsideration*. New York: University Press, 2018.

WRIGHT, Nicholas T. *Paul and the Faithfulness of God*. Minneapolis: Fortress Press, 2009.

WRIGHT, Nicholas T. *O Novo Testamento e o povo de Deus: origens cristãs e a questão de Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.